Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 735 Terça-feira, 9 de Agosto de 1988 Preço 50$00

PACOTE LABORAL

CGTP quer que volte ao TC e UGT vai debater com Cavaco a sua aplicação

Pág. 7

Falência da CEF

Emigrantes lesados protestam contra indiferença do Governo

Pág. 3

CASCAIS

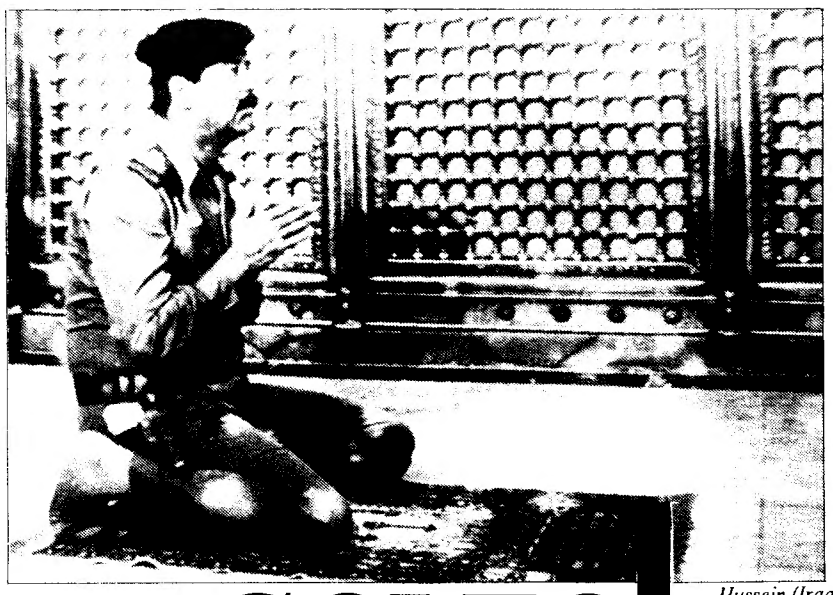
Alerta para um património de cinco séculos

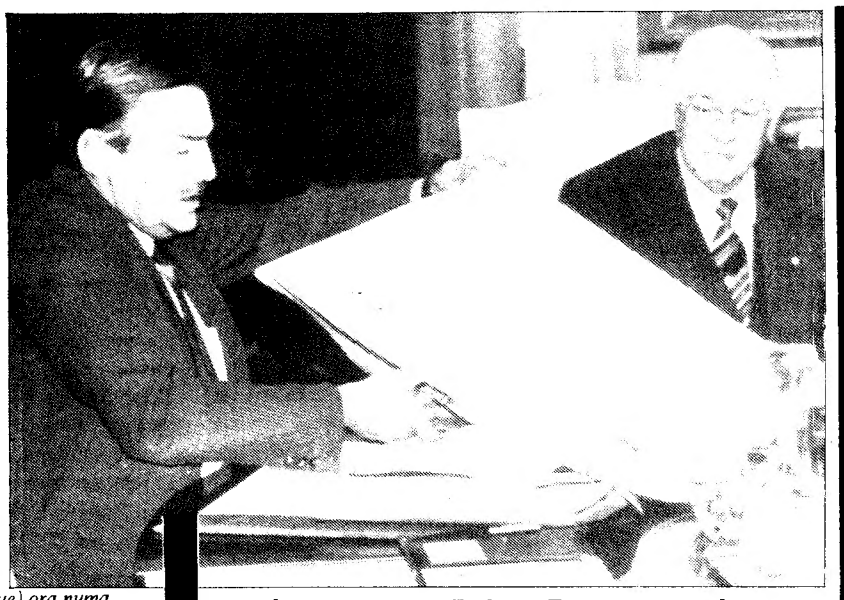
Págs. 18 e 19

Tempos livres

25 mil jovens têm férias diferentes

Pág. 6





Hussein (Iraque) ora numa mesquita e Roelof e «Pik» Botha examinam um mapa de Angola

GOLFO | ANGOLA
A TRÉGUA

Tréguas no Golfo e na África Austral: em Angola, o cessar-fogo já vigora, enquanto se aguarda o início da retirada das tropas estrangeiras; no Golfo, o supremo comandante das forças armadas iranianas ordenou que as suas tropas deixam de disparar contra as forças iraquianas, embora o cessar-fogo só entre oficialmente em vigor no dia 20 deste mês. Para Angola, a guerra vai passar a ser uma questão interna, já que a Unita se divorciou dos acordos estabelecidos com os cubanos e sul-africanos. No Golfo, é, tudo indica, o princípio da paz, após oito anos de sangrento conflito.

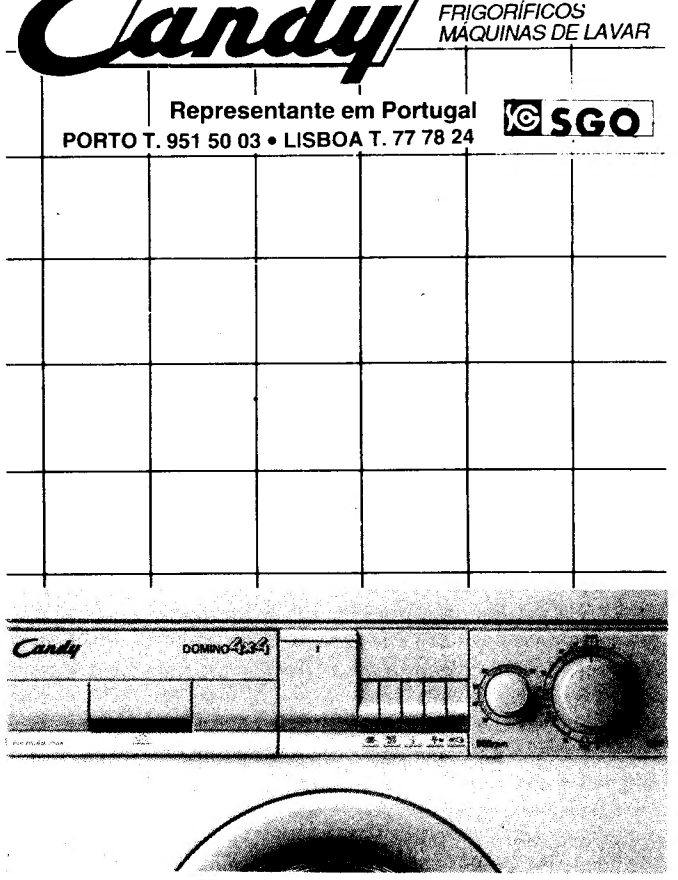
Págs. 12 e 13

URSS RETIRA DO AFEGANISTÃO: já se encontra a caminho da fronteira a primeira unidade soviética a retirar de Cabul, rumo ao norte. Trata-se de uma unidade motorizada, que incluia cerca de uma centena de viatura blindadas. Esta retirada insere-se no calendário estabelecido por Moscovo para saída total do Afeganistão, onde nos últimos anos enfrentou, sem sucesso, a guerrilha nacionalista. **Na foto:** *soldados soviéticos acenam para a multidão no momento em que deixavam Cabul.*

Candy FRIGORÍFICOS MÁQUINAS DE LAVAR

Representante em Portugal SGO

PORTO T. 951 50 03 • LISBOA T. 77 78 24



O "DL" na volta a Portugal em Bicicleta, com o patrocínio de

TINTAS DYRUP

Volta a Portugal em bicicleta

PAINEL DE INCÓGNITAS CONTINUA NO HORIZONTE

Págs. 14 a 16

Correia de Jesus defende maior participação dos emigrantes na vida nacional

"Os problemas mais candentes dos emigrantes são os que se relacionam com o ensino dos filhos, com o apoio cultural, social e jurídico às suas associações no estrangeiro, e ainda as dificuldades relativas ao regresso definitivo dos nossos compatriotas", declarou ontem o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Correia de Jesus, no termo de uma visita de dois dias ao distrito de Braga.

Correia de Jesus, que falava numa entrevista em directo ao programa de informação regional da Rádio Renascença, referiu que, nos contactos que manteve com emigrantes, se apercebeu da falta de informação que estes sofrem quando pretendem emigrar ou quando regressam, acrescentando ainda que "muitos são enganados pelos próprios compatriotas".

Na opinião daquele membro do Governo, "todos os portugueses, independentemente do lugar onde residem, têm o direito de votar nas eleições para a presidência da República e têm o direito de participar na vida política nacional".

Após ter feito um balanço da sua visita ao distrito, Correia de Jesus foi instado a pronunciar-se sobre a revisão constitucional, mas recusou-se a tecer comentários sobre o assunto alegando que se trata de uma matéria da exclusiva responsabilidade da Assembleia da República.

Correia de Jesus assina protocolos

Uma melhor reinserção dos emigrantes regressados a Portugal, é o objectivo dos dois protocolos assinado pelo secretário de Estado das Comunidades Portuguesas durante a sua visita ao distrito de Braga.O primeiro protocolo foi assinado entre aquele membro do Governo e o pró-reitor da Universidade do Minho, Carlos Bernardo.

O acordo destina-se a "conceber, preparar e implementar conjuntamente seminários, congressos, cursos e estágios sobre matérias directa ou indirectamente relacionadas com a problemática das migrações e das comunidades portuguesas no estrangeiro", tendo também o objectivo de editar obras resultantes daqueles projectos.

A colaboração entre o Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas e a Associação Industrial do Minho (AIM); foi firmada através da assinatura do segundo protocolo, cuja finalidade se prende com "o futuro desenvolvimento de acções concretas no âmbito da aplicação das poupanças dos emigrantes regressados à sua comunidade de origem".

A "guerra" FAP-Marinha

MINISTRO DA DEFESA DECIDIRÁ SOBRE "HELIS" PARA FRAGATAS DEPOIS DO PARECER DOS CHEFES DOS TRÊS RAMOS MILITARES

Nada está ainda decidido quanto à escolha do ramo militar que superintenderá as guarnições dos helicópteros das três fragatas «Meko-200» que vão equipar a Armada portuguesa, confirmou ao «DL» uma fonte do ministro da Defesa, Eurico de Melo.

Segundo a mesma fonte, a questão será «previamente discutida» pelos responsáveis dos três ramos militares mas a decisão governamental será apenas tomada em 1993, data prevista para a entrega da última das três fragatas em construção nos estaleiros de Hamburgo, na RFA.

As fragatas «Meko-200» serão dotadas com helicópteros destinados à luta anti-submarina e desde há meses que nos bastidores da hierarquia militar se trava aceso debate quanto à escolha do ramo que terá o controlo orgânico e operacional dos referidos aparelhos.

Argumentos

Do lado da Armada, considera-se mais lógico que os helicópteros, por uma questão de economia de meios e dadas as missões específicas que lhe serão atribuídas no âmbito de actuação das fragatas, fiquem dependentes daquele ramo militar. Em abono desta tese cita-se ainda o facto de a Armada ter usufruído, até 1952, de meios aéreos próprios e a circunstância de boa parte das Marinhas de guerra de outros países terem efectivos aero-navais específicos.

Pelo contrário, a Força Aérea, que tem beneficiado nesta questão do apoio do actual CEMGFA, general Lemos Ferreira, baseia-se na legislação em vigor desde 1952 , que extinguíu as anteriores aviações orgânicas do Exército e da Marinha, e no Conceito Estratégico Militar, aprovado em 1985, para defender a atribuição dos helicópteros das fragatas à FAP.

Num memorando, datado de 5 de Julho último, o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Brochado Miranda, defendia que a atribuição dos «helis» à FAP era também a «única solução» que garantia a sua «exploração eficaz sem duplicações evitáveis, sem desperdícios consideráveis e com aproveitamento integral das capacidades e competências acumuladas na Força Aérea ao longos dos anos, designadamente em colaboração com os outros ramos, mesmo em operações reais em África».

A proposta da FAP apenas admite o controlo operacional dos helicópteros quando no mar pelo comandante da fragata ou da força naval.

Noutro documento, originário do CEMGFA, contestam-se os exemplos de outros países, invocados pela Armada, citando-se nomeadamente a a guerra das Malvinas (os porta-aviões teriam usado aparelhos e pilotos da Força Aérea) e o facto de na URSS todas as unidades de helicopteros que apoiam o Exército serem tripulados por pessoal da Força Aérea.

No mesmo documento invoca-se a capacidade técnica e produtiva das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA) para considerar que, em caso de atribuição dos «helis» à Marinha, se iria «duplicar uma organização paralela com encargos elevadíssimos para o País».

Exército apoia Marinha

Entretanto, e na sequência de um despacho de 31 Maio último do Ministro da Defesa, caberá ao Conselho de Chefes de Estado-Maior «proceder à inventariação e análise das mais relevantes questões relacionadas com o equipamento das fragatas Meko 200», incluindo a «definição do Ramo que os helicópteros ficarão afectados».

Afectado no seu prestígio dentro do conjunto das FA's por privilegiar o ramo de que é originário e considerado ainda responsável pelo opção dos ultrapassados e inoperacionais caças «Corsair», o actual CEMGFA poderá perder esta «guerra» com a Armada que, entretanto, parece contar com o apoio do Estado-Maior do Exército.

Desenvolvimento tecnológico leva FAP a assinar convénio com a AIP

A importância das Forças Armadas no âmbito do crescimento tecnológico, e o carácter socio-económico dinamizador da instituição militar tanto no plano social como no plano económico, conjugados com o permanente acompanhamento da evolução técnica por parte dos seus membros, foram as principais razões que suscitaram na Força Aérea Portuguesa (FAP), e na Associação Industrial Portuguesa (AIP), o interesse em estabelecer uma cooperação efectiva nos vários domínios das suas actividades.

Desta forma, a FAP e a AIP decidiram proceder à assinatura de um convénio com vista ao estabelecimento de uma "colaboração eficaz entre as duas instituições como via privilegiada para o desenvolvimento, aproveitamento e promoção das capacidades nacionais no domínio da indústria e da tecnologia, especialmente no campo da aeronautica, assim como a execução de projectos de investigação e desenvolvimento em áreas de interesse comum".

O convénio foi assinado na passada sexta-feira pelo chefe de Estado Maior da Força Aérea, general Brochado Miranda, e pelo presidente da Associação Industrial Portuguesa, Rocha de Matos, entrando em vigor na data da sua celebração, e não possuindo limite de duração.

De acordo com as entidades envolvidas, o protocolo pretende incentivar o desenvolvimento de novos produtos, a investigação em projectos de interesse comum e o melhor aproveitamento dos recursos humanos existentes, assentando todas estas medidas em três acções específicas.

No que diz respeito às acções de informação, o convénio visa "manter cada instituição ao corrente dos planos de actividades e das potencialidades da outra, e ainda implementar a projecção nacional e internacional das realizações de cada entidade". Neste sentido, a FAP e a AIP irão proceder, entre outras coisas, à troca de informação respeitante à formação do seu pessoal, e à realização periódica de exposições, colóquios e simpósios.

O estabelecimento de programas de formação com intercâmbio de acções designadamente no que concerne a novas tecnologias, utilização de equipamentos e estudo de terminologia de importância técnico-económica, são algumas das acções de formação e especialização definidas no convénio.

Quanto à investigação e desenvolvimento, os dois organismos planeiam pôr em prática a definição de linhas gerais de investigação em domínios de interesse comum, assim como a realização de trabalhos de investigação e a consulta mútua sobre problemas específicos.

Durante a cerimónia de assinatura do convénio, Brochado Miranda considerou que, com a assinatura ficaram formalizadas "as condições básicas para que se possa promover uma efectiva cooperação entre a Força Aérea e a indústria portuguesa, no sentido de desenvolver as capacidades nacionais nos campos da indústria e da tecnologia".

"Portugal está a atravessar um periodo de grandes desafios que, se não queremos perder, temos que dar ao país a dignidade social e económica que ele merece, para o que temos que saber competir com os nossos parceiros", declarou por seu turno Rocha de Matos, que acrescentou acreditar que o convénio "poderá vir a permitir que o nosso país possa competir a nível internacional designadamente, através do desenvolvimento de certas franjas do sector industrial".

A gestão do convénio ficará a cargo de uma comissão coordenadora, com carácter permanente e constituída por três elementos de cada instituição, e ainda por grupos de trabalho constituídos de acordo com as necessidades e objectivos a alcançar.

"Autumn Force 88":

Portugal em exercícios da NATO

Melhorar a coordenação entre as forças da NATO na Europa e demonstrar a prontidão aliada são os principais objectivos dos exercicios "Autumn Force 88", que serão feitos ao longo de três meses de treinos de forças terrestres, aéreas e navais na Europa Ocidental. As manobras aliadas de Outuno envolverão este ano cerca de 250 mil homens, segundo o Quartel General da NATO em Bruxelas.

Um porta-voz do Comando Supremo Aliado na Europa (SHAPE) disse que os vinte exercicios a realizar, entre fins de Agosto e fins de Novembro, mobilizarão tropas de todos os países membros da Aliança Atlântica, à excepção da Islândia.

As "Autumn Force" deste ano, as décimas quartas manobras da série, incluem um exercicio conjunto no Mediterrâneo, a "Display Determination", uma operação de treino com perto de cem mil homens no sul da Alemanha Federal e manobras de terra e ar perto do Círculo Ártico.

Será feito ainda este ano a operação estratégica norte-americana "Reforger", testando a capacidade de a Aliança receber com eficácia tropas enviadas do outro lado do Atlântico, neste caso 17 mil soldados do Fort Riley, Kansas.

Transportes, agricultura e pecuária, formação profissional

Nigéria e Portugal assinam acordos de cooperação

Acordos no dominio dos transportes aéreos, agricultura, pecuária e formação profissional nas áreas das pescas e da medicina tropical vão ser assinados entre Portugal e a Nigéria, no âmbito da primeira comissão- mista luso nigeriana, que se iniciou ontem em Lisboa. Aquele acordo prevê a escala de aviões das linhas aéreas portuguesas naquele país africano.

Esta manhã, o presidente da delegação nigeriana, o ministro do Plano e Orçamento, Abubakar Alhaji, foi recebido pelo secretário de Estado do Tesouro e depois pelo ministro do Comércio e Turismo, Ferreira do Amaral, cabendo ao secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Durão Barroso, a presidência da delegação portuguesa.

Na sessão de abertura dos trabalhos da comissão-mista, Durão Barroso afirmou que "a experiência adquirida por Portugal nos dominios do comércio, do combate às epidemias, da urbanização e dos transportes, entre outros, deve ser partilhada com aqueles que desejarem". O secretário de Estado expressou ainda o desejo de Portugal intensificar as relações culturais, politicas e económicas que mantém com a Nigéria.

Até ao fim dos trabalhos, que terminam amanhã, Abubakar Alhaji manterá contactos com membros do Governo português e empresários. O secretário de Estado nigeriano vai ser recebido pelo ministro da Indústria e Energia e visitará as instalações fabris da Sorefame. Terá igualmente reuniões de trabalho com os representantes do Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP), Associação Industrial Portuguesa (AIP) e Investimentos e Participações do Estado (IEP).

Diz o Serviço Internacional para os Direitos Humanos

Situação em Timor é mais grave do que tem sido noticiado

O Serviço Internacional para os Direitos Humanos apresentou um relatório sobre a situação em Timor Leste, nos anos de 1985 e e1986, que considera ser muito mais grave do que foi relatado a nível internacional, na medida em que constata que um em cada 125 habitantes foi preso, torturado ou assassinado durante aquele periodo.

Este relatório deverá ser apresentado e discutido durante a 40ª sessão da Subcomissão dos Direitos do Homem, a decorrer no Palácio das Nações, em Genebra. Portugal está presente nos trabalhos com uma delegação chefiada pelo embaixador Costa Lobo, representante permanente nas Nações Unidas

Aquele orgão, também denominado Subcomissão da Luta contra as Medidas Discriminatórias e Protecção das Minorias, é composto por 26 peritos independentes, nomeados pela Comissão dos Direitos do Homem, embora participe igualmente nos trabalhos um grande número de delegações de estados membros das Nações Unidas, com o estatuto de observador, bem como representantes de organizações não-governamentais devidamente reconhecidas.

O principal objectivo desta subcomissão é a elaboração de recomendações sobre casos em que considere haver violações flagrantes dos direitos humanos. A violação dos direitos fundamentais em vários países vai ser o principal objecto de estudo durante esta sessão, no final da qual se deverão aprovar uma série de projectos de resolução posteriormente transmitidos à Comissão dos Direitos Humanos para análise na sua próxima reunião, em Fevereiro do ano que vem.

EMIGRANTES ACUSAM O GOVERNO

Desepero e incompreensão eram esta manhã os sentimentos dominantes entre as centenas de emigrantes que se juntaram em Santa Apolónia para protestar contra a forma como estão a ser tratados pelo Governo, depois terem sido burlados em mais de um milhão de contos pela falida Caixa Económica Faialense. Vieram de todas as regiões do país, aqueles que cá estão de férias, ou chegaram directamente de França, no Sud-Express, ou ao volante dos seus automóveis. Repetiram as suas queixas, viram o espanto marcado nos olhos de quem os ouvia, morderam os lábios de raiva, choraram, e ficaram como dantes - à espera de uma resposta para uma questão que já não parece deste tempo e deste país: "afinal uma pessoa pode ou não pode confiar nos bancos?"

"Enquanto os aldrabões que nos ficaram com o dinheiro andam por aí à solta e em lugares que o Governo lhes dá, a gente ficou sem nada e não há quem nos diga o que é que vai acontecer". Apesar de alguns já terem perdido as esperanças, a maior parte deles ainda acredita que poderão recuperar pelo menos o dinheiro que entregaram aos agentes da Caixa Faialense, em França e no Canadá. Por isso mesmo vieram esta manhã a Lisboa, confiados na força dos seus gritos e esperançados no poder das suas palavras. Tinham pedido autorização para se concentrar junto à a estação que à porta até tem um monumento ao emigrante e queriam desfilar em direcção ao Ministério das Finanças, Banco de Portugal e Assembleia da República. Afinal não foram autorizados a sair dali - só depois das 19H30 é que o Governo Civil permite os desfiles - e acabaram por ser ouvidos apenas pelos jornalistas.

No meio das suas múltiplas queixas, uma história comum. Viviam tranquilamente em França, quase todos eles, a maior parte das vezes nas regiões de Tours, Brest e Nantes. Tinham as suas economias em bancos franceses ou em outros bancos portugueses e um dia cederam ao canto da sereia.

"Vinha um tipo de boas falas à nossa porta, dizia que a Caixa do Faial trabalhava com o Banco de Portugal e que fazia a acumulação dos juros directamente nas nossas contas e a gente punha lá o dinheiro por causa disso", afirma um dos lesados que há dez anos vive na região de Brest. "No meu caso fui evitando entregar-lhes o dinheiro mas acabei por mandar para lá 1029 contos ". "A prova de que eles estavam de má fé está no facto de a minha operação ter sido concretizada a 8 de Agosto de 1987 e eles já estarem proibidos pelo Banco de Portugal de aceitar dinheiro desde Julho", afirma António de Almeida Santos, funcionário da Companhia de Seguros Império e residente em Tours, na altura em que se deu a falência da caixa.

No verão de 1986 foi como que um cataclismo: "a gente soube que aquilo estava a falir e alguns até ficaram doentes da cabeça". Maria do Rosário Garcia, natural do Bombarral e residente em Nantes foi uma daquelas a quem a notícia mudou o curso da vida. Esta manhã, apoiada em outras mulheres igualmente burladas, chorava e soluçava enquanto, frente a ela, um filho de 11 ou 12 anos perguntava o que é que acontecera.

Maria do Rosário viera de propósito da Bretanha ao volante do seu automóvel, sózinha com o filho, que o marido ficou a trabalhar, e enquanto se juntava aos seus companheiros de má sorte, assaltaram-lhe o carro e levaram-lhe um saco em que tinha diversos valores e todos os documentos relacionados com os seus depósitos na "caixa". "Até lá estava uma carta que eu mandei para o Banco de Portugal a dizer que entrava em greve da fome se não resolvesse isto, porque eu nunca mais parei de ter depressões desde que eles me ficaram com cinco mil contos".

Passados alguns meses sobre as primeiras notícias que davam a falência como certa, uma portaria do Ministro das Finanças, datada de Novembro de 1986, iniciava o processo de liquidação. Dias depois, em declarações à agência ANOP, o então secretário de Estado do Tesouro, garantia que "os emigrantes não perderão qualquer dinheiro" e que "as coisas estarão resolvidas no prazo de 1 ou 2 meses".

Esta manhã, passados quase dois anos, muitos dos que se juntaram em Lisboa traziam no bolso a prova de que o Governo também os enganou. Cartas que lhes foram dirigidas em Agosto de 1987, e que para muitos deles foram a última satisfação que lhes foi dada pela Comissão Liquidatária da Caixa Económica Faialense, dizem textualmente: "A regularização daquela importância (o total dos seus depósitos) encontra-se dependente da cobrança dos créditos desta instituição junto de terceiros, processo que se reveste de alguma complexidade".

Depois disso nada. Alguns conseguiram chegar à fala com um dos membros da comissão liquidatária, Ferreira da Cruz, e trouxeram de lá ainda menos esperança que aquela que a carta de há um ano lhes abria.

"O que ele me disse em Março foi que não havia solução menhuma e que se recebessemos o dinheiro era tarde ou nunca", afirmou ao "DL" um dos burlados que conseguiu chegar à fala com o "comissário" e que acrescenta : "esse está de boa fé mas não pode fazer nada". Segundo o mesmo emigrante, que avança com diversos elementos para mostrar que o modo como as economias dos portugueses do noroeste francês foram "arrebanhadas" provam indesmentivelmente a intenção de os burlar, o principal accionista da caixa, Américo Duque Neto, "anda por aí à vontade e até tem a polícia á porta para o guardar". "Ainda há pouco comprou um Mercedes 190 novo e criou 18 empresas para chupar o dinheiro que nos roubou", acrescenta.

Num baixo assinado subscrito por três mil emigrantes em Março passado acusam-se "as instâncias políticas a quem se têm dirigido" da "mais frontal indiferença" e põem-se em causaos outros administradores, para além de Duque Neto. Pior do que a indiferença com que têm sido tratados, acrescentam, é o facto de verem "premiada a fraude cometida pelos administradores da C.E.F., através da nomeação de um deles para funções políticas de alta responsabilidade, continuando os restantes a fazerem pela vida na total impunidade". Com esta frase, os emigrantes queriam referir-se ao ex-ministro Luís Morales, que foi administador da "caixa" e jhoje ocupa o lugar de delegado do Governo para a Península de setúbal, no âmbito do plano de emergência aprovado para aquela região.

Além dele, referem os nomes de João Vaz Serra e Moura e de macedo e Cunha como adminsitradores "responsáveis por tudo o que se passou e andam por aí sem que ninguém lhes peça responsabilidades".

"No fundo", disse ao "DL" um dos emigrantes burlados, "quem tem a culpa do que se passou é o Miguel Cadilhe que deixou que eles dessem cabo disto tudo".

Num comunicado esta manhã entregue aos jornalistas, a Comissão de Defesa dos Credores da CEF, que promoveu a concentração, deixa a questão derradeira: "Os fraudores da CEF encontram-se em inteira liberdade... que faz a justiça em Portugal? Porque razão não os metem na prisão? Que imagem poderemos dar da nossa pátria, do Governo e da justiça portuguesa?"

S R

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-C — Processo 1/65

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, tel. 54 88 07, e na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 KV, n.º 108/R-46, com 652 metros e origem no apoio n.º 31 da linha n.º 108-109, na freguesia de Castanheira do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Julho de 1988

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

CLUBE FUTEBOL ESTRELA DA AMADORA
ÉPOCA 1988/1989

FUTEBOL INTERNACIONAL/PARTICULAR
ESTÁDIO CFEA — REBOLEIRA

Jogo de Apresentação Equipa Principal

QUARTA-FEIRA, dia 10 AGOSTO 1988

PELAS 21.30 HORAS

C.F. ESTRELA DA AMADORA-DÍNAMO DE BUCARESTE

PREÇOS DOS BILHETES

Sócios	300$00	Superior	400$00
Bancada Lateral	600$00	Bancada Central	750$00

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

1.ª Secção Proc. n.º 149/88
3.º JUÍZO

Faz-se saber que no dia 30 do próximo mês de Setembro pelas 14 horas, neste tribunal há-de ser posto em praça para ser arrematado pelo maior lanço oferecido, acima do indicado, os bens abaixo identificados, penhorados ao executado ROPLASTO PORTUGUESA LD.ª, com sede na R. Alfredo da Silva — Portela da Ajuda — Camaxide, na execução da sentença que lhe move ARRAHONA PORTUGAL LD.ª, na 1.ª Secção do 3.º Juízo Proc.º 459/B/84 na comarca de LEIRIA e de que é depositário JOSÉ PRATAS DIOGO, residente na Trav.ª do Cascão, 9-1.º-D.to, em LISBOA, que é empregado da executada.

BENS A ARREMATAR

UMA máquina marca «Luigi Bantera SA» (origem italiana) com puxo e sistema de corte marca GOGLIAT SRL.

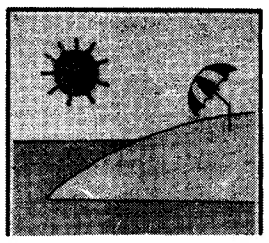
Há créditos reclamados pelo Centro Regional de Segurança Social.

Oeiras, 14 de Julho de 1988

O Juiz de Direito,
Luís Flores Ribeiro

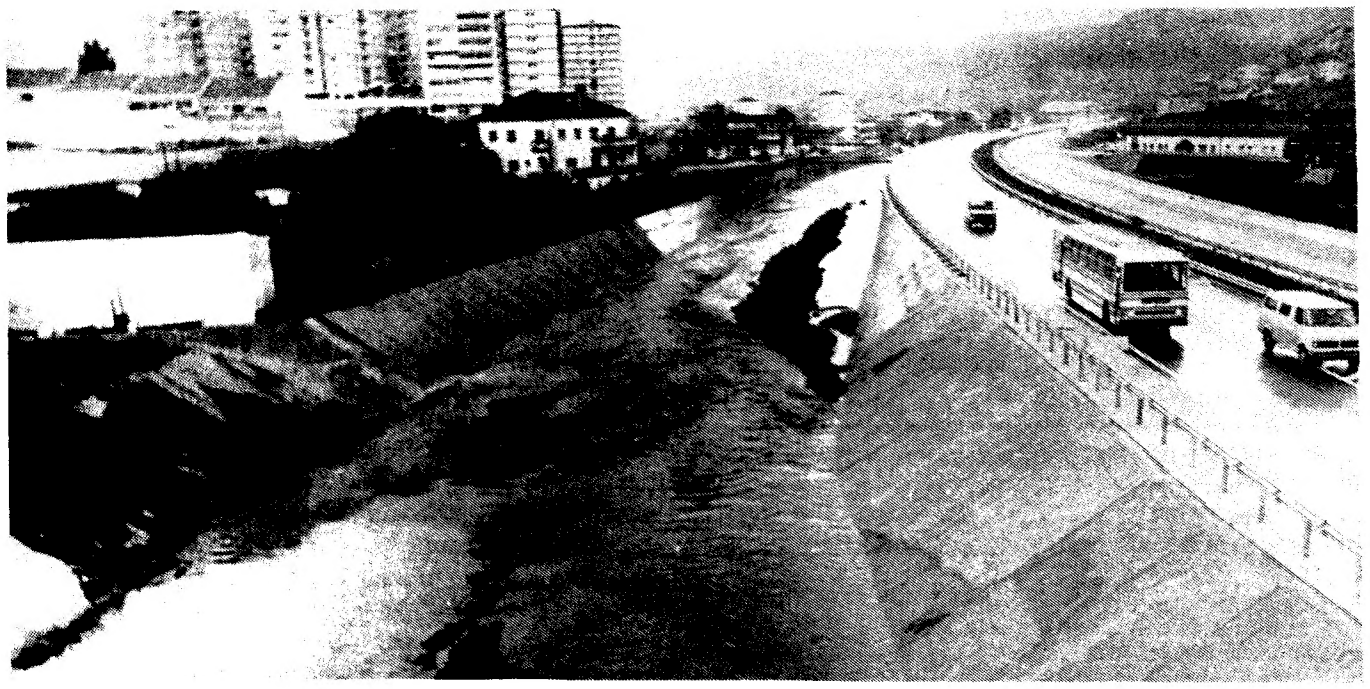
O Escrivão de Direito,
José Alberto Martinho Pereira

«DL» 9/8/88 — 1.ª pub.



NÃO
tome banho em praias sem assistência

DL NACIONAL



Via Rápida de Lisboa vai mais longe

NUMA NOVA ESTRADA PARA O PORTO LANÇO LOURES-MALVEIRA INTEGRA-SE

A construção do lanço da via rápida Loures - Malveira, cuja assinatura do contrato da empreitada presidiu esta manhã, na Câmara Municipal de Mafra, o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, é o segundo passo dado na criação de umà alternativa à ligação entre Lisboa e Porto pela Estrada Nacional n.º 1, ou a chamada Auto-Estrada do Norte, ainda por completar.

O lanço em questão, na extensão de 16,5 quilómetros e cujo custo total deverá rondar os quatro milhões de contos, foi adjudicado à empresa Mota & Comp. SA, no concurso público internacional. As obras deverão arrancar no início do próximo ano — disse ao «DL» uma fonte próxima do ministro Oliveira Martins.

A empreitada para a construção do referido troço da via rápida entre Loures (Tojal) e Malveira insere-se no Plano Rodoviário Nacional (PRN), que definiu o Itinerário Complementar n.º 1 (IC-1) como uma «via que estabelece uma nova ligação da capital com o Norte», pela região do Oeste.

Esse IC-1 passará — partindo de Lisboa e depois de Loures e Malveira — por Torres Vedras, Caldas da Rainha, Leiria, Figueira da Foz, Aveiro, Ovar, Espinho, Porto, Póvoa de Varzim, Viana do Castelo e Valença do Minho, com ligação obviamente, a Espanha, através de Tuy.

A empreitada, a cuja cerimónia de assinatura também esteve o secretário de Estado das Vias de Comunicação, Falcão e Cunha, «acarretará o descongestionamento do tráfego e o desenvolvimento económico e social de toda a região do Oeste e Norte da capital», diz o Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

Porto da Ericeira para turismo e pesca

O projecto da empreitada, que se integra no conjunto de acessos a Lisboa, prevê a ligação à rede viária adjacente, e nesse sentido, a execução de três «nós» desnivelados, no Tojal (ponto de partida), Lousa e Malveira.

Este último «nó» compreende duas ligações à Estrada Nacional n.º 8 actual, na Venda do Pinheiro e a Norte da Malveira, o segundo.

O lanço da Via Rápida entre Tojal (Loures) e a Malveira, cujo contrato de consignação da empreitada, repetimos, foi esta manhã assinado na Câmara Municipal de Mafra antes dos dois governantes se deslocarem, com as entidades autárquicas, ao local onde será construído o futuro porto turístico e de pesca da Ericeira, deverá permitir uma velocidade base na casa dos 100 km/h. Disporá de duas faixas de rodagem em cada sentido e de «vias de lentos».

A empreitada foi adjudicada à empresa Mota & Comp. SA, em 2 de Março deste ano e completará o troço da via rápida entre Lisboa e Tojal (Loures), que, como acima se diz, se integra no Plano Rodoviário Nacional.

O porto da Ericeira será lançado em meados de Setembro — disse o ministro, esta manhã ao «DL» —, constituindo o seu projecto de construção uma solução polivalente que no essencial corresponde aos desejos manifestados pela Câmara Municipal de Mafra.

Oliveira Martins, o secretário de Estado das Vias de Comunicação e demais autoridades visitaram, ao fim da manhã, o local de concessão do novo porto, cujo custo global do projecto é da ordem dos 750 mil contos.

Admite-se que o projecto, no seu conjunto possa ser programado com um prazo de execução que se alargue até finais de 1990 — disse uma fonte do MOPTC ao «Diário de Lisboa».

Alojamento paralelo

Governo promete legislação a aplicar ainda este Verão

O alojamento paralelo, imopriamete classificado de camas clandestinas, poderá sofrer um rude golpe ainda este Verão, caso o Governo mantenha a sua disposição de legislar sobre a matéria. É essa, pelo menos, a intenção do ministro do Comércio e Turismo.

Ferreira do Amaral, com efeito, adiantou esta semana em Lisboa que será publicada dentro de um mês legislação a enquadrar a obrigatoriedade do registo dos estabelecimentos destinados à exploração turística.

Num encontro com uma delegação do MRA (Movimento da Região e Progresso do Algarve), Ferreira do Amaral anunciou ainda a publicação, dentro de dois meses, da nova lei do **Timeshare,** que passará a incluir garantias precisas em matéria de investimento e gestão hoteleira para os compradores deste novo produto turístico.

De acordo com José Vitorino, presidente do MRA, o ministro do Turismo anunciou, no encontro que teve com o movimento, o desencadear de uma forte campanha de promoção no mercado inglês, que este ano registou uma acentuada quebra em Portugal.

Ferreira do Amaral disse ainda estar para breve a nomeação do director do Centro de Turismo de Portugal (CTP), em Londres, que tem estado «decapitado» desde a saída de Jorge Fellner da Costa para a TAP, na Escandinávia.

Sobre a situação que se vive no turismo algarvio, e a propósito da qual o MRA fez a entrega ao ministro de uma circunstanciada análise, Ferreira do Amaral disse que vai mandar inquirir localmente para saber em concreto qual a real situação da hotelaria algarvia.

O ministro garantiu ainda, segundo José Vitorino, não ser intenção do Governo acabar com a declaração de utilidade turística e também nada estar decidido quanto à redução dos incentivos dela decorrentes, que outras fontes governamentais já revelaram que serão «substanciais».

Ferreira do Amaral anunciou igualmente a primeira reunião da comissão de aprovação de projectos turísticos, prevista na Lei Hoteleira, sublinhando esperar que as coisas melhorem neste aspecto. Actualmente, um projecto pode demorar de seis meses a ano e meio a ser aprovado, o que tem inviabilizado muitas intenções de investimento.

Ferreira do Amaral afirmou ainda esperar «uma certa recuperação na segunda metade de 1988», face ao quadro do movimento de reservas de que dispõem os operadores!

Presidente e ministro preocupados com a situação

COMISSÃO PREPARA POLÍTICA PARA A "TERCEIRA IDADE"

Treze por cento da população portuguesa terá mais de 65 anos no ano 2 000, o que equivale a um milhão e 400 mil pessoas.

O número foi divulgado pelo ministro do Emprego e da Segurança Social, Silva Peneda, ao empossar ontem à tarde a presidente da Comissão Nacional para a Política de Terceira Idade, Raquel Ribeiro.

O ministro acrescentou que a tendência para o crescimento daquela percentagem é manifesta e que hà «problemas específicos deste grupo etário,como a sua acentuada efeminização que não deixa de suscitar problemas relativos à dependência, situação agravada pelo facto de um terço dos idosos viver com outra pessoa idosa, enquanto 17 por cento vivem sózinhos.

«Também chegámos à conclusão - prosseguiu - de que os problemas específicos deste grupo etário não são passiveis de solução satisfatória através de medidas avulsas ou de carácter exclusivamente sectorial.»

Daí a necessidade de se criar a Comissão que é um orgão interdisciplinar com a função de incentivar, promover e coordenar a preparação de um conjunto de medidas de política que, sendo executadas por diferentes departamentos da Administração Pública passarão a beneficiar de uma visão integradora, «através da qual se poderão gerar efeitos de maior rentabilidade e eficácia social».

A empossada, Raquel Ribeiro, afirmou por seu lado que na política que a comissão a que preside irá coordenar « deverá evitar-se que a imagem do idoso seja sistematicamente associada ao do reformado,aposentado ou pensionista. Esta imagem é fruto de uma concepção para com alguém que ficou fora do circuito económico da produção-consumo.»

«Será importante, acrescentou , desenvolver o conceito de que a população idosa deu o seu contributo para a construção da sociedade actual, que é portadora de valores para o país e que ainda lhe poderão ser pedidos novos papeis. Isto sem ignorar que, os muito idosos ou dependentes necessitam de uma gama variada e muito complexa de prestações de serviços quer sejam no domínio da saúde, da ajuda material, dos cuidados ao domicílio e do internamento em muitos casos. A violência dos familiares para com os idosos faz-se sentir, em geral, nestas condições.»

Raquel Ribeiro presidiu até há pouco tempo ao Centro Regional de Segurança Social de Lisboa.

À cerimónia de posse assistiram também a ministra da Saúde , secretários de Estado e diversas entidades.

Raquel Ribeiro no acto de posse da Comissão Nacional para a Política de Terceira Idade

IGPHE vai recuperar 2000 casas em Chelas

Elias Costa reconhece escassez no mercado de habitação

O ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Oliveira Martins, e o secretário de Estado da Construção e Habitação, Elias da Costa, presidiram ontem à consignação das empreitadas para a recuperação de duas mil casas degradadas na zona de Chelas, por 400 mil contos, a seis empresas de construção.

O secretário de Estado, no seu discurso, criticou as associações de construtores civis, afirmando que «melhor serviço prestariam ao País» se exercessem «a acção pedagógica e didactica que lhes cabe no que respeita à necessidade imperiosa de todos nós contribuirmos para a estabilização de preços no mercado» habitacional, em vez de criticarem os limites do crédito à habitação.

Elias da Costa disse que o volume do crédito global é «sensivelmente idêntico ao do ano passado» embora o número dos contratos celebrados diminua de 12 por cento «por força do aumento médio do crédito concedido por contrato, em resultado da tendência para a alta de preços de venda das habitações, fruto da actual escassez de oferta», que cria uma situação de desequilíbrio no mercado que o Governo deve contrariar.

Sobre a operação desencadeada com esta consignação, o responsável pela Habitação, disse ser a maior já realizada e que se insere na acção de recuperação que o Instituto de Gestão do Património Habitacional do Estado está a realizar, do qual já estão concluidas recuperações em 300 fogos e, em curso, em mil.

Por outro lado, o secretário de Estado revelou alguns números: o crédito à compra de casa atingirá cerca de 165 milhões de contos («com reforço acentuado do crédito jovem» e «sensivelmente idêntico ao do ano passado»); o crédito à construção subiu, este ano, 50 por cento na CGD e 76 por cento no INH, em relação a 1987; o crédito total ao sector (aquisição e construção) cresceu 11 por cento no primeiro semestre de 1988 em relação ao mesmo periodo de 1987, passando de 108,2 milhões de contos para 120,3 milhões.

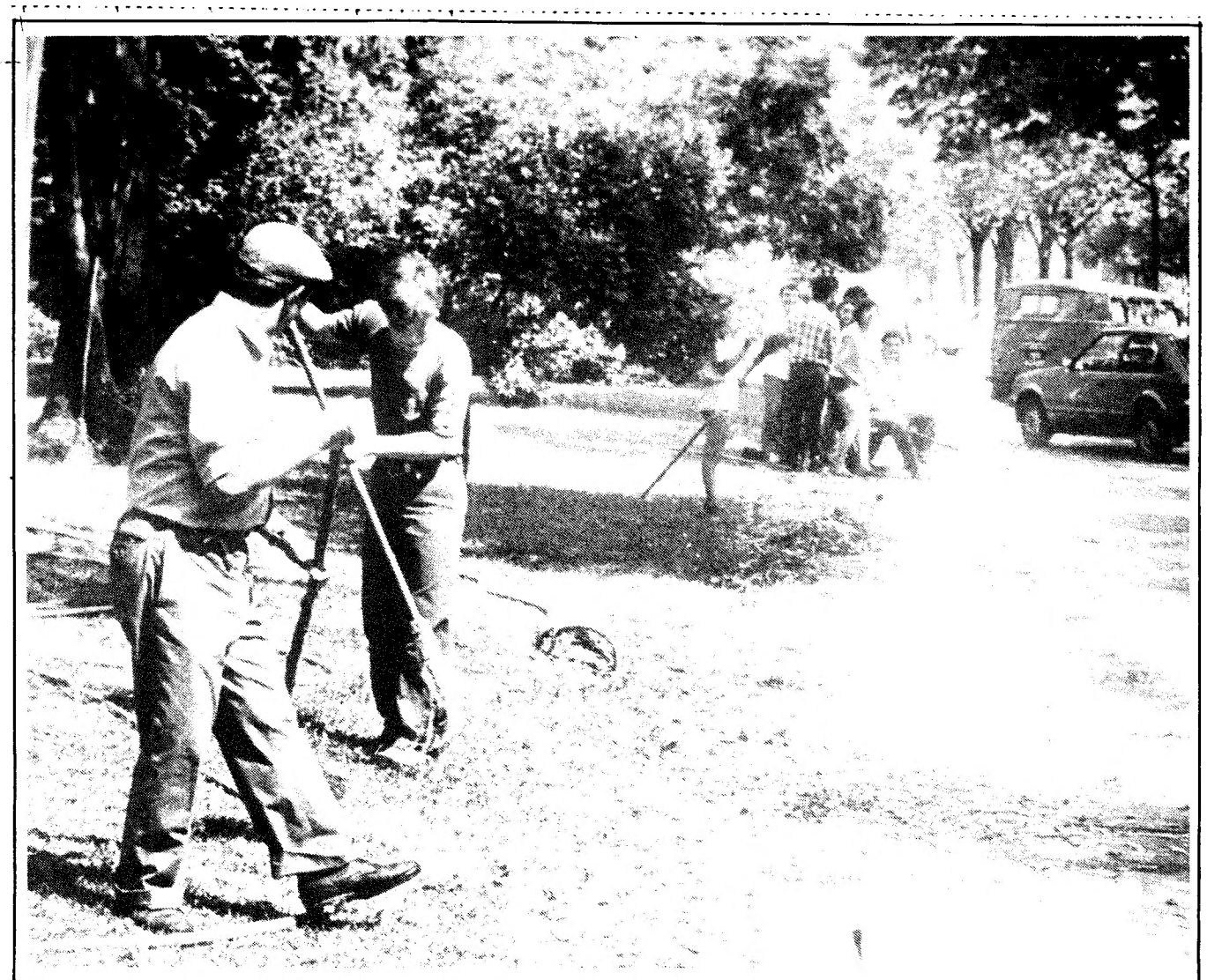
Astrosete

A OITAVA RAZÃO

Existiam sete razões para comprar o SETE . Agora existe mais uma: O ASTROSETE.
O SETE, ao completar 10 anos de uma existência povoada de astros, lança uma revista inteiramente dedicada à astrologia: O ASTROSETE.
A partir de agora vai ter à sua disposição horóscopos detalhados, indicações adicionais para o ajudar a incluir as tendências astrológicas nas decisões importantes da sua vida. Também a saúde e a alimentação têm no ASTROSETE um lugar de destaque. Os pontos fracos, as doenças típicas de cada signo e os cuidados especiais que requerem, O ASTROSETE aprofunda todas estas questões e sugere-lhe os presentes adequados para oferecer aos seus amigos, pormenores de decoração, escolha de profissões, etc.
Um sem fim de notícias sobre o que os Astros dizem dos Astros povoam esta revista, que vai acompanhá-lo ao longo de toda a semana.

Entre na órbita do ASTROSETE.

À 4.ª-FEIRA



Participando nos projectos de Verão do OTL

VINTE E CINCO MIL JOVENS PASSAM FÉRIAS "DIFERENTES"

Cerca de vinte e cinco mil jovens encontram-se, neste Verão, a passar umas férias diferentes. Têm idades compreendidas entre os quinze e os vinte e cinco anos, e participam nos projectos de Verão do programa OTL (Ocupação dos Tempos Livres).

Existindo desde mil novecentos e oitenta, ainda que tenha sofrido algumas modificações programáticas com o decorrer do tempo e mesmo uma interrupção (em mil novecentos e oitenta e quatro e oitenta e cinco) o OTL tem tido sempre como principal objectivo a promoção das potencialidades criativas e inovadoras dos jovens, através do seu envolvimento em diversas áreas de actividades integradas.

Este ano, os jovens participantes no OTL tiveram ao seu dispôr projectos que se dividiam por ocupações das áreas do «Património Cultural», «Interesse Social e Comunitário», «Património Natural», «Contacto com a Realidade Agrícola» e «Ciência e Tecnologia».

No Programa de Verão/88, que decorre de quatro de Julho a dezasseis de Agosto - recorde-se que o OTL inclui vários tipos de programas de curta e longa duração e ainda diversos programas especiais que se estendem ao longo de todo o ano - foram aprovados cerca de quatro mil e quinhentos projectos no âmbito das áreas já referidas. A preferência manifestada pelos jovens foi para a das actividades de «Interesse Social e Comunitário», na sua maioria em trabalhos virados para o acompanhamento de crianças e animação de espaços para os mais novos, seguida da área do «Património Cultural».

A ocupação útil dos tempos livres dos jovens, complementando o seu desenvolvimento integral e proporcionando o contacto com a realidade local e com áreas de especialização profissional, é o objectivo primordial de todos os projectos do OTL. E, para que se não entendam estas actividades como tendo qualquer tipo de continuidade com o emprego ou com a procura do primeiro emprego, situação que os seus responsáveis não se cansam de sublinhar, a remuneração que os jovens neles participantes recebem, da ordem dos quinhentos escudos diários, não passa duma «compensação económica», dando assim a tónica de «voluntariado remunerado» a este espaço de juventude.

O Programa de Ocupação dos Tempos Livres (OTL) é uma iniciativa do Gabinete do Ministro Adjunto e da Juventude e conta com os apoios do Ministério do Emprego e do Ministério da Segurança Social.

Características do espaço OTL

Segundo um inquérito realizado no ano passado e ao qual responderam cerca de vinte mil jovens, a maior incidência de idades dos participantes no OTL/87 situava-se entre os dezassete e os dezanove anos.

Em termos de participação por sexos, segundo nos foi afirmado por uma responsável deste programa, o número de raparigas atinge valores que se situam aproximadamente ao nível do dobro do verificado com os rapazes. Na sua esmagadora maioria todos os participantes são estudantes, situando-se a média dos níveis de escolaridade entre o 9º e o 12º anos, ou seja, ao nível do ensino secundário.

Um apontamento curioso que nos foi referido pela Drª Teresa Oliveira Dias, da Divisão de Tempos Livres do Gabinete do Ministrito da Juventude, revela que as percentagens da participação de jovens no OTL oriundos das zonas rurais e urbanas é absolutamente equilibrada em termos das acções que decorrem ao longo do ano.

Em relação às actividades dos projectos deste Verão, por distritos, Lisboa e Porto lideram a lista com o maior número de participantes, com quatro mil e dois mil setessentos e cinquenta jovens, respectivamente.

Paralelamente ao Projecto de Verão, o OTL/88 inclui ainda uma série de novos projectos, dos quais destacaremos a «Promoção do Sucesso Escolar». Com o apoio do Ministério da Educação, este projecto visa a colaboração dos jovens junto de escolas do ensino básico, com o objectivo de desenvolver várias actividades que se desenrolam no âmbito do combate ao insucesso escolar. Neste momento encontram-se já envolvidas cerca de dezassete mil crianças de trezentas e quarenta e seis escolas primárias distribuídas por onze distritos.

Em termos globais, isto é, incluindo também os programas especiais e os de longa duração, até ao final do mês de Junho, tinham-se registado cento e uma mil cento e vinte e duas inscrições de jovens, dos quais cinquenta mil quatrocentos e cinquenta e oito se encontram já em actividade.

Nos medicamentos comparticipáveis

Nome e preços devem ser "muito claros"

Cada medicamento deverá conter, na parte informativa, a sua designação como aprovada pela Organização Mundial de Saúde, ou, na sua falta, a da farmacopeia portuguesa, bem como o preço de venda ao público — determina um despacho da ministra da Saúde.

Segundo o diploma, ontem publicado no «Diário da Republica», e que complementa o recente decreto-lei sobre o sistema de comparticipações do Estado, no custo dos medicamentos, os textos ou anúncios publicitários de divulgação de medicamentos comparticipáveis pelos serviços de saúde, insertos por fabricantes, importadores ou distribuidores de produtos farmacêuticos, devem também conter o custo médio do tratamento diário.

Devem referir ainda o preço de venda ao público com discriminação dos valores suportados pelo Estado e pelo utente expressos em escudos.

A Direcção-Geral dos Produtos Farmacêuticos poderá — segundo estipula do despacho ministerial — solicitar aos editores e fabricantes, produtores e distribuidores de produtos farmacêuticos o envio de exemplares de publicação para efeitos de verificação e controlo.

O colesterol e os portugueses

Acidentes vasculares matam mais de dois em cada mil

Os acidentes vasculares cerebrais matam 237,6 portugueses em cada cem mil. A afirmação é do prof. Manuel Júdice Halpern, segundo o qual «na maior parte dos países ocidentais, a localização que mais mata é a coronária». Neste aspecto — incidência da doença coronária em geral —, Portugal apresenta uma média de 80,5 mortes em cada cem mil. Nos países da CEE esse número sobe para 144,6.

Os acidentes vasculares cerebrais são mais elevados em Portugal que na CEE, segundo disse à «Infoplus» o prof. Manuel Júdice Halpern, responsável pelo departamento de Bioquímica da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. Comparados os acidentes vasculares cerebrais em Portugal e na CEE, apresentam esta diferença: 237,6 — 110,6 respectivamente. Há, pois, mais 127,1 mortes, em cada cem mil, entre nós.

Das doenças causadas pela aterosclerose, os acidentes vasculares cerebrais (AVCs) são os que apresentam uma mais elevada mortalidade em Portugal. A aterosclerose é, de resto, uma patologia de abundância, expondo a maiores riscos as classes com maior poder de compra. O colesterol, o factor de maior risco para as doenças coronárias, é mais baixo em Portugal do que na maioria dos países ocidentais.

Existem alguns factores que explicam de uma forma geral as diferenças na incidência das doenças causadas por aquilo a que o prof. Halpern qualifica de «patologia da abundância». Entre eles, assumem especial força a alimentação nacional, menos rica em gordura — por um lado — e mais abundante em sal e álcool, por outro.

Sal e álcool mata muito

«O colesterol, o factor de maior risco para as doenças coronárias, é mais baixo entre nós do que na maior parte dos países ocidentais. Talvez devido ao facto de se comerem menos ovos, menos manteigas e margarinas. Não temos o hábito de comer ovos com bacon ao pequeno-almoço como os anglo-saxónicos, por exemplo», afirma aquele bioquímico.

Manuel Halpern sustenta que a «espécie de patologia geográfica» ilustrada pelos números, deve-se, pelo menos no caso dos acidentes vasculares cerebrais, à grande frequência de hipertensão em Portugal, causada por um consumo excessivo de sal e por uma taxa astronómica de alcoolismo.

De forma genérica, o padrão alimentar nacional caracteriza-se por um consumo relativamente baixo de proteínas, gorduras e açúcar e por um consumo elevado de peixe, azeite e produtos hortícolas, batatas e cereais, o que explica a reduzida taxa de mortalidade por doença coronária.

«Julgo que parte significativa da população ainda consome azeite. Durante um certo tempo, pensou-se que este produto não contribuía para o colesterol aumentado mas sabe-se, agora, que tem sido um efeito benéfico», disse o prof.

O docente da Faculdade de Ciências Médicas adverte, contudo, para o perigo do aumento das doenças coronárias em Portugal, na medida em que a percentagem da população com colesterol aumentado não é desprezível, especialmente nas classes com maior poder de compra.

Triglicéridos: outro perigo

Estudos sobre os lípidos indicam que, embora o colesterol muito elevado seja mais raro em Portugal do que no resto da Europa, pelo menos em termos percentuais, o mesmo não acontece com outras gorduras — os triglicéridos, que são mais sensíveis aos açúcares.

Para o prof. Halpern tais estudos, apesar de em quantidade insuficiente para serem categóricos, permitem concluir que os «triglicéridos aumentados poderão ter um papel na distribuição da aterosclerose mais na região cerebral e nas artérias periféricas e menos nas vias coronárias».

UGT E CGTP MANTÊM CRÍTICAS E "LUTA" AO PACOTE LABORAL

A UGT, a CGTP e o PCP reagiram já à promulgação pelo Presidente da República da autorização legislativa que permite ao Governo alterar as leis laborais, ontem tornada pública. Enquanto a CGTP reafirma a sua intenção de «diligenciar junto das entidades competentes para que seja suscitada a fiscalização sucessiva da constitucionalidade» da autorização legislativa, a UGT considera que ela é «um cheque em branco ao Governo». o PCP, por sua vez, recomendou ao seu grupo parlamentar que requeira a declaração de inconstitucionalidade da referida autorização legislativa.

Reagindo à promulgação da autorização legislativa do pacote laboral, a CGTP, para quem «este diploma deveria ter sido enviado ao Tribunal Constitucional», reafirmou a sua intenção de «diligenciar junto das entidades competentes para que seja suscitada a fiscalização sucessiva da constitucionalidade» da autorização legislativa, promulgada pelo Presidente da República, por considerar que esta é «formal e materialmente inconstitucional».

Se eventualmente a questão da inconstitucionalidade vier a ser suscitada por um dos órgãos competentes (Presidente da República, Presidente da Assembleia, Primeiro Ministro, Provedor de Justiça, Procurador Geral da República ou um décimo dos deputados) e o Tribunal Constitucional viesse a decidir nesse sentido, toda a legislação elaborada com base na autorização ficaria sem efeito.

Reconhecendo que o processo da fiscalização sucessiva «é moroso» por não estar sujeito a «prazos», a CGTP considera, no entanto, que «qualquer pacote aprovado na base da autorização legislativa» que Mário Soares promulgou «será inconstitucional».

Manuel Lopes, dirigente daquela central sindical, afirmou, por último, que «ainda há-se correr muita tinta até que o pacote laboral seja pacote laboral», sublinhando que o «momento decisivo» será quando o Governo aprovar o decreto legislativo propriamente dito.

Por seu lado, a UGT, apesar de considerar a promulgação do diploma «um acto normal ao exercício das competências do Presidente da República», reafirmou a «oposição da central relativamente à autorização legislativa em causa».

Segundo uma fonte do gabinete do secretário-geral da UGT, esta autorização é «um cheque em branco para o Governo».

Sublinhando que «o processo legislativo ainda não está concluído», a UGT diz confiar que, quando o Governo aprovar o decreto propriamente dito, «tanto o Presidente da República como o Tribunal Constitucional saberão agir no sentido de salvaguardar os legítimos direitos dos trabalhadores e a conformidade constitucional do diploma».

«A UGT saberá, nesse momento decisivo, reagir de acordo com as atitudes assumidas nos últimos meses», reafirmou a mesma fonte, referindo-se às decisões saída do Congresso de Braga, onde foi aprovada a convocação da greve geral, e às do Congresso Extraordinário.

PCP: deputados vão requerer inconstitucionalidade

O Partido Comunista Português foi o primeiro partido político a tomar uma posição pública sobre a autorização legislativa ao Governo promulgada pelo Presidente da República.

Segundo uma nota do SIP do PCP, aquele partido recomendou, ontem mesmo, ao seu grupo parlamentar que requeira a declaração de inconstitucionalidade da lei de autorização legislativa que concedeu poderes ao Executivo de Cavaco Silva para alterar a legislação laboral.

Para a Comissão Política do Comité Central do PCP a lei de autorização legislativa aprovada na Assembleia da República «continua, tal como a versão oportunamente chumbada pelo Tribunal Constitucional, ferida de várias inconstitucionalidades».

UGT reune-se com Cavaco

A revisão constitucional e a legislação laboral são os assuntos a debater na audiência que o Primeiro Ministro concede esta tarde à UGT.

No encontro, que se efectua a pedido da central sindical, estarão presentes os dirigentes da UGT Pereira Lopes, Torres Couto, Vítor Hugo Sequeira e Rui Santos Alves.

TS dos ferroviários acusam Conselho de Gerência da CP de desarticular a empresa

A Tendência Sindical Socialista dos ferroviários acusou o Conselho de Gerência da CP de «actuar no sentido da desarticulação total» desta empresa pública, considerando que o gestor Arménio Matias, «comissário político do PSD» na CP, «é figura de proa» nesse processo.

Entre as acusações feitas por aquela tendência sindical, figura «a dispensa, por um Conselho de Gerência incompleto, do administrador do pelouro dos recursos humanos, há 11 meses».

Um comunicado daquela estrutura refere que «neste processo de destruição da CP», o engenheiro Arménio Matias, «é figura de proa»: «fechou e fecha ramais, linhas e estações, suprime comboios que satisfaziam as necessidades das populações e cria 'novos' serviços que não servem a ninguém».

A CP, com a sua política comercial, entrou «no ridículo nacional», o que levou o Presidente da República a chamar a atenção da empresa para os «disparates que anda a fazer», observa o comunicado da Tendência Sindical Socialista.

«Todos os dias populações e autarquias se revoltam contra a prepotência da CP, incapaz de, junto do Governo, negociar alternativas credíveis de transporte», acrescenta a estrutura.

«Mas Arménio Matias não se preocupa. A sua missão é a de comissário político ao serviço de outros interesses que não os da empresa e das populações», sustenta o comunicado.

No texto, a Tendência Sindical Socialista dos ferroviários interroga sobre «qual a justificação para a compra, pelo Conselho de Gerência, de material informático, uma vez que grande parte dele continua encaixotado e sem perspectivas de utilização há mais de um ano?».

Aquela tendência sindical tece ainda outras perguntas, nomeadamente que justificações políticas pode apresentar Arménio Matias para o facto de «em dois anos da sua gestão os prejuízos acumulados se elevarem a 11 milhões de contos?».

«Será o facto de ser afilhado do Primeiro Ministro aval suficiente para tal gestão?», pergunta ainda a Tendência Sindical Socialista dos ferroviários.

Entretanto, os Trabalhadores Social Democratas (TSD) denunciaram na passada semana que um dirigente sindical da UGT, militante do PS, tinha sido metido na CP para desenvolver trabalho sindical na empresa, em detrimento do seu estatuto laboral.

Referiram, nomeadamente, que o citado trabalhador, logo após a sua entrada na CP, fora requisitado para se dedicar exclusivamente ao seu sindicato, o SINDEFER, uma das duas estruturas sindicais filiadas na UGT existentes na empresa.

Sindicato da limpeza intenta acção judicial contra a Climex

O Sindicato da Portaria, Vigilância e Limpeza afirmou que vai intentar uma acção judicial contra a Climex, por ter violado a lei da greve durante a paralisação de ontem dos trabalhadores da empresa em serviço no Aeroporto de Lisboa.

A paralisação dos cerca de 200 trabalhadores da Climex em serviço na TAP teve uma adesão de 90 por cento nos aviões e 65 por cento nos balneários e sanitários, disse um elemento do Sindicato de Portaria, Vigilância e Limpeza, que convocou a greve.

Segundo o mesmo dirigente sindical praticamento só trabalharam os contratados a prazo, porque entre os trabalhadores efectivos a adesão global foi de 98 por cento.

A direcção do sindicato acusou a empresa Climex de violar a lei da greve, ao substituir trabalhadores grevistas da limpaza dos aviões por contratados a prazo que não pertenciam àquele local de trabalho, razão pela qual vai intentar uma acção judicial contra a empresa.

Os trabalhadores da Climex na TAP/Lisboa estiveram ontem em greve para pressionar a empresa a reconhecer o direito à refeição no sector de aviões e a um vencimento mensal base acrescido de prémios no caso dos sanitários, explicou o sindicato.

Um representante da administração da Climex afirmou que «é falso» que a empresa tenha violado a lei da greve.

«Foram assalariados de lá, não grevistas, que trabalharam», acrescentou.

Trabalhadores das autarquias em greve dias 11 e 12 por Governo continuar a ignorar reivindicações

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL), que convocou para os próximos dias 12 e 13 uma greve nacional, acusou o Governo de «continuar a ignorar os problemas que afligem os cerca de 75 mil trabalhadores das autarquias».

Em conferência de Imprensa, os dirigentes sindicais do STAL e do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Serviços Municipalizados, ao explicarem as razões da greve, salientaram a «falta de vontade política do Governo em desbloquear situações que estão na origem da paralisação».

«Foi a posição anti-dialogante do Governo que levou o STAL a decretar uma greve nacional para os dias 11 e 12 de Agosto e às horas extraordinárias para os três dias imediatos do mesmo mês», disse o presidente do sindicato, Francisco Moreira.

«O Governo continua a ignorar-nos, nomeadamente através do Primeiro Ministro que afirmou desconhecer as razões da nossa luta, quando tem nas suas mãos, desde 12 de Julho último, um abaixo-assinado com 15 assinaturas que dá conta do descontentamento dos trabalhadores do sector», salientou aquele dirigente sindical.

Na origem da greve está, segundo Francisco Moreira, a redução do horário de trabalho de 45 para 40 horas semanais, a reestruturação de todas as carreiras dos trabalhadores das autarquias e a revisão salarial intercalar.

A greve nacional dos trabalhadores da administração local irá afectar, segundo Francisco Moreira, todos os serviços do sector, designadamente Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais e serviços municipalizados, como a recolha do lixo e o abastecimento de água.

Segundo o sindicato, um trabalhador da administração local ganha, em média, 34 mil escudos.

Números oficiais sobre trabalho infantil são "surpreendentes" — *considera a CGTP*

A CGTP criticou os números sobre trabalho infantil divulgados pelo ministro do Emprego e Segurança Social e acusou o Governo de falta de vontade política para dotar a Inspecção Geral de Trabalho dos meios necessários.

«Toda a gente vê crianças a trabalhar menos a Inspecção Geral de Trabalho», afirma, em comunicado, a central sindical.

A Intersindical acrescenta que, só no distrito de Braga, o movimento sindical detectou mais de 400 casos de trabalho infantil, devidamente identificados.

O ministro do Emprego, Silva Peneda, disse recentemente que a Inspecção Geral de Trabalho detectou 124 casos de trabalho infantil, num universo de cerca de um milhão de trabalhadores de 44 mil empresas.

«A CGTP sabe - o senhor ministro também - que são, no mínimo, surpreendentes os dados agora divulgados, tanto mais que se conhece a grande dimensão deste autêntico escândalo nacional», afirma no comunicado a central sindical.

A CGTP reafirma que mais do que um problema meramente laboral, o trabalho infantil é «um problema social que passa pelo insucesso escolar, a degradação das condições de vida das famílias, a existência de um patronato ávido de lucro rápido e pouco escrupuloso e mecânismos de fiscalização ineficazes».

Emigrantes geram o caos nas ruas de Castelo Branco

Em Castelo Branco, de acordo com um porta-voz da Divisão Distrital de Trânsito da PSP, o afluxo de milhares de viaturas de emigrantes, sobretudo oriundos de França, está a gerar o caos naquela cidade.

Segundo a mesma fonte, o trânsito às segundas-feiras já é bastante difícil em virtude da realização do mercado semanal, com a vinda de muitas pessoas das localidades vizinhas, mas no mês de Agosto, a situação é agravada pela presença dos automóveis dos emigrantes em férias.

Refere a Brigada de Trânsito que a presença dos emigrantes que se passeiam pelas ruas de Castelo Branco, deixando as suas viaturas estacionadas de «qualquer maneira», torna a missão dos agentes bastante difícil.

Informa, entretanto, a Câmara Municipal de Lisboa que, devido a obras da EDP, vai ser vedado pelo período de um mês, com início a partir de amanhã, o trânsito no troço da Rua do Lumiar, entre a Calçada de Carriche, e a Rua Alexandre Ferreira.

Como alternativa, os automobilistas terão de circular pela Calçada de Carriche até ao cruzamento com o Paço do Lumiar (no sentido da entrada em Lisboa), mantendo-se a circulação pela Rua Alexandre Ferreira e Estrada do Desvio (no sentido da saída da capital.

Ensaiador do Rancho de Alcanhões não morreu

Foi de 41 feridos e quatro mortos o balanço do trágico acidente registado na madrugada de ontem, na Benedita, Alcobaça, com um autocarro da Rodoviária Nacional, não se confirmando felizmente a morte de Joaquim Fernando Teofisto, ensaiador do Rancho Folclórico de Alcanhões, no distrito de Santarém, cuja filha de cinco anos faleceu, tendo a mulher ficado ferida com gravidade.

No Hospital Distrital de Santarém deram entrada 11 feridos, três dos quais já tiveram alta, encontrando-se cinco em observação e três internados (José Trindade Leonor, o motorista do autocarro sinistrado, Cremilde Cordeiro e José Palmeiro Conceição).

Ao Hospital Distrital de Leiria chegaram seis feridos, dois dos quais tiveram alta (Maria João Silva Ferreira e Maria Fernanda Silva Pereira), enquanto os restantes quatro foram transferidos para outras unidades devido à gravidade do seu estado:

Enquanto isto, o secretário de Estado dos Transportes Internos, Carlos Costa, ordenou a abertura de um inquérito no prazo máximo de 72 horas às circunstâncias que rodearam o acidente, ocorrido quando o autocarro, que transportava sobretudo elementos do Rancho de Alcanhões, foi embater nas traseiras de um camião.

A comissão de inquérito será integrada por representantes da Direcção-Geral de Viação e da Direcção-Geral de Transportes Terrestres.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

SEIS VEZES MENOS FOGOS ESTE ANO EM PORTUGAL

Os fogos em Portugal foram seis vezes menos nos meses de Junho e Julho relativamente a igual período do ano passado — disse uma fonte do Serviço Nacional de Bombeiros.

A mesma fonte referiu que, nos meses de Junho e Julho deste ano, arderam em Portugal pouco mais de dois mil hectares de floresta, número bastante reduzido se comparado com igual período de 1987 em que foram pasto das chamas quase 33 mil ha.

O Serviço Nacional de Bombeiros, de acordo com dados fornecidos, revela que nos dois primeiros meses «quentes» (Junho e Julho) de 1987 houve em Portugal 8501 fogos rurais (agrícolas e florestais), tendo-se registado, em igual período deste ano, 1672.

Tomando como ponto de referência apenas o mês de Julho (atendendo a que Junho foi particularmente chuvoso), foram este ano combatidos, entre o dia 1 e o dia 31, 1361 fogos, que correspondem a uma área ardida de 1676,8 ha. Em relação ao mesmo mês do ano passado, os fogos combatidos foram 5941, que queimaram uma extensão de 26 258,4 ha.

Também a média de hectares por fogo, em Julho de 1987, é substancialmente mais alta do que a registada este ano. De 4,4 no ano transacto desceu este ano para 1,2 ha.

Esta diminuição de fogos rurais deve-se, refere o SNB, «ao reforço dos meios disponíveis, sobretudo a nível terrestre, além das condições climatéricas».

«Este ano — disse uma técnica do serviço — constituíram-se mais grupos de intervenção (há actualmente cerca de 247 em todo o País) e aumentou a interligação entre as várias entidades que combatem os incêndios. A existência de brigadas helitransportadas também leva à diminuição de fogos.»

A área do País em que se verificou, no mês de Julho deste ano, uma maior diferença no número de fogos, em relação ao mesmo mês de 1987, foi a zona Norte. Esta zona registou, no mês passado, 341 incêndios, tendo sofrido, no mesmo mês de 1987, 3084.

A zona Centro teve, em Julho de 1987, 811 fogos rurais, com uma área ardida de 1674 ha. Em Julho deste ano arderam 102,4 ha, resultado de 137 incêndios.

No resto do País houve igualmente uma diminuição de fogos. A zona de Lisboa e vale do Tejo passou de 1625, em Julho de 1987, para 595, no mesmo mês deste ano, e o Alentejo desceu de 307 para 167.

No Algarve verificou-se, no entanto, um aumento de incêndios: de 114 em Julho de 1987 passa em 1988 para 121, embora a área seja menor.

Entretanto, um incêndio que deflagrou ontem ao fim da tarde, na freguesia de Ceira, concelho de Coimbra, consumiu cerca de mil metros quadrados de mata e pinheiros, revelou uma fonte dos Sapadores Bombeiros daquela cidade.

A mesma fonte acrescentou que o sinistro ocorreu na Quinta da Fonte, nas proximidades da estrada do lugar de Carvalhosas.

Alerta à esquadra da zona não evitou assalto

Roubados quatro mil contos a locatários em férias no Estoril

Aproveitando a ausência dos locatários, em gozo de férias na zona do Estoril, desconhecidos assaltaram, na madrugada de ontem, uma residência localizada no 4.º andar direito do n.º 37 da Rua Andrade, aos Anjos, em Lisboa, de onde levaram dinheiro e vários artigos, no valor de quatro mil contos.

Para além de se apoderarem de objectos em ouro, dinheiro português e espanhol, um vídeo, uma máquina fotográfica, um gravador, relógios e três toalhas bordadas provenientes da ilha da Madeira, os assaltantes, que entraram na residência com a ajuda de um pé-de-cabra, destruíram mobiliário e peças de cerâmica, entre as quais um valioso jarrão chinês de porcelana.

Uma vizinha, que se apercebeu do assalto, alertou a esquadra da zona, mas quando um dos agentes da PSP chegou ao local de pistola em punho já os «amigos do alheio» estavam a recato.

Caça controlada em Silves às rolas e aos pombos bravos

Numa zona controlada da serra de Silves, 70 caçadores de todo o País, seleccionados após concurso, vão dedicar-se à caça, às rolas e aos pombos bravos entre 15 do corrente e 29 de Setembro, não podendo abater mais do que 10 aves da mesma espécie em cada uma das incursões.

Igualmente para a mesma zona, encontram-se, entretanto, abertas até ao dia 31 deste mês, para sorteio a realizar em 12 de Setembro, as inscrições para a caça à perdiz.

Para o efeito, podem inscrever-se todos os caçadores nacionais ou estrangeiros devidamente legalizados, junto da Câmara Municipal de Silves, não podendo os escolhidos abater, a partir do dia 2 de Outubro, mais do que três peças em cada uma das incursões cinegéticas.

Emigrante electrocutado em casa dos sogros

Joaquim Augusto de Abreu Faria, emigrante português em França, que se encontrava a passar férias na sua residência em Vila Verde, no distrito de Braga, morreu ontem electrocutado quando fazia a instalação eléctrica na casa dos sogros, na freguesia de Pedome.

Para proceder à montagem com segurança, o emigrante solicitou ao sogro que cortasse a energia no quadro geral, que logo que terminado o trabalho mandou abrir, embora ainda se encontrasse com as mãos nos fios eléctricos.

Joaquim Faria foi conduzido ao Hospital de Vila Verde numa ambulância dos bombeiros locais, mas acabou por falecer no Hospital de S. Marcos, em Braga, para onde fora transportado devido à gravidade do seu estado.

Nos aeroportos de Lisboa e Faro

Entrada de turistas aumentou

As entradas de turistas nos aeroportos de Lisboa e Faro atingiram em Julho um total de 292 766 pessoas, o que representa um aumento de 13,4 por cento relativamente a igual período de 1987, disse à agência Lusa fonte oficial.

O número de turistas que entraram pelo aeroporto de Faro totalizou o mês passado 177 501 pessoas contra as 161 561 verificadas em Julho do ano transacto, o que reflecte um crescimento de 9,9 por cento.

Os cidadãos britânicos lideraram em Julho o fluxo turístico no aeroportto de Faro com 111 291 entradas, uma quebra de 0,3 por cento comparativamente com período homólogo de 1987.

O maior crescimento verificou-se no turismo alemão-federal, o qual foi superior em 35,1 por cento no mês passado, seguido do francês, com 14,9 por cento.

O fluxo de norte-americanos para o Algarve foi aquele que sofreu uma maior quebra tendo em Julho totalizado 479 chegadas contra as 740 ocorridas no mesmo mês de 1987.

Relativamente ao aeroporto da Portela houve um aumento em Julho deste ano da ordem dos 19,2 por cento, tendo entrado 115 265 turistas contra os 96 713 que chegaram em período homólogo de 1987.

Em Lisboa, o maior crescimento pertenceu aos espanhóis com 25,8 por cento das chegadas, seguidos dos franceses, com 21,6 por cento e dos britânicos, com 21,1 por cento.

Os turistas norte-americanos que entraram pelo aeroporto de Lisboa o mês passado cifraram-se em 17 135 pessoas, ou seja, mais 17,6 por cento do que o registado em Julho de 1987.

Em termos de fluxo turístico ocorrido no primeiro trimestre do ano as receitas ascenderam a 64,4 milhões de contos (470 milhões de dólares), um aumento de 25,6 por cento em escudos e de 29,8 por cento em dólares relativamente a igual período de 1987.

As despesas totalizaram 13,7 milhões de contos (100 milhões de dólares), um crescimento de 10,4 por cento em escudos e de 13,6 por cento em dólares.

Ainda em relação aos primeiros trimestres de 1987 e 1988, o saldo cresceu 30,5 por cento em escudos e 35 por cento em dólares.

As receitas turísticas foram em 1987 de 300 milhões de contos prevendo o Governo que aquelas aumentem este ano para 350 milhões de contos.

Populares destruíram escritórios da Mibal

BARQUEIROS: ONDE OS SINOS DOBRAM EM DEFESA DO AMBIENTE

Os barqueirenses destruíram ontem à tarde parte dos escritórios da Mibal, a empresa que explora as minas de caulino existentes no centro da freguesia, a dez quilómetros de Barcelos, a cujo concelho pertence. Reagindo contra alegadas agressões e impropérios de vigilantes da «Mibal», a população escaqueirou parte das instalações.

A calma voltou esta manhã a Barqueiros, porque nenhum dos funcionários da Mibal compareceu no local. «Os homens da empresa não vieram, pelo que não há razão para que isto não esteja calmo», disse esta manhã ao «DL» o presidente da junta de freguesia, Augusto Rosmaninho.

Segundo ele, os barqueirenses «têm vindo a ser provocados constantemente pelos capangas da empresa» que, acrescentou o autarca, «fazem gestos pouco edificantes para as senhoras. Mas ontem (2.ª-feira) foram demasiado longe, agredindo três pessoas da terra e uma de fora», disse.

Os sinos tocaram a rebate, como é costume em Barqueiros sempre que as relações com a Mibal, ou as iniciativas desta, não são bem acolhidas pela população. Ora, quando ontem — disseram-nos esta manhã — «começaram a bater nos habitantes de Barqueiros, foi com o propósito deliberado de desafiar toda a população. Os resultados estão à vista, apesar de termos vindo a pedir-lhes que tenham calma e a alertar as autoridades», frisou Augusto Rosmaninho ao «DL».

O caulino do desassossego

Um dos responsáveis da Mibal disse recentemente que não seria extraído caulino enquanto o Governo não o autorizasse.

Apesar dessa promessa, o presidente da Assembleia de Freguesia de Barqueiros afirma que «nunca mais haverá paz se a empresa continuar a trabalhar no centro de Barqueiros».

A estrada que liga Barqueiros a Apúlia e Esposende foi, entretanto, novamente «cortada» por populares, depois de ter sido aberta ao trânsito no domingo, por mor do «encontro de emigrantes» que decorreu na Apúlia, no domingo.

Poucas horas se manteve aberta: ontem, com efeito, depois da alegada intervenção de homens da Mibal (que «foram pagos pela empresa e se faziam deslocar num Volkswagen branco, cheio de pessoas» — na opinião de Fernando Pereira), voltou a ser interrompida.

Os homens, que Fernando Pereira diz serem «capangas contratados pela Mibal», partiram logo depois das agressões e «começaram aos tiros à saída de Barqueiros, afugentando as pessoas que ali se encontravam».

Ao fim da tarde, os sinos tocaram a rebate, tendo-se concentrado «grande parte da população junto aos terrenos da empresa e começado a destruir um poço e tudo o mais que lá havia», afirmou a mesma fonte.

Novo hotel (Alif) para Lisboa...

Uma empresa de construções e empreendimentos vai investir cerca de um milhão de contos na edificação de um hotel em Lisboa que terá em princípio a classificação de quatro estrelas.

O Lisboa Alif Hotel, que começará a ser construído em Setembro, terá a capacidade de 117 quartos. Equipados com televisor a cores, ar condicionado, minibar e telefone directo, três salas de reuniões para 60 a 100 pessoas cada, um restaurante, diversos bares e uma zona comercial de apoio.

Segundo Nazir Ibrahim, gerente de empresa, a nova unidade hoteleira será composta por um edifício com duas caves e 10 pisos elevados, representando uma área de construção de 10 500 metros quadrados.

Para a construção do edifício, que se situa na zona do Campo Pequeno, a Cosemp assinou um contrato de empreitada com a empresa Edifer, que se comprometeu a ter as obras prontas dentro do prazo de 20 meses.

A gestão do Lisboa Alif Hotel ficará a cargo da Cosemp, empresa constituída em 1980 com capital totalmente nacional, e cujos sócios estão ligados ao Hotel Dom Manuel, em Lisboa.

Nazir Ibrahim garantiu que o novo empreendimento vai «apostar fortemente na qualidade» porque «só assim se compreende a existência de mais uma unidade hoteleira no centro de Lisboa».

...e um "Império" para Torres Vedras

A oferta de alojamento na região do Turismo do Oeste (RTO) aumentou com a abertura de um novo hotel, em Torres Vedras, com 50 quartos, dos quais 27 já em funcionamento.

O Hotel Império, construído no centro de Torres Vedras a partir de um chalé do princípio do século, é um duas estrelas com restaurante, cafetaria, pastelaria, bar, esplanada, garagem e uma extensa área para reuniões e banquetes com capacidade para 300 pessoas.

O custo total do empreendimento é de 120 mil contos e ficará completamente pronto em 1980 com a finalização das obras dos restantes quartos.

Actualmente, a unidade, que emprega 40 trabalhadores, está ocupada essencialmente por turistas holandeses, franceses e alemães mas no Inverno, Mário José Alves, o seu gerente, pensa contar com pessoas do Norte do País que procuram aquelas paragens em viagens de negócio.

VILA DE OEIRAS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

MUNICÍPIO DA AMADORA

COMUNICADO

ALTERAÇÃO DO SISTEMA DE LEITURAS E COBRANÇAS NO MÊS DE AGOSTO

Informam-se, os Srs. Consumidores de água do Concelho de Amadora que, por motivo de férias do pessoal, a leitura e cobrança não será efectuada na morada de consumo como habitual.

Assim, a liquidação dos recibos de Maio/Junho deverá ser feita nos seguintes locais:

POSTO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA AMADORA — Rua das Forças Armadas, n.º 14 — Mina — Amadora
— recibos da área 5, zonas: 13, 15, 20 e 70.

JUNTA DE FREGUESIA DA FALAGUEIRA — EXCEPTO ÀS TERÇAS-FEIRAS
— recibos da área 5, zonas: 05, 07 à 10, 64.
— A zona 64 poderá ser liquidada na **DELEGAÇÃO DA VENDA NOVA** ÀS TERÇAS-FEIRAS.

ESCOLA PRIMÁRIA DO CASAL DE S. BRÁS
— Rua Francisco Bugalho Casal de S. Brás.
— recibos da área — 5, Zonas: 87 às 90, 94.

JUNTA DE FREGUESIA DA VENTEIRA
— recibos da área 5, zonas: 21, 24 a 26.

JUNTA DE FREGUESIA DA REBOLEIRA
— recibos da área 5, zonas: 27 à 31, 45 à 47.

POSTO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA BRANDOA — Rua António Boto — Brandoa.
— recibos da área 5 — zona: 50 à 56.

POSTO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA DAMAIA
— Largo Alexandre de Gusmão — Damaia.
— recibos da área 5 — zonas: 34 e 36.

Lembram-se, os consumidores que, o pagamento dos recibos, deve ser efectuado nos locais atráas indicados, até 12 de Setembro sem juros, e de 13 a 26 do mesmo mês, com o acréscimo de 2% de juros de mora.

Os SMO agradecem a colaboração dos Srs. Consumidores para esta alteração.

Oeiras, 5 de Agosto de 1988

O PRESIDENTE DO CONCELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Isaltino Afonso Morais

Orquestra Sinfónica da RDP

RDP

TEMPORADA 87/88
RUÍNAS DO CARMO

Dia 9 de Agosto de 1988
21.30 h

MAESTRO
Silva Pereira

SOLISTA
Liliana Bizineche (Mezzo-soprano)

1.ª PARTE

Benvenuto Cellini
Abertura op. 23
Berlioz

Ária da ópera «Mignon»
Thomas

Ária da ópera «Sansão e Dalila»
Saint-Saëns

Ária da ópera «Adriana Lecouvreur»
Cilea

Habanera da ópera «Carmen»
Bizet

2.ª PARTE

Sinfonia n.º 5 em Mi menor, op. 64
Tchaikovsky

I — Andante; Allegro con anima
II — Andante cantabile, con alcuna licenza
III — Valsa: Allegro moderato
IV — Finale: Andante maestoso; Allegro vivace

ENTRADA LIVRE

COLABORAÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Desemprego desacelera na CEE

O número de desempregados na Comunidade Europeia situava-se, em Junho, em 15,4 milhões, uma quebra de 55 000 ou 0,4 por cento relativamente a Maio, anunciou o departamento estatístico da Comunidade.

A taxa de desemprego, corrigida das variações sazonais, mantinha-se, no conjunto das 12 nações, em 10,4 por cento, a mesma que no início do ano mas ligeiramente abaixo dos 10,7 por cento registados em Junho de 1987.

Desde o início do ano o desemprego tem aumentado acentuadamente na Itália e na Dinamarca, mas decrescido na Grã-Bretanha e na Espanha.

A tendência geral para a baixa desacelerou na Bélgica, Luxemburgo e Portugal e acelerou na França, Irlanda e Holanda, precisa o Eurostat.

Eis as taxas de desemprego, corrigidas das variações sazonais, em percentagem e por país:

	JUNHO 1988	MAIO 1988	JUNHO 1987
Bélgica	10,6	10,6	11,6
Dinamarca	6,8	6,6	5,8
Alemanha Fed.	6,7	6,7	6,6
Espanha	20,2	20,4	21,3
França	10,3	10,2	10,6
Irlanda	18,8	18,7	19,4
Itália	12,3	11,9	10,8
Luxemburgo	2,8	2,8	3,1
Holanda	10,2	9,9	9,9
Portugal	6,4	6,5	6,8
Grã-Bretanha	8,6	8,8	10,5

O Eurostat não divulgou números para a Grécia, país que calcula a sua taxa de desemprego de acordo com critérios distintos dos restantes países da CEE.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$00	56$00
ALEMANHA FED. (marco)	79$90	81$10
ÁUSTRIA (xelim)	11$35	11$55
BÉLGICA (franco)	3$626	3$876
BRASIL (cruzado)	$349	$549
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$75	128$25
(notas de 5 a 1000)	126$25	128$75
DINAMARCA (coroa)	21$00	21$40
ESPANHA (peseta)	1$189	1$309
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	152$25	155$75
(notas de 5 a 1000)	152$75	156$25
FINLÂNDIA (marka)	33$95	34$55
FRANÇA (franco)	23$70	24$40
HOLANDA (florim)	70$80	71$90
IRLANDA (libra)	216$55	220$55
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	1$098	1$153
NORUEGA (coroa)	22$10	22$60
REINO UNIDO (libra)	259$65	264$15
SUÉCIA (coroa)	23$40	23$90
SUÍÇA (franco)	95$70	97$20
VENEZUELA (bolívar)	3$923	4$923

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

BOLSA ANIMA NA PRIMEIRA SESSÃO

Apesar dos esporádicos momentos de animação que — tal como aconteceu na última sessão da passada semana — de ora em quando, agitam o mercado oficial de acções, o movimento bolsista mantem o seu ritmo adormecido, registado neste mês de Agosto. É neste contexto que o panorama registado na sessão de hoje foge ligeiramente ao até agora conhecido.

Depois da semana transacta ter fechado com um leve crescimento do movimento, a abertura da semana veio confirmar este cenário de recuperação de alguns preços, mas ainda suportados por uma limitada procura de títulos no mercado oficial de acções.

Assim, hoje cerca de um quarto das empresas cotadas nesse mercado registaram uma subida dos seus preços, depois desse grupo ter, sexta-feira passada, recolhido um quinto do total. O total das que viram descer ou manter-se as suas cotações manteve-se em trono, respectivamente dos 17 e 27 por cento, enquanto as que se não registaram qualquer transação passaram de 38 por cento, na última sessão da semana passada, para 28 por cento.

Subidas

FINAGRA - 1.720$ (transacionadas 20 acções; preço anterior: 1.680$); VIDAGO - 2.180$ (70; 2.100$); TRIUNFO - 1.210$ (500; 1.200$); MOTA - 5.300$ (500; 5.250$); ENGIL - 1.740$ (20; 1.720$); SOMAGUE - 5.200$ (30; 5.150$); R.VALOURO - 2.000$ (40; 1.850$); P.FERNANDES - 2.100$ (2738; 2.060$); SABEL - 2.400$ (110; 2.060$); INFORGAL - 3.700$ (30; 3.520$); TRANSBEL - 1.500$ (410; 1.450$); COPAM - 3.460$ (10; 3.400$); ARBORFIL - 3.300$ (30; 3.200$); E.IMPÉRIO - 1.350$ (50; 1.200$); PENINA - 3.400$ (440; 3.300$); TERTIR - 2.660$ (200; 2.640$); MARCONI (port.) - 12.950$ (3486; 12.900$); CAIMA - 12.350$ (1865; 12.250$); NOVEMBAL - 2.640$ (20; 2.500$); B.P.I. (port.) - 7.200$ (464; 7.100$); LUSOLEASING - 16.500$ (30; 16.200$); B.MANUFACT.HANOVER (port.) - 6.250$ (1366; 6.200$); B.C.I. (port.) - 7.100$ (20; 7.050$); B.C.I. (nom.) - 5.000$ (280; 4.800$); P.CAVALEIROS - 2.440$ (240; 2.400$); MABOR - 4.460$ (1191; 4.420$); B.C.P. (port.) - 95.100$ (37; 94.900$); HELLER - 6.000$ (90; 5.900$); POLIMAIA - 2.400$ (387; 2.380$); CRISAL - 3.400$ (120; 3.300$); VISTA ALEGRE - 5.200$ (8; 5.000$); S.P.SEGUROS - 13.000$ (48; 12.700$); CEREXPORT - 2.240$ (100; 2.220$); MUNDICENTER - 8.400$ (200; 8.000$); HIDROPROJECTO - 1.590$ (260; 1.560$); CABELTE - 4.280$ (200; 4.120$); INAPA - 18.600$ (142; 18.550$); S.CAETANO - 6.000$ (40; 5.500$); ARISTON - 3.480$ (50; 3.440$); S.F.PRAIA - 3.000$ (30; 2.200$)

Descidas

M.TABACOS - 3.860$ (transacionadas 150 acções; preço anterior: 3.900$); VASCO DA GAMA - 5.000$ (20; 5.200$); EMPOR - 1.720$ (10; 1.730$); SOJA - 5.900$ (390; 6.000$); ALCO - 500$ (540; 510$); VILA-FRANCA - 1.060$ (40; 1.100$); GREGÓRIO - 1.800$ (30; 1.880$); FIACO - 2.860$ (10; 3.000$); MARCONI (nom.) - 9.750$ (70); NOVOPAN - 3.660$ (2104; 4.000$); AMORIM E IRMÃOS - 3.100$ (100; 3.640$); COPIDATA - 2.300$ (550; 2.400$); SOFINLOC - 11.950$ (60; 12.000$); SONAE - 11.350$ (1504; 11.550$); ISAR-RAKOLL - 3.600$ (30; 3.700$); CIRES - 7.250$ (140; 7.500$); LEASINVEST - 14.900$ (51); ESPÍRITO SANTO- 7.350$ (80; 7.500$); CIPAN - 3.580$ (100; 3.800$); F.RAMADA - 1.730$ (205; 1.740$); FERREIRINHAS - 1.020$ (100; 1.040$); C.P.COBRE - 13.000$ (423; 13.100$); GRÃO-PARÁ - 2.200$ (1330; 2.260$); LISNAVE - 2.240$ (140; 2.260$); BEIRA VOUGA - 970$ (200; 975$); REDITUS - 2.020$ (150; 2.340$); I.T.I. (port.) - 1.790$ (100; 1.800$); SOLVERDE - 3.000$ (20; 3.300$).

Não ocorreram grandes oscilações de preços, salvo o caso da Sabel com uma subida de 16,5 por cento e da Amorim e Irmãos cuja cotação desceu cerca de 17,4 por cento. O volume de títulos movimentados manteve-se em média baixo, excepto nalguns casos — dez — que ultrapassaram o milhar de títulos trocados, com particular destaque para a Marconi (port.) com 3486 e P.Fernandes com 2738 papéis transacionados, em nada se diferenciando do movimento da semana passada.

Com efeito, naquele período, os valores contabilizados apontam para a continuação da tendência desenhada e definida como um reduzido movimento e fraca procura, traduzidos nos montantes globais em valor, títulos transaccionados e, consequentemente, nos «price earnings ratio», calculados como dos mais baixos dos últimos dois anos.

Assim, o segmento accionista acabou por somar cerca de metade do movimentado no mercado bolsista de Lisboa que produziu um volume de negócios de 1 660 273 contos, correspondente a uma mudença de mãos de 636 577 títulos e representando um valor ligeiramente superior ao verificado na semana anterior, ainda em Julho.

Preços repetidos

G.A.P - 1.300$ (transacionadas 60 acções); MACEDO COELHO - 1.750$ (152); SOPOL - 1.670$ (30); TAMEGA - 2.640$ (20); A.GAUDÊNCIO - 1.580$ (770); F.N.M. - 2.800$ (1710); CARNES NOBRE - 2.400$ (1252); SOARES DA COSTA - 2.000$ (1171); A.C.SANTOS - 2.100$ (60); INÔ - 3.000$ (85); DOM PEDRO - 2.360$ (330); ORBITUR - 2.140$ (120); HOTELAGOS - 1.490$ (10); SUMOLIS - 6.400$ (10); PRAZOL - 2.260$ (260); A,MOAGENS - 1.550$ (10); FITOR - 2.000$ (141); TORRES NOVAS - 2.160$ (54); OREY ANTUNES - 1.300$ (271); LOCAPOR - 5.750$ (52); IMOLEASING - 5.900$ (150); LITHO FORMAS - 2.740$ (300); B.P.I. (nom.) - 5.800$ (445); CISF - 28.000$ (161); FISIPE - 4.320$ (1220); L.IBERFAR - 3.840$ (2150); PROADEC - 2.500$ (100); B.C.P. (nom.) - 71.900$ (350); CITIBANK (port.) - 4.460$ (410); EUROLEASING - 10.600$ (35); LUZOSTELA - 1.800$ (230); C.S.GARANTIA - 8.500$ (10); TRABALHO - 13.500$ (90); COTACO - 1.020$ (10); EFACEC - 5.600$ (670); P.M.ALFA - 4.900$ (50); FENALU - 4.000$ (30); TIME SHARING - 1.350$ (220); SOLIDAL - 4.500$ (75); LUSOTUR - 7.000$ (2045); MAGUE - 2.660$ (320); SOPETE (port.) - 3.960$ (50); ESTORIL-SOL (port 2.300$ (1070); LUSOMUNDO - 5.600$ (120)

Não transacionadas

SICEL, CURIA, H.SERRANO, REFRIGE, ERG, SOMEC, COFACO, VELDEC, I.T.I. (nom.), TELECINE-MORO, SOPETE (nom.), ESTORIL-SOL (nom.), CEL-CAT, SONAGI, OLIVA, INDASA, CINCA, CITIBANK (nom.), B.MANUFACT.HANOVER (nom.), MOURA MATOS, BORDALINA, LAMEIRINHO, LUIS CORREIA, TRANSMOTOR, JUPITER, TUROPA, SOPRAGOL, S.G.O., J.S.CORREIA, EMASA, PERSUÍNOS, FEPSA, A.VERDES, SOPONATA(port.), SOPONATA (nom.), CONTENTORES, TERNOR, TRANSINSUL (port.), TRANSINSUL(nom.), SIAF, CHAMPCORK, CORTICEIRA AMORIM, IPOCORK, S.T.E., COMPTA.

Comerciantes de vestuário contestam protocolo para controlo de inflação

O protocolo para controlo da inflação no comércio de vestuário, assinado entre a CCP e pelo ministério tutelar em Janeiro passado, foi considerado pela Associação dos Comerciantes de Vestuário de Lisboa como «demagógico» e «ofensivo da boa imagem», qualificando as contrapartidas governamentais concedidas de «insultuosas» e lesivas das obrigações de qualquer executivo.

Na opinião daquela associação, o facto do Governo prescindir de fiscalizações extraordinárias - como se estipulou por contrapartida dos aumentos controlados de preços - acaba por representar um aligeiramento do combate ao comércio paralelo que, como se afirma, atingiu já «proporções desmesuradas».

Os resultados das fiscalizações extraordinárias que, como diz a associação, têm conduzido às presunções do IVA, «baseiam-se em dois erros de concepção técnica». Por um lado, é «a redução da actividade do comerciante às situações de venda normal ou em período de saldo», não contemplando situações como «a aplicação de técnicas de gestão, marketing e merchandising» e, por outro, o quadro utilizado pelos técnicos fiscalizadores do IVA para o cálculo de vendas presumidas que«enferma de um grosseiro erro técnico».

A direcção da Associação dos Comerciantes de Vestuário, Calçado e Artigos de Pele do distrito de Lisboa contesta o facto de lhes caber, por completo, a responsabilidade dos valores de inflação superiores à média, considerando impossível o controlo da inflação «apenas na última fase» da actividade, preconizando antes um controlo «concertado e ao longo de todo o processo».

Democracia minada pela crise económica

A ARGENTINA À DERIVA

Fracis Cornu
«Le Monde«/«DL«

O tratamento de choque anunciado recentemente em Buenos Aires para restaurar a economia argentina foi recebido com cepticismo pela opinião pública. A crise minou o prestígio do presidente Raul Alfonsin, um factor que contribui para o jogo peronista com vista às eleições da próxima Primavera.

Com o tango e a inflacção, vamos para eleições. É este o título de uma revista de cabaret em cena em Buenos Aires desde há alguns meses e que tão cedo não deve sair de cartaz. Pelo menos a julgar pelas reacções de hostilidade suscitadas pelas decisões económicas e financeiras anunciadas no dia 3 pelo governo do presidente Raúl Alfonsin, depois de os bancos terem estado fechados por três dias.

Apesar da encenação dramática ensaiada pelo governo, os argentinos continuam a duvidar, senão mesmo a desesperar. Este novo pacote de medidas anti-inflaccionistas, baptizado de «Plano Primavera», arrisca-se a ter o mesmo destino dos seus numerosos predecessores: o insucesso.

Esmagada pelo peso da dívida externa, afectada pelas vertigens da hiperinflação (25 por cento em Julho, 160 por cento em sete meses), a economia argentina está exangue. Raul Alfonsin parece estar cada vez mais desacreditado, e os argentinos, que perderam em média 1/4 do seu poder de compra após o regresso à democracia, agarram-se ainda mais ao humor negro, quando não sonham com o impossível... A tentação é grande, se se pensar que as próximas eleições estão marcadas para a Primavera de 1989...

Com a designação, em Julho, dos principais candidatos à Presidência, a campanha eleitoral já começou. O tempo pressiona Alfonsin, e este foi um dos factores que o levou a anunciar o novo plano económico. O actual presidente não pode candidatar-se de novo ao cargo, mas espera poder ainda reduzir a derrapagem económica e criar assim melhores condições para a campanha do candidato do seu partido, o radical Eduardo Angelos.

«Muito pouco, demasiado tarde», escreveu o editorialista da «Nação» pouco depois de terem sido anunciadas as novas medidas económicas do governo. E, no entanto, elas são, à primeira vista, impressionantes: congelamento dos preços até 16 de Agosto- cerca de duas semanas, o que neste domínio, na Argentina é muito tempo- e limitação (de 1,5 a 3,5 por cento) dos aumentos para os três meses seguintes; desvalorização em cerca de 12 por cento da moeda (o austral) e nova regulamentação dos cambios; restrição severa das despesas governamentais em matéria de grandes equipamentos.

Mas este plano comporta também contradições aparentes: aumento em cerca de 30 por cento dos preços dos combustíveis e da maioria dos serviços públicos, reajustamentos na ordem dos 25 por cento dos salários dos funcionários. Resta ainda dizer que, antes mesmo da sua entrada em vigor, a primeira das suas disposições foi praticamente hipotecada pela atitude dos comerciantes que, nos dias anteriores, apressaram-se em acelerar o «tango das etiquetas» (já tão frenético que as empresas se especializaram nessa tarefa esgotante que é a substituição à vista dos preços expostos).

Quando se remete para a «magia»

No fim da semana, a calma reinava no mercado financeiro, mas era um abiente que contratsava com a condenação unanime das medidas anunciadas. A CGT ameaçou com a greve geral, afirmando que os custos da operação governamental serão suportados sobretudo pelos trabalhadores. A poderosa central sindical, controlada pelos peronistas, exige que se mantenha o actual nível de emprego. O sector agrícola, um dos mais importantes e influentes do país, encontra-se em estado de sítio, e afirma que está em desvantagem na nova lei se comparado com o sector industrial. E, embora se pensasse que estaria estreitamente associado às novas medidas, o patronato industrial colocou já reservas ao plano de Alfonsin. Até o candidato radical à Presidência, Angelos, se distanciou do governo, salientando que não tinha participado na elaboração do «Plano Primavera».

Pelo seu lado, os banqueiros não escondem o seu cepticismo. um deles afirmou-nos: «a hipertrofia burocrática é tão grande no sistema bancário, como aliás em todos os outros sectores, que a implementação das novas medidas nada mais fará do que aumentar a burocracia, que ameça restringir seriamente a aplicação do novo plano, ao ponto mesmo de o paralisar».

A inércia de uma administração gigantesca vem agravar a actual situação e obriga os argentinos a fazerem bicha para tudo. Nas actuais circunstâncias, é ainda pior. Durante o encerramento dos bancos, havia, em Cordoba, uma bicha de mais de 1 quilómetro em frente do único estabelecimento aberto para o pagamento dos salários dos professores e dos pensionistas. Nas caras podia-se ler o desânimo. Cordoba, segunda cidade do país, é o feudo da insdústria automóvel. Para conseguirem vender os seus veículos a clientes que estão a perder o seu poder de compra, os construtores recorreram a uma espécie de lotaria. A Renault, por exemplo, assegura 40 por cento da sua difusão através daquela via. Aliás, grande parte dos bens de consumo são hoje adquiridos através desse método. A Argentina entregou-se aos jogos de sorte.

À semelhança da maioria dos intelectuais que apoiaram Alfonsin no seu esforço de restaurar a democracia após anos de ditadura militar, Carls Gabetta, dierctor do jornal de esquerda, « Periodista», reconhece que «o presidente perdeu a confiança da grande maioria dos argentinos».

E acrescenta: « a medida da decepção é a da imensa esperança nascida com a derrota dos militares». para Gabetta, a doença económica e política que afecta a Argentina é de certo modo comparável com a que se fez sentir na Alemanha dos anos 20: instituições muito recentes e instáveis, inflação galopante, uma guerra perdida (a das Malvinas).

Segundo ele, a Argentina, não sabendo já a quem culpabilizar, está de novo pronta para as mais perigosas aventuras. «Estamos a um passo de recorrer à magia», concluiu Gabetta.

O despertar do peronismo «musculado»

E o mágico poderá ser Carlos Menem, cujo nome se faz ouvir através do país. Surpreendendo a classe política, Menem, governador da província de la Rioja, venceu em Julho as primeiras eleições realizadas no seio do movimento peronista com o objectivo de designar o seu candidato presidencial. Um verdadeiro plebiscito da base, que recusou Antonio Cafiero, um moderado que nas eleições de Setembro do ano passado foi eleito governador da província de Buenos Aires e que tem sido apresentado como a nova face do Partido Justicialista (peronista).

Muitos argentinos já não acreditam no presidente Raul Alfonsin. Uma situação que dificilmente se alterará até à realização das próximas eleições presidenciais

Menem contou com o apoio determinado da CGT e dos sindicatos mais «musculado» e mafiosos da Argentina. O que levou Cafiero a dizer que com Menem é o «regresso da força».

É dificil de imaginar alguém mais surpreendente do que Menem. Este advogado, de 53 anos, muçulmano de origem síria convertido ao catolicismo, é perito em cultivar a extravagância. Esse negro, esse turco, como o designam muitos dos seus compatriotas, faz lembrar os *caudillos* do século passado que fundaram a Argentina.

Tem uma imponente cabeleira grisalha que lhe cai sobre os ombros e suiças que lhe cobrem as faces. E para compensar o seu aspecto «rétro», este *gaucho* é piloto de ralies nas suas horas livres. Menam é um perito na arte de desconcertar.

Na sua equipa pode-se encontrar tanto gente da extrema-direita como antigos guerrilheiros montoneros (a extrema-esquerda peronista). Ele, que é abertamente pró-palestiniano, tem um judeu sionista como seu colaborador mais próximo. Fala-se dos seus «flirts» com a ditadura militar do Paraguai, mas na classe política ele foi uma das primeiras vitimas do regime dos generais argentinos: Menem passou cinco anos na prisão- um trunfo face aos seus adversários políticos, que funciona mesmo pedindo ele o perdão para os dirigentes do regime militar.

Menem encarna o regresso às fontes do populismo peronista. Ele parece tudo prometer, a começar pela anulação pura e simples da dívida que Alfonsin se comprometeu a pagar, e não recua perante nenhuma contradição. Na quinta-feira, afirmou sucessivamente que compreendia as reivindicações dos agricultores e dos industriais, apesar destas serem opostas.

Este marginal seduziu manifestamente os argentinos mais desfavorecidos, que se temem o seu populimso «surrealista» não deixam por isso de admitir, com algum respeito, que Menem tem fortes possibilidades de vir a ser dentro de alguns meses o homem forte do país. «O seu surrealismo aparece hoje como um meio de escapar à realidade», diz com azedume um professor de ciências políticas.

Mesmo Adolfo Perez Esquivel, prémio Nobel da Paz, defensor dos direitos do homem, que esteve ao lado de Alfonsin na batalha para reestabelecr a liberdade, parece reservado no seu julgamento, ao afirmar: « Houve tantas promessas não cumpridas e tantas mentiras da classe política que não quero pronunciar-me sobre o fenómeno Menem. De ora em diante, só tomarei em consideração os factos...»

A crise de credibilidade que afecta Alfonsin beneficia os peronistas, que se preparam para vencer as eleições da próxima Primavera. Mas o candidato escolhido pelo Partido Justicialista encarna o que muitos classificam de «peronismo musculado». Na foto, manifestantes fazem o símbolo tradicional dos herdeiros de Peron- o «V»

"Dia D" anunciado ontem em Nova Iorque

TRÉGUAS NA GUERRA IRÃO-IRAQUE ENTRAM EM VIGOR NO DIA 20 DE AGOSTO

O cessar-fogo na guerra entre o Irão e o Iraque entra em vigor às 3 da madrugada do dia 20 de Agosto. O anúncio foi feito ontem, em Nova Iorque, pelo secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar. Cinco dias após o início das tréguas no golfo Pérsico, representantes do Irão e do Iraque sentar-se-ão em Genebra para conversações directas de paz sob os auspícios das Nações Unidas e que serão mediadas por Perez de Cuellar.

«Apelo agora à República Islâmica do Irão e à República do Iraque para que observem um cessar-fogo e interrompam todas as acções militares terrestres, maritimas e aéreas, a partir das 3 horas TMG do dia 20 de Agosto de 1988». Foram estas as palavres de Cuellar quando ontem anunciou o cessar-fogo na guerra Irão-Iraque perante os membros do Conselho de Segurança da ONU, que o aplaudiram entusiasticamente. Cuellar acrescentou depois: «as duas partes envolvidas no conflito garantiram-me que observarão este cessar-fogo no contexto da plena implementação da resolução 598», aprovada o ano passado pelo Conselho de Segurança e que apela a um cessar-fogo imediato no golfo.

Salientando que as actividades militares não tinham diminuído de intensidade durante as duas última semanas, enquanto decorreram as conversações em Nova Iorque com os ministros dos Negócios Estrangeiros do Irão e do Iraque, Cuellar exortou as autoridases de Teerão e de Bagdad a ordenarem de imediato o fim das hostilidades.

Respondendo a perguntas de jornalistas, Perez de Cuellar diria mais tarde que ficaria muito feliz se as Nações Unidas recebessem este ano o prémio Novel da paz por terem conseguido o cessar-fogo na guerra Irão-Iraque.

Observadores da ONU

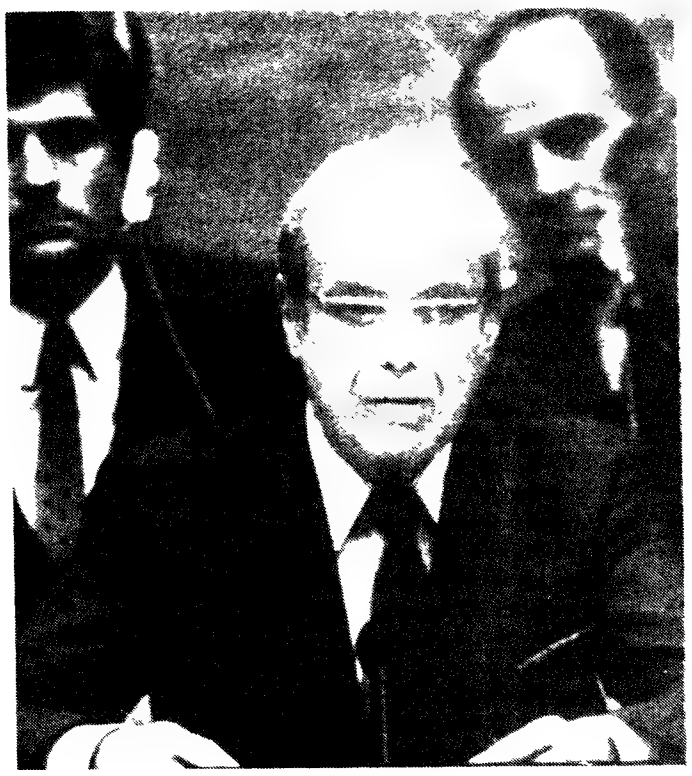
Perez de Cuellar deverá entretanto enviar para os dois países beligerantes uma equipa de observadores das Nações Unidas com o objectivo de verificar, confirmar e supervisionar o cessar-fogo que entrará em vigor no próximo dia 20.

Esta equipa deverá chegar ao Irão e ao Iraque três dias antes do início das tréguas, e durante seis meses inspeccionará o cumprimento de todos os pontos contidos na resolução 598.

A primeira missão da força de manutenção da paz no golfo Pérsico custará 74 milhões de dólares, e a colocação, nos diveros postos de observação, dos seus 350 elementos demorará duas semanas. A força de fiscalização- designada por UNIIMOG, Grupo de Observação militar das Nações Undias para o Irão-Iraque- integra pessoal militar de apoio, uma unidade aérea e, possivelmente, uma pequena undiade naval, para além dos observadores.

A resolução 598, que segundo Cuellar deverá ser cumprida na íntegra, inclui, para além do cessar-fogo, a retirada das tropas de ambos os países para as fronteiras internacionalmente reconhecidas e a troca de prisioneiros de guerra. Este documento prevê ainda a formação de um organismo internacional que investigue qual das nações é responsável pelo inicio do conflito, ponto em que o Irão tem insistido permanentemente.

Segundo um funcionário do Ministério iraniano dos Negócios Estrangeiros, Alireza Deyhim, se todos os pontos da resolução 598 forem cumpridos, nomeadamente o que diz respeito à retirada de todas as forças militares para as fronteiras internacionalmente reconhecidas, isso significa que as tropas se devem retirar para as fronteiras acordadas num tratado de 1975 emtre o Iraque e o governo do Xá Reza Palhevi, e que foi anulado por Bagdad em 1980 quando do início da guerra (ver caixa).



Perez de Cuellar: um prémio Nobel da Paz pelo cessar-fogo na guerra Irão-Iraque?

Feriado em Bagdad

As autoridades de Teerão apelaram, entretanto, à vigilancia popular contra eventuais ataques iraquianos, enquanto o presidente iraniano Ali Khamenei afirmava que a guerra de oito anos entre o seu país e o Iraque «está aparentemente a chegar ao fim», mas duvida de que a liderança de Bagdad queira realmente a paz.

O Iraque decretou hoje três dias de feriado nacional- a partir de quinta-feira- para celebrar fim do longo e violento conflito com o regime de Khomeini, enquanto milhares de iraquianos festejavam nas ruas de Bagdad o anúncio do cessar-fogo.

Referindo-se ao «Dia D» proclamado pelo secretário-geral das Nações Unidas, o alto comando das forças militares do Iraque descreveu-o «com o dia da vitória que o Iraque atinge em nome de todo o mundo árabe».

Oito anos de guerra no golfo Pérsico

A guerra Irão-Iraque começou a pretexto de uma disputa fronteiriça antiga, transformou-se rapidamente num impasse e ao fim de quase oito anos tornou-se numa das mais longas e sangrentas guerras dos tempos modernos. O Iraque- abastecido principalmente pela União Soviétcia e financiado sobretudo pelos Estados árabes receosos de uma vitória do Irão não árabe dos ayatollah- tinha vantagem em aviões a jacto, tanques e artilharia. O Irão, liderado por fundamentalistas xiitas, tinha vantagem numérica em tropas derivada da superioridade de três para um no número de habitantes. A 7 de Agosto de 1988, já a guerra fizera mais de um milhão de baixas dos dois lados, Teerão aceitou propostas feitas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas para um cessar-fogo seguido de conversações directas com Bagdad. Eis a cronologia de alguns dos principais acontecimentos da guerra do golfo:

1980- O Iraque anula em Setembro um tratado de 1975 com o Irão, proclama a sua soberania sobre o disputado canal do Shatt-El-Arab e as suas tropas invadem o Irão.

1984- Guardas revolucionários iranianos avançam pelos pantanos da frente sul para capturarem as ilhas iraquianas Majnoon, ricas em petróleo. Teerão acusa Bagdad pelo uso de armas químicas.

Maio- O Iraque lança ataques a navios que comerciam com o Irão, iniciando assim a chamada «guerra dos petroleiros». Teerão riposta com ataques a navios mercantes, sobretudo petroleiros que escalam os portos dos países árabes aliados do Iraque.

Junho-Setembro- Os ataques à navegação continuam, mas com menor intensidade. Diplomatas calculam as baixas totais da guerra em meio milhão.

Março-Julho de 1985- Os iranianos lançam ofensivas na frente sul da guerra. O Iraque ataca alvos em vilas e cidades iranianas. O Irão responde com bombardeamentos e ataques rápidos ao Iraque, incluindo mísseis sobre Bagdad. Terá havidos centenas de civis mortos nos dois lados desta «guerra das cidades».

Agosto- Dezembro- O Iraque retoma os ataques contra Kharg e o Irão aumenta os ataques contra navios no golfo Pérsico. Durante o ano de 1985, foram confirmados ataques a 46 navios.

1986- Tropas iranianas avançam pelo Shatt-Al-Arab em meados de Fevereiro, tomam o porto de Faw e chegam até perto da fronteira kuwaiti.

Julho-Agosto- O Iraque lança ataques de longo alcance a Sirri, obrigando o Irão a transferir as operações para a ilha de Larax, no estreito de Ormuz.

Setembro- Dezembro- O Iraque intensifica os ataques à ilha de Kharg. Fontes da navegação dizem que houve cerca de cem navios atingidos durante o ano de 1986. Nestes ataques terão morrido mais de 50 pessoas.

1987- O Irão lança a 9 de Janeiro investidas em direcção à segunda maior cidade do Iraque, Bassorá. O Iraque retoma os ataques aéreos a cidades iranianas e o Irão dispara mísseis contra Bagdad. O Irão calcula em mais de 2.900 o núemro das suas baixas civis.

Abril- O Irão ataca somente navios relacionados com o Kuwait, país aliado do Iraque. Surge o plano norte-americano de atribuição da sua bandeira aos petroleiros kuwaitis, garantindo-lhes a sua protecção militar naval.

Maio-Julho- A 17 de Maio, a fragata norte-americana «U.S. Stark» é atingida por um míssil iraquiano. Morrem 37 marinheiros. o Iraque afirma que foi um engano. O Conselho de Segurança da ONU aprova por unanimidade a resolução 598, obrigando a um cessar-fogo imediato no golfo. O Irão não aceita a resolução e o Iraque diz que a aceitará se o Irão também o fizer.

Agosto- Novembro- Helicópteros norte-americanos atacam o «Iran Ajr», um cargueiro iraniano que acusam de colocar minas nas águas do golfo. São afundados por forças dos EUA três navios patrulha iranianos. No golfo, encontram-se forças militares navais dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, entre outros países ocidentais.

1988- A ONU diz que 167 navios foram aatcados no golfo durante o ano de 1987. A 29 de Fevereiro, Teerão é atacado, pela primeira vez, por mísseis iraquianos. A té 20 de Abril, o Iraque dispara cerca de 190 mísseis sobre Teerão e outras cidades iranianas. O Irão riposta com 80 ataques com mísseis contra Bagdad e outras cidades iraquianas. Em Março, o Iraque lança ataques no Curdistão iraniano. teerão diz que Bagdad lançou armas químicas em Halajba, matando 5.000pessoas.

No dia 17 de Abril, tropas iraquianas atacaram forças iranianas em Faw e fizeram-nas recuar para a fronteira depois de 36 horas de combate. «Os tempos já não estão do nosso lado», afirma um porta-voz iraniano.

Maio-Junho- Forças iraquianas fazem recuar os iranianos nos pantanos a leste de Bassorá e forçam-nos a deixarem Majnoon. Bagdad diz que retomou todo o seu território a sul que tinha sido invadido pelo Iraõ desde 1984.

Julho- Agosto- O navio norte-americano «USS Vincennes» abate um avião comercial iraniano sobre o golfo, a 3 de Julho, matando os seus 290 ocupantes. Teerão diz que este caso foi um dos factores que levou ao anúncio, a 18 de Julho, de que aceitava a resoluçaõ 598 da ONU. O Iraque insiste em conversações directas com Teerão antes do cessar-fogo.

26 de Julho- Os iranianos combatem para repelir uma das maiores investidas do Iraque na guerra. Bagdad diz que a ofensiva visou retomar todo o território iraquiano ainda na posse do Irão e fazer prisdioneiros de guerra, mas que se retirará do Irão.

6 de Agosto- O presidente iraquiano, Daddam Hussein, desiste da exigência de conversaçõs directas com o Iraõ antes do cessar-fogo.

7 de Agosto- O ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros anuncia que aceitou a proposta do secretário-geral da ONU para conversações directas com o Iraque depois da entrada em vigor do cessar-fogo.

8 de Agosto- O secretário-geral da ONU anuncia que o cessar-fogo na guerra Irão-Iraque vai entra em vigor no dia 20 de Agosto.

UNITA não acata decisão

CESSAR-FOGO ENTROU EM VIGOR EM ANGOLA RETIRADA SUL-AFRICANA COMEÇA AMANHÃ

Os governos de Pretória, Luanda e Havana anunciaram ontem que as suas forças estão a observar um cessar-fogo em Angola, decidido na última ronda das conversações quadripartidas realizada entre 2 e 5 de Agosto em Genebra. Nos termos deste acordo, a África do Sul anunciou já que vai iniciar amanhã a retirada das suas forças de Angola, enquanto Luanda e Havana se comprometeram a estabelecer até dia 1 de Setembro um calendário para a retirada total das tropas cubanas.

O calendário para a retirada das tropas cubanas de Angola será estabelecido até ao dia 1 de Setembro

«Um termo «de facto» das hostilidades está já em efeito» no sul de Angola, anuncia o comunicado conjunto de Pretória, Luanda e Havana (que publicamos na íntegra nesta página), divulgado três dias após o termo da quinta ronda das conversações quadripartidas , mediadas pelos Estados Unidos. Este anúncio de cessar-fogo é o passo mais importante registado desde o início das negociações de paz para Angola, que ocorreu em Maio, na capital britânica.

No comunicado ontem divulgado, a África do Sul, Angola e Cuba recomendam ainda que o secretário-geral da ONU comece no dia 1 de Novembro a implementar a resolução 435 das Nações Unidas sobre a independência da Namíbia.

Novas conversações foram já marcadas para a semana que começa no dia 22 de Agosto e espera-se que o tema central desta próxima ronda seja o do calendário para a retirada total das tropas cubanas de Angola. Com efeito, as delegações de Lunada e Havana nas negociações quadripartidas comprometeram-se a aprsentar uma proposta de calendário até ao dia 1 de Setembro.

Retirada sul-africana

A África do Sul anunciou, entretanto, que as suas tropas iniciam quarta-feira a retirada do território angolano. A retirada, que deverá estra completa a 1 de Setembro, tem como contrapartida a saída de Angola do contigente cubano de cerca de 50.000 homens. Pretória exige que retirada cubana esteja concluída na altura da independência da Namíbia

O presidente sul-africano, Pieter Botha, convidou o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, a deslocar-se ao seu país para debater a implementação da resolução das Nações Unidas sobre a independência da Namíbia.

UNITA não acata cessar-fogo

A UNITA afirmou, entretanto, que intensificará a sua luta contra as forças governamentais angolanas e, embora reconheça como positivas as decisões de Genebra, considera que estas devem dar lugar a uma fase de abordagem a nível interno.

«Não poderá haver nenhum cessar-fogo efectivo em Angola se não se tiver em consideração aquilo que tem sido a posição da UNITA neste país», disse Alcides Sakala, representante daquele movimento em Lisboa.

Posição diferente tomou a SWAPO, o movimento que luta pela independência da Namíbia. Em comunicado, a SWAPO anunciou ontem que vai parar os seus ataques às tropas governamentais sul-africanas na Namíbia a partir de 1 Setembro, como parte dos esforços para atingir a paz regional. A SWAPO afirma, contudo, que esta posição está dependente da África do Sul respeitar o cessar-fogo.

Governo português confiante

O governo português manifestou a sua satisfação pelos desenvolvimentos mais recentes das conversações para a paz em Angola, segundo se afirma num comunicado ontem divulgado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O documento que estipula as tréguas

O comunicado conjunto divulgado ontem em Pretória, Havana e Luanda tem o seuinte texo:

«As delegações da República Popular de Angola, da epúblcia de Cuba, da República da África do Sul e os Estados Unidos da América encontraram-se de 2 a 5 de Agosto em Genebra," Suiça para continuar os seus esforços para encontrar uma solução pacífica para o conflito no sudeste de África.

«Avançando o processo obtido em Londres, no Cairo e em Nova Iorque, as negociações em Genebra foram pormenorizadas, positivas e produtivas.

«As delegações de Angola, Cuba e África do Sul acordaram numa sequência de passos necessários para preparar o caminho para a independência da Namíbia, de acordo com a resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU e para alcançar a paz no sudeste de África.

«Concordaram recomendar ao secretário-geral das Nações Unidas a data de **1 de Novembro** para o início da implementação 435. As partes aprovaram «ad referendum» pelos seus respectivos governos o texto de um acordo tripartido, que inclui numa forma de tratado o cumprimento obrigatório os princípios negociados na ilha do Governador, em Nova Iorque, aprovados formalmente pelos governos em 20 de Julho de 1988.

«Por seu lado, Angola e Cuba reiteraram a sua decisão de subscrever um acordo bilateral, que incluirá um calendário aceitável para todas as partes para a retirada gradual e total das tropas cubanas de Angola.

«As partes concordaram alcançar um acordo sobre este calendário até **1 de Setembro** de 1988. As partes aprovaram uma série compreeensiva de passos práticos, que realçará a confiança mutua, reduzirá o risco de confrontação militar e criará as condições na região necessárias para concluir as negociações.

«Com a aprovação destas medidas, **uma cessação «de facto» das hostilidades está agora em vigor**. Todos os efeitos destas medidas serão visíveis nas próximas semanas.

«A próxima ronda de negcoiações a nível de funcionários de alto nível decorrerá durante a semana que começa a 22 de Agosto, com a data exacta e o local a estabelecer».

O conflito na África Austral

O cessar-fogo ontem anunciado para os conflitos em Angola e na Namíbia abre novas perspectivas para uma solução da complexa situação da África Austral. Eis algumas datas-chave da cronologia destes conflitos:

1884: Alemanha coloniza o Sudoeste africano, vasto território rico em minerais, situado na costa atlântica da África Austral.

1915: A África do Sul invade o território e a Alemanha entrega-o.

1920: A Liga das Nações dá à África do Sul mandato para a administração do território.

1946: Uma curadoria das Nações Unidas substitui o mandato da Liga, mas a África do Sul rejeita a alteração.

1966: A Organização do Povo do Sudoeste Africano, SWAPO, inicia a actividade de guerrilha para libertar o território. As Nações Unidas retiram os direitos de curadoria à África do Sul.

1968: A ONU atribui a designaçãoo «Namíbia» ao território.

1971: O Tribunal Internacional de Haia dá como ilegal a presença sul-africano na Namíbia.

1973: A Assembleia Geral da ONU reconhece a SWAPO como «único representante autêntico do povo namibiano».

1974: Resoluções da ONU exigem a retirada sul-africana do território e a transferência de poderes sob os auspícios da ONU.

1975: Angola torna-se independente de Portugal. Tropas cubanas deslocam-se para Angola a pedido do governo, constituído pelo Movimento Popular para a Libertação de Angola, MPLA.

1978: O Conselho de Segurança da ONU ratifica a resolução 435 que visa um cessar-fogo, eleições sob a tutela da ONU e o estabelecimento de uma força de paz na Namíbia.

Pretória efectua eleições na Namíbia, mas a SWAPO boicota o acto, que não é reconhecido internacionalmente.

1982: A África do Sul, com o apoio dos EUA, afirma que a independência da Namíbia deve aguardar pela retirada do contigente cubano em Angola, contingente que se situa entre 20 000 e 25 000 homens.

1983: Em Dezembro, a África do Sul lança uma operação de larga escala contra os rebeldes da SWAPO em território angolano. Pretória oferece um cessar-fogo em 30 dias que é rejeitado.

1984: Em Janeiro, a África do Sul anuncia a retirada militar do Sul de Angola. Em Fevereiro, em Lusaca, Luanda e Pretória formam uma comissão militar para organizar a retirada. O acordo limita o acesso de forças cubanas e da SWAPO às áreas abandonadas. A SWAPO diz que a sua luta não será afectada.

Em Outubro, o presidente angolano, José Eduardo dos Santos, afirma que Angola aceitará uma retirada das tropas cubanas como parte de um acordo de paz para a região.

1987: Em Setembro, as tropas sul-africanas concentram-se no Sul de Angola para fazer frente a uma ofensiva das tropas angolano-cubanas contra os rebeldes da UNITA. A ofensiva é travada mas as tropas sul-africanas e os rebeldes da UNITA falham uma aparente tentativa de capturar Cuito Canavale, reduto estratégico das forças governamentais angolanas.

1988: Em Fevereiro, explodem bombas num banco em Oshakati, Norte da Namíbia, matando 27 pessoas — o mais forte atentado da guerrilha no conflito namibiano. A África do Sul responde com ataques aéreos a bases em Angola suspeitas de pertencerem à SWAPO.

Em Maio, iniciam-se, em Londres, e sob os auspícios dos Estados Unidos, conversações de paz entre África do Sul, Angola e Cuba. Posteriores encontros terão lugar no Cairo, Nova Iorque, Cabo Verde e Genebra.

Pretória acusa Cuba de minar as conversaçõesw ao enviar 12 000 homens para a fronteira de Angola com a Namíbia.

Em Junho, a África do Sul afirma que as suas forças mataram 300 elementos das forças angolano-cubanas quando estas atacaram uma barragem protegida por tropas sul-africanas em Calueque, na zona fronteiriça angolana. Funcionários da Defesa da África do Sul negam notícias de que teriam perdido a superioridade aérea no Sul de Angola.

Grupo de guerrilha boliviano reivindica atentado falhado contra Shultz

Um movimento de guerrilha boliviana não conhecido reivindicou segunda-feira a responsabilidade na aparente tentativa de assassínio do secretário de Estado norte-americano, George Shultz. Num telefonema anónimo para para uma estação de rádio local, a Rádio Capital, um indivíduo disse que o ataque foi perpretado por um grupo que diz chamar-se Comando Simon Bolivar.

O ataque contra Shultz é o primeiro em seis anos como secretário de Estado. É também o primeiro ataque conhecido a um alto funcionário dos Estados Unidos, desde o atentado a Reagan em Março de 1981.

O porta-voz do Departamento de Estado, Charles Redman, disse que três veículos ficaram danificados, incluindo aquele em que seguia, mas não há feridos a relatar.

«Foi um explosivo, obviamente accionado por controlo remoto», disse.

O ministro boliviano do Interior, Juan Carlos Duran, pareceu não dar importância ao incidente, descrevendo-o como manobra publicitária. Carlos Duran disse que a explosão foi causada por uma barra de dinamite atirada a partir de uma certa distancia da coluna motorizada. «Não há necessidade de nos preocuparmos... (isto foi) simplesmente uma forma de chamar a atenção», disse Duran.

A explosão aconteceu segundos após o carro de Shultz ter passado, na direcção da capital boliviana, vindo do aeroporto.

Entre os três carros danificados, encontra-se aquele em que seguia a sua mulher, Helena. Shultz e Helena seguiam em carros separados. Helena ficou abalada mas não ferida.

A polícia formou cordões de segurança em torno do palácio presidencial e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, enquanto cães-polícias farejavam explosivos nos gabinetes do Governo a serem visitados por Shultz.

Segundo Redman, a carga explosiva terá sido dinamite. Especialistas afirmam que a carga não aparenta ser suficientemente forte para ter ferido Shultz no interior do seu veículo blindado, mesmo que tivesse rebentado ao lado do carro.

O presidente Victor Paz Estenssoro, em nome do seu Governo e do povo boliviano, apresentou já as suas desculpas ao secretário de Estado norte-americano.

Luís Santos e António Martinez na pódio de Manteigas

Serviço de transmissões da Volta, assegurado com um rádio cedido gentilmente pela

ELECTRO OURO.

apoio

Mobil

CAFÉ RESTAURANTE MAX

Café Restaurante

MAX

MAXIMINO FRUTUOSO

ABERTO TODO O ANO

TORRES VEDRAS ☎ 93275 PRAIA DE SANTA CRUZ

MUITO BARULHO

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Na hora em que todos dizem que vai principiar a fase aguda das definições de quem melhor pedala por estas áreas, o pano sobe hoje para 104 artistas: primeiras figuras, rabulistas, chefes de quadro, coristas e até para os inevitáveis «compéres» que, no cartaz, figuram sempre como actores convidados. E têmo-los todos, para gaúdio das multidões.

Só que, antes de entrar nesse tempo retratista, seja permitido ao escriba emergente, ir contando coisas que precederam o triunfo de Luís Santos (Ruquita/Feirense) no último traço branco da charneira Gouveia-Manteigas. Lembrar (por exemplo) o apelo de António José Santinho Pacheco, presidente da edilidade gouveense e (simultaneamente) comandante do executivo do Clube desportivo local:

— **A minha agremiação completa 25 anos a 17 de Setembro e desejamos homenagear os fundadores e muitos atletas que já desfilaram com as nossas cores. Subimos à 3.ª Divisão do futebol nacional, a colectividade é orgulho das gentes de Gouveia mas precisamos de melhor e mais constante apoio dos associados.**

Na Câmara Municipal, à mesma hora em que escutávamos o seu principal responsável, havia confraternização com o pessoal da caravana, dos ramos artísticos ao campo organizativo: só que quantos trabalham para a Comunicação Social tiveram de marchar para o seu serviço, ficando com cruzes na boca perante o painel do «show» gastronómico: queijo da serra, chouriça, presunto, vinho do Dão, pão centeio e o mais que, inopimada ou antecipadamente convencionado, poderia aterrar no «paiol das migas». Ficará para outra ocasião. Registe-se, por ora, a magnífica intenção que só não resultou em pleno abraço porque o valor-trabalho se ergueu defronte do castelo-mesa a assaltar. Ficará para o ano, se não nos tocar a parca na bandeja de chumbo.

Sempre, sempre

Contra os pessimistas, os que têm a ideia principal no afundamento da capacidade de reacção dos parceiros, de quantos tentam demolir um prédio logo à nascença, digamos que os perigos e guerras que iriam esforçar até ao tutano os que ainda se mantêm sobre o selim da simbiose borracha-metal e viajam nesta louca aventura, ficaram de cruzes na boca, fugiram a sete pés do tribunal. É que, se aquilo que denominaram montanhas são mesmo de primeira categoria, percorridas pelo lado inverso da dificuldade, vou ali e já volto: pareciam petiscos face ao que conhecemos quando se viaja do lado contrário, meninas de berço ao lado da serra da Estrela ou da Senhora da Graça. Assim, não foi difícil que um largo leque de intérpretes tivesse bem fixado o seu trabalho e, na meta amanteigada, persistir em revalidar candidaturas aos lugares mais bem remunerados neste parlamento.

Eu explico, começando (como diria La Palice) exactamente pelo princípio com a primeira fuga da redonda pelo já trivial nestas andanças. Precisamente Paulo Ferreira, que tem ordens para, veloz e celeremente fazer desfilar a camisola do Louletano/Vale de Lobo para as primeiras páginas de tudo o que consiga chegar até ao público.

— **Chama-se a isto «passear o emblema»** — diz-me quem mais sabe. **O rapaz sabe perfeitamente que esta história o obriga a, cada vez, ficar mais atrasado mas, óptimo trabalhador para a publicidade da sua entidade patronal, cumpre a preceito o que lhe mandam fazer.**

Adiante. Surge, em Seia, a primeira meta-volante: para lá cavalgam Paulo Pinto (Sicasal/Torreense), Carlos Marta (Vigor/Lousa) e Jorge Silva (Sicasal/Torreense), depois do traço, baixando os braços para surgir o momento de Orlando (Ruquita/Feirense) e Manuel Neves (Sicasal/Torrense) apanharem as rédeas da corrida. O moço de Torres Vedras tinha-me dito um pouco antes:

— **Falta um segundo Agostinho. Agora não há patrões no pelotão...**

Manuel Neves: 26 anos, dez sobre a bicicleta, três como profissional, cinco Voltas no bucho. Que pode ir acontecendo:

— **Nunca se sabe. Já falta uma nova categoria de ciclistas entre o bloco sénior e o profissional. Contudo, julgo que o que está ainda vai durar.**

O presidente federativo, Henrique Castro, recorda:

— **Realmente, recebemos 16 mil contos por ano mas damos seis para as associações e organizamos provas nacionais e selecções para o estrangeiro.**

Emídio Pinto, seleccionador nacional, solta:

— **Está encontrado, se não acontecer qualquer acidente, o quarto elemento do grupo português que irá ao campeonato do mundo em estrada Marco Chagas, vai juntar-se a Manuel Cunha, Fernando Carvalho e Acácio da Silva e, para lhe dizer com franqueza, acho que podemos fazer boa figura e até conseguir um brilharete.**

Todavia saltando das conversas entre carros, a competição continuava. António Pinto (Sicasal/Torreense), que ia embora: provável fractura de um escafóide, tirava-o da peneira das ilusões, uma queda escamoteava-o, entre lágrimas e suor.

Prémio da montanha, o primeiro do dia: Orlando, Manuel Neves, o rapagão da Recer/Sangalhos logo seguido por José Santiago (Boavista/Sarcol), João Paulo (Orima/Cantanhede), Cayn Theakston e Joaquim Gomes (Louletano/Vale do Lobo). Tínhamos passado Loriga, íamos atacar Alvoco da Serra, onde a malta amiga (que pedalava a 36 por hora e embolsara os fugitivos) passou por esta ordem: José Santiago e Delmino Pereira (Boavista/Sarcol), Fernando Carvalho (Recer/Sangalhos), Jorge Silva (Sicasal/Torreense), Venceslau Fernandes e António Araújo (Recer/Sangalhos) e João Paulo (Orima/Cantanhede). Mais tarde, contava-me Francisco Morais o director-desportivo da Sicasal/Torreense:

— **Estou (simplesmente) pasmado: de Espanha ofereceram ao Paulo Pinto «apenas» cinquenta milhões de pesetas por ano. O rapaz ficou logo baralhado...**

Acrescenta:

— **O nosso patrocinador (Álvaro Santos Silva) é um homem excepcional: já disse ao miúdo, que «se é para teu bem, vai embora». Porque, embora gastando muitos milhares de contos por ano com a nossa equipa, a Sicasal/Torreense não pode perder a cabeça, mesmo que tenha o propósito de, na próxima época, aparecer na luta com 16 ciclistas, entre amadores e profissionais.**

Transmite-me o estatuto de trabalho do ciclista torreense:

— **Pagamos bons ordenados, todo o material, estágios, medicamentos e até as deslocações para os treinos. Em termos absolutamente profissionais, a tempo inteiro, temos um treinador, dois massagistas e dois mecânicos. Quanto a mim, perdi de vender milhares de contos por ano só para estar à frente de secção de ciclismo.**

Faz uma consideração já participada por outra muito boa gente:

— **Em Portugal não existem técnicos de alta competência suficientes para abastecerem o mercado e, ao mesmo tempo, nos ensinarem o melhor que já se praticava lá por fora. É uma pena...**

Recorda o que se passou em Espanha, quando Santos Silva (o citado «homem forte» da Sicasal/Torreense) foi visitar a turma ciclista que estava na «Vuelta»:

— **Ficou tão impressionado com o sacrifício da rapaziada numa das etapas montanhosas que até chegou a pedir para todos irmos embora, que já chegava de esforço e não queria ver ninguém ir desta para melhor.**

Já agora, para que o companheiro de leitura fique com uma ideia, acrescento (por minha conta e risco) que larga fatia dos ciclistas chefiados pelo técnico Manuel Graça ganham 300 contos mensais. Poderá (então) chamar-se o ciclismo «desporto pobre» ou «modalidade amadora»?

Em frente, sem pausas

Aqui para os nossos: não contei mais nada do que aconteceu no nosso jogo de futebol (Comunicação Social versus organização da Volta) porque o desfecho do tremendo embate está ainda para ser homologado pela UFA (União dos Famosos Atraiçoados) visto que o protesto relacionado com a contundente e amesquinhante arbitragem de João Faria (do conselho do Porto mas arregimentado por Coimbra) nos prejudicou de alto a baixo: estávamos vencendo a um segundo do fim quando ele decretou (por livre arbítrio) um prolongamento durante o qual o «inimigo» fez um golo de cocorocó, que implicou marcação de grandes penalidades para se discortinar um conquistador dos troféus instituídos pela Sicasal/Torreense. Mesmo perante uma total invasão de campo,

PARA NADA

com a multidão dando completa razão aos jornalistas para, ali mesmo, meterem a taça no saco e virarem costas a João Faria «Mako Jean» em Trofa e «Bibi Boss» em Coimbra resolveu inventar a 18.ª lei do jogo, a regra do mau senso e, vai daí, truflas: o falhanço da concretização de um «penalty» roubou-nos (por 6-7) a hipótese de qualificarmos a nossa equipa para os jogos de Seul, no grupo da Birmânia, as Faroé e Zâmbia.

Enfim: espera-se medida drástica dos UFA ou, em caso de termos de avançar para mais alta entidade, atacarmos os Fífias com o nosso honesto protesto. Perder bem, aceita-se: ser indominado porque alguém valendo-se do peso da sua tesouraria, obligerou o lógico e correcto desfecho, nunca aceitaremos. Mesmo que já tenham ameaçado de correr destas andanças e minha brilhante esquadra: que, em caso de persistirem as flechas, irá procurar asilo político em países onde a lei seja imperial. Pronto: está dado o recado ao senhor Serafim Ferreira, ao senhor João Faria, ao senhor Júlio Guerreiro, ao senhor Fernando Oliveira e demais coniventes neste «roubo de catedral».

Velhas glórias na procissão

Continuam surgindo antigas vedetas do pedal: João Gomes, Laurentino Mendes, João Roque, o bichinho do ciclismo mordendo lá dentro. E Júlio Guerreiro (Câmara Municipal de Loulé e «speaker» oficial da Volta) relembrando:

— Aqui há tempos tentámos contactar o Firmino Bernardino para o Centro Ciclista de Loulé. Encontrámo-lo na sua oficina de mecânica, com fato-macaco vestido. «Vossemecês não me venham desinquietar, que estanco a porta à caça. Eu posso receber 200 ou 300 contos e ir para a Volta enganá-los: é isso que vossemecês querem?«

Guerreiro conta mais:

— O Firmino foi bestialmente honesto. E a gente não pensou mais nisso e virámos o olhar para o José Camilo, que andava todos os dias a pedir para lhe arranjarmos emprego. Conseguiu-se um lugar como guarda das piscinas municipais de Loulé, o presidente Guerreiro Cavado deu ordem para ele entrar no posto logo na 2.ª feira seguinte e, até hoje, já lá vão dois meses, nem novas nem mandados...

Outros futuros historiadores do nosso ciclismo aparecem pela minha fronteira. Por exemplo: António Alves:

— A maior parte da rapaziada está contra nós, os que queremos disciplinar o ciclismo, fazendo por erguer a associação dos seus profissionais. Mas, que quer que lhe diga? Sempre aconteceram casos idênticos em tempos que já lá vão: os calcados sentem prazer em vergar-se perante os seus donos...

Joaquim Leite, quase indignado:

— Minha nossa senhora: onde é que já se viu um estrangeiro sem equipa andar a passear de amarelo numa Volta?

Hermínia Martins, colaboradora de João Faria na «Bibi Boss» é que anda impressionada:

— Ainda bem que o chefe só me trouxe a uma etapa: vi os rapazes sofrerem tanto que até senti vontade de desmaiar...

Toca a andar

Perdoem: onde é que tínhamos ficado? Exacto: Santiago tinha atacado o monte como se a terra fosse moura, sem cambalacho nem jogo subreptício. E o mesmo aconteceu daí a pouco, agora ao quilómetro 58: novamente a testa igual, apenas Orlando Neves e Carlos Pereira (Ruquita/Feirense) seguiram Fernando de Carvalho. O pelotão estava todo fraccionado, distâncias enormes entre cada bloco: só que, na descida maior, somente Jorge Corvo (Ginásio de Tavira/Stand Custódio) pedala com mais ânimo, ganha dianteira autêntica e nem dá pelo abandono de outro espanhol (Manuel Carrera, da Zahor) que chegara ao limite antes do tombo da escarpa.

E o certo é que o Corvo chegou a ter no papo dois minutos e meio de dianteira. Só que não conseguiu aguentar a inconformada réplica de Sérgio Rodrigues (Bom Petisco/Tavira) que recebera ordens para travar qualquer sucesso em termos de benefício à citadina rivalidade local, de benefício no choque com uma formação que é (por assim dizer) dissidente daquela que é dominada pelo eng. Brito da Mana:

— Se calhar queriam que deixasse o homem ir à vontade por aí fora, comenta o condutor da maior e mais excitante «banheira» que circula nas estradas voltistas, perigo público para quem (a menos de um quilómetro) apareça ao alcançe dos seus pneus e da sua já destroçada frontaria...

Pois foi: anulada a fuga, tudo se passou num ápice. Luís Santos (Ruquita/Feirense) entendeu que a passividade dos donatários da corte já era de mais e desatou em velocidade, em cavalgada, ganhou uns bons patacos, ficou no topo do pódio em Manteigas e subiu bons lugares na classificação global, deixando para o aconchego das ilusões perdidas um bom naco de outros estradistas.

Final

Foi uma fraca média (37 649 km/h), pior se, facilmente, avaliarmos que as duas montanhas ditas de 1.ª categoria eram bombons comparados com a Torre ou as Penhas da Saúde, na majestática serra da Estrela onde, naquele sítio, alguém ouvir o ribombar de um trovão, nunca mais enche o peito de ar. Desiste para sempre, só com o susto.

Todavia, ontem foram petisquinhos: nada comparado ao que está no mapa de próximas viagens. Como me contava Manuel Cunha:

— Realmente, tinham feito tanto barulho sobre isso, pensámos que as montanhas eram mais duras e, por isso, resguardámo-nos de mais.

João Paulo acrescentava:

— Quero ficar entre os quinze primeiros. Serei capaz disso?

José Santiago comentava:

— Ontem (domingo) foi um dia negativo para mim. Hoje, foi bem melhor. E, como acredito nos astros, ainda espero que seja sol. Contra o que alguns podem pensar, não perdi as minhas qualidades de trepador: e, como a generalidade do pelotão está muito em baixo, com tremendo cansaço físico, continuo a fazer o meu jogo.

Jorge Corvo estava rodeado por amigos e familiares:

— Quando um de nós salta do pelotão, é sempre com o próposito de ganhar. A montanha reduziu o grupo dos meus perseguidores, mas eu fui «afanando». Só cumpri o que me mandaram: mostrar ao público que o Ginásio de Tavira/Bom Petisco anda aqui para mostrar algum valor.

Novamente a palavra para Francisco Moraes, o chefe da turma da Sicasal/Torreense:

— É importante que a miudagem perca o respeito, no bom sentido da palavra, aos habituais «gerentes do pelotão»...

Muito baixinho adianta:

— Para o ano, só queria na minha turma o filho do Joaquim Andrade. Mas ele quer ir correr para Espanha... se isso não acontecer e ele ficar entregue a um bom técnico, daqui a dois anos é outro Agostinho...

Resumindo, concluindo

Ficou mais depauperado o bloco de intérpretes: Joaquim Carvalho (Ruquita/Feirense) é compulsivamente afastado «por ter andado a reboque de um veículo durante largo tempo». Mas o júri continua a fazer lenha, a descascar de alto a baixo: multas de dois contos a António Silva (Ruquita/Feirense), Adelino Teixeira (Orima/Cantanhede), Jorge Evangelista (Bom Petisco/Tavira) e Carlos Gago (Ginásio de Tavira/Stand Custódio) por falta de placas identificativas nas respectivas bicicletas, cinco mil escudos de penalização ao director desportivo da Fagor («ultrapassou o pelotão sem autorização»), trinta segundos a mais no tempo real e mil escudos a saírem do bolso de Carlos Nunes e Paulo Pinto (Sicasal/Torreense) por receberem «abastecimento fora da zona autorizada», mais dois contos ao habitual degolado (director da Fagor) e ao colega da Zahor por «inversão de marcha durante a prova», cinco mil a Paulo Pinto (Sicasal/Torreense) «por ter chegado a vias de facto com outro concorrente num incidente que será comunicado à Federação Portuguesa de Ciclismo». Enfim: continuam de palmatória na mão os juízes desta «Volta» que Orlando Alexandre (treinador do Louletano/Vale de Lobo) critica assim:

— Sicasal/Torreense terá agora de atacar, porque as montanhas que vão fazer grande selecção são-nos favoráveis. O pelotão está esfrangalhado: chegou a hora de atirarmos todas a cartas para a mesa.

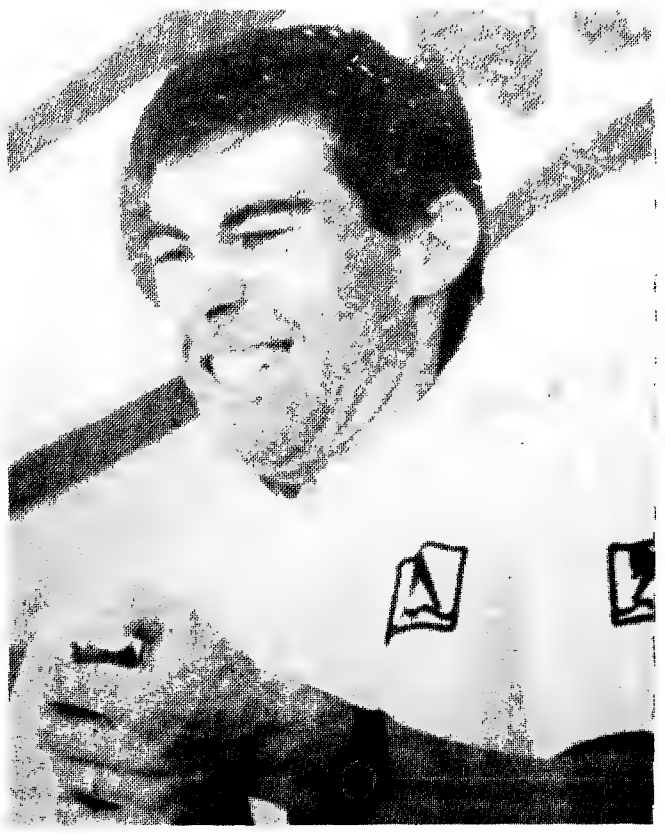
Cayn e Carlos Pereira: boa disposição no pelotão

Luís Santos: a pedalada do triunfo

É isso que todos iremos ver, se não nos acontecer qualquer percalço, daqueles que vão arredando ciclistas ou mandando para casa companheiros que não resistem ao desgaste de longa ausência do lar ou sofrem acidentes de que apenas se podem recompor com muito sossego.

Precisamente o contrário do que aconteceu ontem: muito barulho, para nada.

Neves de Sousa



TOPÁZIO
Vinho Branco Especial
Especialmente Seco

Classificações

10.ª Etapa:
Gouveia-Manteigas
(142 kms)

1.º Luís Santos (Ruquita/Feirense)	3.46.18
2.º Juan Martin Zapater (Zahor)	3.46.54
3.º Jacinto Paulinho (Louletano/Vale do Lobo)	m.t.
4.º Manuel Zeferino (Boavista/Sarcol)	m.t.
5.º Marcel Kaikinger (Salgueiros/Malhas Comax)	m.t.
6.º Jorge Silva (Sicasal/Torreense)	m.t.
7.º Serafim Vieira (Louletano/Vale do Lobo)	3.47.00
8.º Marc Gomez (Fagor)	m.t.
9.º Pedro Silva (Vigor/Lousa)	3.47.45
10.º Américo Silva (C.C. Loulé Caixa Agrícola)	m.t.
11.º Paulo Pinto (Sicasal/Torreense	m.t.
12.º António Araújo (Garcia Joalheiro)	m.t.
13.º Cayn Theakston (Louletano/Vale do Lobo)	m.t.
14.º Manuel Cunha (Recer/Sangalhos)	m.t.
15.º John Carlsen (Fagor)	m.t.
16.º Venceslau Fernandes (Recer/Sangalhos)	m.t.
17.º Fernando Carvalho (Recer/Sangalhos)	m.t.
18.º Joaquim Gomes (Louletano/Vale do Lobo)	m.t.
19.º Orlando Neves (Ruquita/Feirense)	m.t.
20.º Luís Sequeira (Bom Petisco/Tavira)	m.t.
104.º (último) César Fer. (Bom Petisco/Tavira)	4.14.09

Equipas etapa:

1.º (Louletano/Vale do Lobo)	11.21.39
2.º (Ruquita/Feirense)	11.21.48
3.º (Sicasal/Torreense)	11.22.24
4.º (Salgueiros/Malhas Comax)	m.t.
5.º (Boavista/Sarcol)	m.t.
6.º (Fagor)	11.22.30
7.º (Zahor)	11.23.09
8.º (Recer/Sangalhos)	11.23.15
9.º (Vigor/Lousa)	m.t.
10.º (Bom Petisco/Tavira)	m.t.
11.º (Garcia Joalheiro)	11.24.56
12.º (Ginásio Tavira/Stand Custódio)	11.30.19
13.º (Orima/Cantanhede)	11.30.57
14.º C. C. Loulé/Caixa Agrícola	11.50.26

Geral individual:

1.º António Martinez (Zahor)	42.46.20
2.º António Araújo (Garcia Joalheiro)	a 38
3.º Luís Sequeira (Bom Petisco/Tavira)	a 2.38
4.º João Paulo (Orima/Cantanhede)	a 2.45
5.º John Carlsen (Fagor)	a 3.01
6.º Cayn Theakston (Louletano/Vale do Lobo)	a 3.13
7.º Serafim Vieira (Louletano/Vale do Lobo	a 3.32
8.º David Assunção (Boavista/Sarcol)	a 3.35
9.º Fernando Carvalho (Recer/Sangalhos)	a 3.45
10.º Joaquim Gomes (Louletano/Vale do Lobo)	m.t.
11.º Jorge Silva (Sicasal/Torreense)	a 4.01
12.º Manuel Cunha (Recer/Sangalhos)	a 4.02
13.º Manuel Correia (Ruquita/Feirense)	a 5.27
14.º Carlos Pereira (Ruquita/Feirense)	a 5.31
15.º Marco Chagas (Louletano/Vale do Lobo)	a 7.31
16.º Manuel Zeferino (Boavista/Sarcol)	m.t.
17.º Carlos Moreira (Boavista/Sarcol)	a 6.32
18.º Benedito Ferreira (CC Loulé/Caixa Agrícola)	a 8.50
19.º Jacinto Paulinho (Louletano/Vale do Lobo)	a 10.36
20.º Luís Santos (Ruquita/Feirense)	a 10.40
104.º (último) Paulo Brito (Salg./Malhas Comax)	a 2.32.35

Geral equipas:

1.º (Louletano/Vale do Lobo)	128.25.23
2.º (Recer/Sangalhos)	a 5.49
3.º (Boavista/Sarcol)	a 8.08
4.º (Ruquita/Feirense)	a 10.05
5.º (Sicasal/Torreense)	a 13.26
6.º (Bom Petisco/Tavira)	a 17.46
7.º (Garcia Joalheiro)	a 24.58
8.º (Fagor)	a 25.08
9.º (Vigor/Lousa)	a 28.11
10.º (Zahor)	a 28.33
11.º (Salgueiros/Comax)	a 36.28
12.º (Orima/Cantanhede)	a 51.00
13.º (G. Tavira/Stand Custódio)	a 1.01.27
14.º (C. C. Loulé/Caixa Agrícola	a 1.36.36

Pontos:

1.º Paulo Pinto (Sicasal/Torreense)	37
2.º Benjamim Carvalho (Salgueiros)	27
3.º José Rodrigues (Garcia Joalheiro)	26

Montanha:

1.º José Santiago (Boavista/Sarcol)	52
2.º Fernando Carvalho (Recer/Sangalhos)	39
3.º John Carlsen (Fagor)	28

Metas volantes

1.º Carlos Marta (Vigor/Lousa)	24
2.º Benjamim Carvalho (Salgueiros)	19
3.º José Rodrigues (Garcia Joalheiro)	16

Combinado:

1.º John Carlsen (Fagor)	13
2.º António Martinez (Zahor)	15
3.º Fernando Carvalho (Recer/Sangalhos)	22

Juventude:

1.º Luís Sequeira (Bom Petisco/Tavira)
2.º Serafim Vieira (Louletano/Vale do Lobo)
3.º David Assunção (Boavista/Sarcol)

Amanhã: arriba La Espanha

Amanhã disputa-se a 12.ª tirada entre Vilar Formoso e Ciudad Rodrigo, na distância de 124 quilómetros. A partida será dada pelas 11 horas estando a chegada prevista para as 14.15 horas. Percurso: Cárpio de Azava, Arroyo S. Geraldo, Pedro Toro, Tenebon, El Marilo, Los Lobos, Monsagro Serradilla del Arroyo e Ciudad Rodrigo.

Setúbal promove turismo através do futebol

TRÊS VISITANTES "ILUSTRES" NO TORNEIO COSTA AZUL

O Dínamo de Bucareste, (Roménia) Universidade do México e o WAC de Casablanca (Marrocos) são as grandes atracções do torneio da «Costa Azul» de futebol que se realiza de 13 a 15 corrente no Estádio do Bonfim, em Setúbal.

O torneio, organizado pelo Vitória de Setúbal que também participa, conta com a colaboração da Região de Turismo de Setúbal-Costa Azul que contribuiu com um patrocinio de mais de sete mil contos.

Na apresentação da prova, o presidente do Vitória de Setúbal Fernando Oliveira salientou a importância do «actual casamento» entre o seuu clube e a Região de Turismo.

«Vamos procurar merecer a confiança. O Vitória de Setúbal vai procurar vencer o torneio a fim de que a taça fique em Portugal. Os nossos adversários são de respeito mas vamos dar essa alegria à massa associativa» afirmou Fernando Oliveira.

Para o presidente da Região de Turismo de Setúbal-Costa Azul, **Edgar Costa,** «o binómio desporto-turismo tem que ser encarado com mais força em Portugal». «Por isso apostar no futebol e no seu dinamismo é dar uma nova face ao turismo» salientou.

Este conceito expresso por Edgar Costa (refira-se que estiveram igualmente presentes na sessão de apresentação do torneio, os «vices» de Fernando Oliveira, Rogério Carvalho e Josué Martins e o líder do Conselho Fiscal Vasco Vedes) é alargado através do texto de um comunicado distribuído aos órgãos da Comunicação Social. Eis a sua síntese:

Esta iniciativa integra-se na estratégia de promoção da R.T.S. cuja finalidade é a divulgação das potencialidades da Região, realçando os valores e o interesse turístico de uma zona das mais belas e, ultimamente, mais procuradas do nosso país. Lançando mão de todos os meios ao seu alcance para a prossecução desse objectivo, a R.T.S. desde sempre encarou o desporto como um dos veículos privilegiados de promoção turística, pois não restam dúvidas sobre a grande motivação que ele tem sobre o grande público.

Tendo o 1º Torneio, realizado no ano passado, sido encarado como que um teste à capacidade organizativa das duas entidades, com a participação apenas de equipas nacionais, os resultados confirmaram a decisão de tentar mais altos voos para a segunda edição.

Outros Objectivos

Fernando Oliveira, depois de haver referido o empenhamento do Vitória em colaborar nesta iniciativa conjunta de duas «grandes forças» da região da Costa Azul, salientou a necessidade do seu clube ter imaginação para conseguir fundos para evitar carências financeiras e chegar ao fim da época com as contas em devida ordem.

O líder vitoriano salientou ainda, o facto de terem convidado o prestigiado árbitro internacional francês Joel Quiniou para participar no torneio. Uma atitude discutível tendo em vista a agradável circunstância de Portugal possuir excelentes juízes futebolísticos e ainda porque as nomeações cumprem ao Conselho de Arbitragem da FPF. Talvez uma boa intenção tomada à revelia do que se encontra regulamentado. Em todo o caso, uma questão de somenos valor.

Programa e regulamento

Dia 13/8 — V. Setúbal-KACM, às 21.30 no Estádio do Bonfim.

Dia 14/8 — Dínamo de Bucareste-Univ. México, às 21.30 h, no Estádio do Bonfim.

Dia 15/8 — Ás 21 horas jogam, no Estádio do Bonfim, os vencidos dos jogos 1 e 2. No final deste jogo, às 22.30 h proceder-se-á à realização da final disputada entre os vencedores dos jogos 1 e 2 donde sairá, obviamente, o primeiro classificado da prova.

Só serão permitidas durante os jogos 4 (quatro) substiuições sem distinção de lugares. Os jogadores substituídos não podem regressar ao jogo, não podendo por esse facto permanecer no lugar destinado aos jogadores suplentes:

Se no final dos jogos (com excepção da final) se verificar um empate no fim dos noventa minutos, de jogo, proceder-se-á à marcação de pontapés de grande penalidade a executar de acordo com as prescrições da UEFA e da FIFA, até se encontrar o vencedor.

No jogo da Final, será considerado um prolongamento de 30 minutos em 2 partes de 15 minutos cada, caso se verifique uma igualdade no fim dos 90 minutos.

Mantendo-se a igualdade, após o prolongamento, serão então marcados pontapés de grande penalidade, de acordo com as prescrições da UEFA e da FIFA.

As equipas presente ao torneio obrigam-se a fazer participar nos jogos todos os seus jogadores titulares;

Qualquer jogador expulso nos jogos n.º 1 ou 2, não participará nos jogos seguintes;

AO VENCEDOR do Torneio será atribuido o Troféu Costa Azul e aos 2.º , 3.º e 4.º classificados serão entregues miniaturas do mesmo Troféu.

Todos os participantes receberão medalhas comemorativas deste torneio.

Desconto para sócios

Com o propósito de sensibilizar os associados do clube para assistirem ao torneio que se prevê de alto nível espectacular tendo em vista a craveira das equipas presentes, a direcção do Vitória, colocou à venda uma caderneta de três bilhetes no valor de mil escudos. **A H**

NA SUA AGENDA

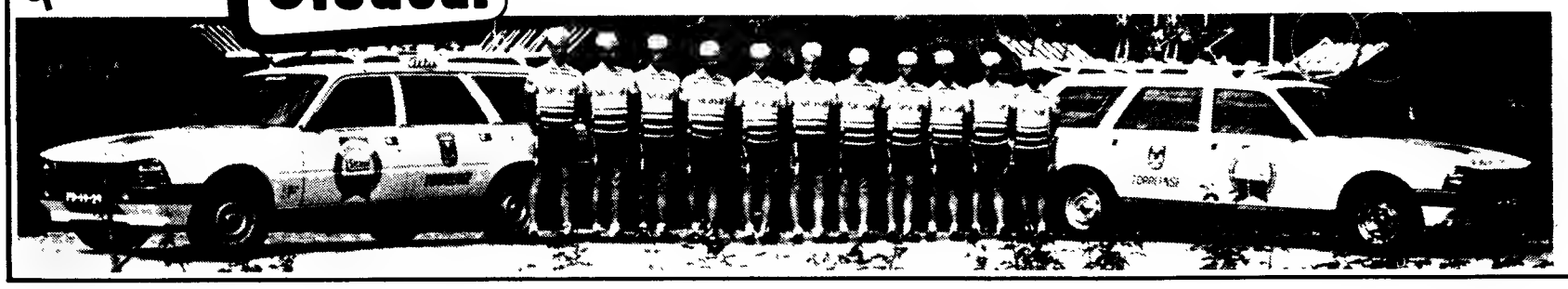
Hoje: V. Setúbal - Sporting...

Para apresentação do plantel aos seus associados, realiza-se, esta noite, no Bonfim, o encontro Vitória de Setúbal - Sporting. No cartaz estará também a homenagem do clube leonino a Manuel Fernandes.

... e Varzim - Vasco da Gama

Pelas 18 horas efectua-se na Póvoa de Varzim o confronto entre o Varzim e o Vasco da Gama do Rio de Janeiro.

qualidade Sicasal DÁ A "VOLTA A PORTUGAL"



CARNES QUALIDADE Sicasal

HÁ 20 ANOS

A filha de Estaline quer tornar-se cidadã americana

Svetlana Estaline, filha do falecido ditador José Estaline, afirma numa carta publicada hoje ter queimado o seu passaporte soviético, pois não tenciona voltar jamais à URSS.

Na sua carta de 15 000 palavras, publicada na íntegra pelo «New York Times», Svetlana diz que gostaria de se tornar cidadã norte-americana.

O jornal acrescenta que, entrevistada telefonicamente, ontem, a filha de Estaline confirmou que ao completar o prazo de cinco anos de residência nos Estados Unidos, tenciona apresentar o seu pedido de naturalização.

A carta hoje publicada pelo «New York Times» foi escrita em Maio e dirigida a uma senhora russa que vive em Paris.

A própria Svetlana quis que a carta fosse publicada em resposta a um artigo do jornal francês «L'Aurore», o qual afirmara que ele se sente muito só e deseja regressar à União Soviética.

«Não sofro de nostalgiae nunca mais voltarei à Rússia -escreve Svetlana - e sentyir-me-ei feliz em tornar-me cidadã dos Estados Unidos.»

Pôr fim à guerra no Vietnam -objectivo de Nixon

Richard Nixon, em importante discurso proferido a noite passada, afirmou que um Governo republicano dará prioridade à liquidação da guerra no Vietname.

Dirigindo-se aos chefes dos países comunistas afirmou: «Não há uma alternativa aceitável para as negociações. Nós não procuramos dominar.

O candidato republicano declarou «oferecer a mão da amizade a todos, russos e chineses». E acrescentou: «Após uma era de confrontação, chegou o momento de entrar numa era de negociação.»

E ainda: «Mas porque este período será o da negociação, nós restabeleceremos a força da América, de maneira a negociar sempre a partir de uma posição de força, e nunca de fraqueza.»

Nixon acentuou que os Estados Unidos não procuravam dominar qualquer país, mas que se mostrariam firmes. «Mostrar-nos-emos tão firmes na defesa do nosso sistema como os comunistas na defesa do deles» -afirmou.

Há 23 anos -Nagasaki

A população de Nagasaki comemorou hoje o vigésimo terceiro aniversário da explosão, sobre a cidade, da segunda bomba atómica da II Guerra Mundial.

EFEMÉRIDES

1529 — São elaborados os documentos que prevêem o estabelecimento do Parlamento em Inglaterra.

1615 — Eclode a Segunda Guerra Civil em França, durante a qual o príncipe de Conde se alia aos huguenotes, comandados por Henrique, duque de Rohan.

1792 — É estabelecida a Comuna Revolucionária de Paris.

1898 — A Espanha aceita, formalmente, os termos de paz que põem fim à guerra hispano-americana.

1899 — A Grã-Bretanha adquire as possessões da Companhia do Níger, em Africa.

1919 — É assinado, em Teerão, o acordo anglo-persa, destinado a preservar a integridade da Pérsia.

1942 — A Grã-Bretanha ordena a prisão de Gandhi, que fica detido até 1944.

1945 — Um bombardeiro norte-americano, o «Grande Artista», lança a segunda bomba atómica sobre o Japão, destruindo mais de metade de Nagasaki.

1953 — Em Portugal, o general Craveiro Lopes presta juramento como Presidente da República.

1958 — O almirante Américo Tomás assume as funções de Presidente da República Portuguesa, cargo que manterá até 25 de Abril de 1974.

1960 — Ocorre um golpe de Estado no Laos.

1964 — As Nações Unidas ordenam o cessar-fogo em Chipre.

1969 — Três homens e duas mulheres, incluindo a actriz norte-americana Sharon Tate, mulher do realizador cinematográfico Roman Polanski, são assassinados numa casa de Beverly Hills, Califórnia, EUA.

1975 — Em Portugal, é divulgado o «Documento do Copcon», tido como uma resposta ao «Documento dos Nove».

— Dois barcos colidem perto de Cantão, na China, morrendo afogadas mais de 500 pessoas.

1978 — O Presidente da República Portuguesa indigita Nobre da Costa para o cargo de Primeiro-Ministro, na sequência da exoneração de Mário Soares, em 27 de Julho.

1983 — Uma delegação governamental norte-americana conferencia em Moscovo com autoridades soviéticas sobre a maneira de melhorar o Telefone Vermelho («Hot Line»), que liga a Casa Branca ao Kremlin, em situações de crise.

EM PORTUGAL

	1.0 h	Mín. Prec.	As 13 h.
Bragança	15	13 0.0	Limpo
V. Castelo	14	14 0.0	Limpo
Vila Real	12	12 0.0	Limpo
Porto	14	14 0.0	Neblina
Coimbra	16	16 0.0	Neblina
C. Carvoeiro	18	18 0.0	Encob.
C. Branco	18	18 0.0	Bruma
Portalegre	22	16 0.0	Neblina
Lisboa	19	18 0.0	P. nub.
Évora	15	15 0.0	M. nub.
Beja	15	14 0.0	Neblina
Faro	21	21 0.0	Limpo
Sagres	18	18 0.0	M. nub.
P. Delgada	20	20 0.0	Encob.
Funchal	18	18 0.0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 27, Porto 23, Faro 32, Ponta Delgada 26, Funchal 25.

Temperatura do ar em C • Precipitação em mm

NA EUROPA

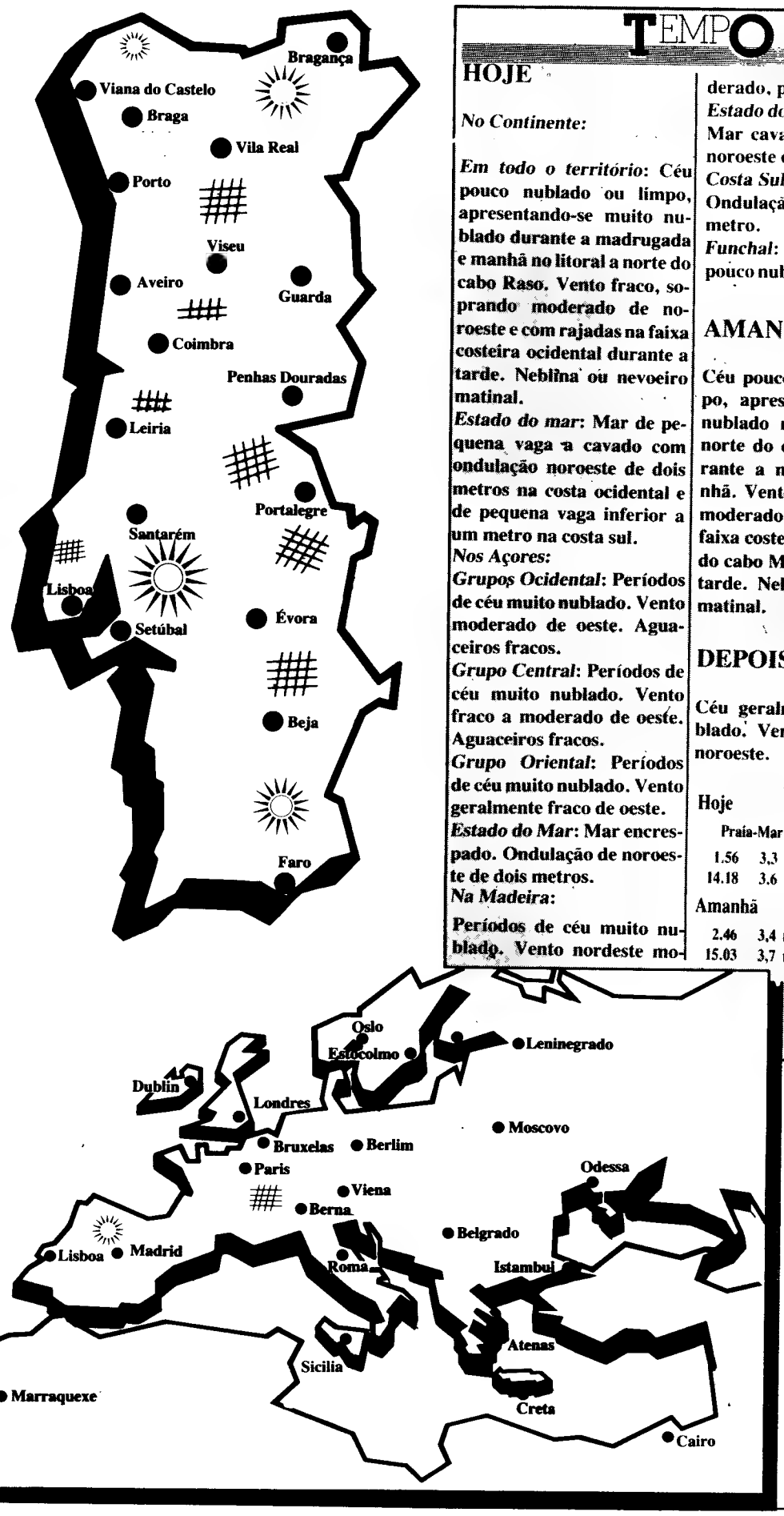
	Max.	Min.	As 18 h.
Madrid	16	16	Limpo
Londres	17	16	Chuvisco
Paris	18	17	Neblina
Bruxelas	17	16	Nevoeiro
Amesterdão	16	12	Nevoeiro
Genebra	16	14	Neblina
Roma	20	18	Neblina
Oslo	15	12	Muito nub.
Copenhaga	16	11	Nevoeiro
Estocolmo	16	12	Pouco nub.
Berlim	17	15	Pouco nub.
Viena	19	17	Neblina
Varsóvia	14	8	Pouco nub.
Atenas	25	21	Limpo
Moscovo	14	12	Neblina

Temperatura do ar em C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	19	26	Nublado
Joanesburgo	6	22	Limpo
Los Angeles	16	27	Limpo
Montreal	21	28	Nublado
Nova Deli	27	33	Chuva
Nova Iorque	25	33	Nublado
R. de Janeiro	17	29	Limpo
S. Francisco	14	20	Nublado
São Paulo	–	–	—
Toquio	25	32	Limpo

Temperatura do ar em C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

***Em todo o território*: Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral a norte do cabo Raso. Vento fraco, soprando moderado de noroeste e com rajadas na faixa costeira ocidental durante a tarde. Neblina ou nevoeiro matinal.**

***Estado do mar*: Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de dois metros na costa ocidental e de pequena vaga inferior a um metro na costa sul.**

Nos Açores:

***Grupos Ocidental*: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de oeste. Aguaceiros fracos.**

***Grupo Central*: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de oeste. Aguaceiros fracos.**

***Grupo Oriental*: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco de oeste.**

***Estado do Mar*: Mar encrespado. Ondulação de noroeste de dois metros.**

***Na Madeira*:**

Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado, por vezes forte.

***Estado do mar: Costa Norte*: Mar cavado. Ondulação de noroeste de dois metros.**

***Costa Sul*: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.**

***Funchal*: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado no litoral oeste a norte do cabo da Roca durante a madrugada e manhã. Vento fraco, soprando moderado de noroeste na faixa costeira ocidental a sul do cabo Mondego durante a tarde. Neblina ou nevoeiro matinal.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado de noroeste.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
1.56	3,3 m	7.37	1,6 m
14.18	3.6 m	20.20	1,4 m

Amanhã

2.46	3,4 m	8.21	1,4 m
15.03	3,7 m	20.58	1,3 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

CASCAIS: SALVAR O MUITO QUE (AINDA) PODE SER SALVO

Marina Tavares Dias

O património do concelho de Cascais motivou recentemente um curso de Verão. Os alunos da Universidade Técnica de Lisboa estudaram alguns exemplos de recuperação e aproveitamento de locais quase esquecidos.
O apoio da Câmara a esta iniciativa insere-se num programa mais vasto que avisa sensibilizar a população para a herança arquitectónica e paisagística do concelho. Porque, ao contrário do que geralmente se pensa, Cascais ainda possui freguesias com características rurais, e mesmo nas zonas de maior potencial turístico mantêm-se exemplos importantes da arquitectura de veraneio no início deste século.

A pior intervenção no centro da vila: o edifício do Hotel Baía, cuja cenografia turística sacrificou um quarteirão antigo. Antes dele a Praia dos Pescadores tinha o aspecto sugerido pelo próprio nome

Cascais era uma aldeia do concelho de Sintra quando, em Junho de 1364, uma 'carta' de D. Pedro I a elevou à categoria de vila. A antiga povoação ocupava um pequeno núcleo muralhado, próximo da praia, e era exclusivamente habitada por pescadores.

Cinco séculos mais tarde, é o mesmo rei D. Pedro o protagonista de um jogo infantil que serve de mote à visita guiada através da vila. Crianças dos seis aos 14 anos visitam a «Cascais rural, medieval e renascentista» cumprindo um programa de Verão, organizado pelo Município e destinado às colónias de férias. As visitas começaram no dia 18 de Julho e prolongam-se até ao final de Setembro.

«O rei D. Pedro sentiu uma grande curiosidade em voltar a Cascais e, metendo-se numa máquina do tempo, vem fazer uma visita à vila.» As crianças ajudam o soberano a redescobrir a «sua» Cascais de antanho. É uma tarefa difícil, e sê-lo-ia mesmo para os peritos nas coisas do património.

A antiga povoação dos pescadores mudou muito. Mas não tanto que não exista, ainda, muita coisa para salvar. A inventariação de monumentos, edifícios, ruas, sítios e áreas urbanas ou rurais, assim como a elaboração de estudos, projectos e planos necessários para a respectiva salvaguarda fazem já parte das preocupações do executivo camarário. O GASP (Gabinete de Salvaguarda do Património), recentemente criado, lida com o inesgotável problema da identidade patrimonial. E como seria de esperar num concelho com um litoral turístico e um interior suburbano, esse problema é duplamente difícil.

Foi D. Manuel quem, no século XVI, concedeu foral a Cascais. Mas só no século XIX, com a fixação temporária da corte, passou aquela zona a ser considerada «a Riviera portuguesa». Isso permitiu que o concelho se desenvolvesse à sombra do turismo, como alvo de uma arquitectura de veraneio que, na segunda metade deste século, daria lugar às estruturas hoteleiras e à intervenção desordenada que habitualmente as caracteriza.

O equilíbrio de «crescimento» do concelho determinará a futura imagem de Cascais. No interior, por exemplo, estão agora a desaparecer as antigas quintas, terras saloias de semeadura, típicas nos arredores de Lisboa. Algumas povoações mantêm-se contudo tal como eram há cerca de cem anos, tendo resistido ao último «salto» demográfico que, nos anos 60, deslocou os habitantes dos dormitórios para o interior do concelho.

Entre as zonas mais problemáticas, conta-se a zona tradicional da vinha de Carcavelos, que ameaça não resistir ao «progresso». Recorde-se o exemplo da Quinta do Barão que, segundo alegam os proprietários, sofreu uma irremediável alteração do microclima por estar espartilhada entre os prédios que cresceram à sua volta.

Ainda em fase de previsões orçamentais, o Gabinete (na dependência directa do presidente da Câmara) ajudará a decidir o aspecto futuro destas problemáticas zonas. A criação do GASP corresponde a um grande desafio para um concelho como Cascais. E ainda que a eficácia necessária não seja conseguida nos próximos anos, ele é já reflexo de um poder político que reconheceu a existência e a importância do património. E quando o fenómeno chega aos concelhos de grande potencial turísticos, pode dizer-se que adquiriu uma dimensão irreversível.

Inventariar exemplos, coordenar estudos, elaborar planos, propor classificações, fiscalizar obras, analisar projectos, promover recuperações, criar áreas protegidas e traçar programas culturais são algumas das com-

Foto ANTÓNIO NUNES

A Igreja do Livramento, recentemente classificada Imóvel de Interesse Público

A Praça 5 de Outubro antes e (muito) depois de ter recebido esse nome. Cerca de cem anos separam as duas fotografias. O edifício da antiga Câmara foi restaurado este ano. A praça ficou a ganhar com o calcetamento, mas a estátua de D. Pedro (de 1965) é para esquecer...

petências do GASP. Para já, os responsáveis reúnem documentos para uma grande exposição sobre o património do concelho, na qual figurarão também os trabalhos elaborados pelos alunos do curso da Universidade Técnica. A Câmara fará também um protocolo com a referida Universidade para que, no próximo Verão, possam surgir novas propostas de alunos sobre outros temas do concelho. Recorde-se que, este ano, os locais estudados foram o forte do Guincho, o centro histórico da vila de Cascais e as moradias do Monte Estoril.

As questões ligadas ao aproveitamento de fortalezas têm sido, até hoje, pouco exploradas. O Forte do Guincho está cedido à câmara, mas sofre de uma «doença» típica do seu género: o isolamento. Quase tão problemático como essa solidão é o superpovoamento da turística Cascais, onde urge impedir intervenções semelhantes àquela que, nos anos 60, implantou junto da praia o incaracterístico Hotel Baía, sacrificando para isso todo um quarteirão.

Existem estudos sobre o património de Cascais, alguns deles bastante pormenorizados (como o do arquitecto Sérgio Infante, de 1981), mas, quase sempre, acabaram esquecidos nas gavetas dos responsáveis. Organizar ficheiros, memórias descritivas e arquivos fotográficos (tudo o que está na base da inventariação de um património) é trabalho que «não se vê». Por outro lado, as medidas mais imediatas (porventura mais espectaculares) nem sempre são mais fáceis pois a Câmara não possui suporte jurídico para suspender obras em curso nas áreas não classificadas.

Para a necessária classificação, procede-se agora aos primeiros levantamentos. A colaboração com os jovens estudantes de arquitectura poderá ter sido decisiva. Em breve essa colaboração se estenderá a outros grupos académicos e profissionais, incluindo historiadores e sociólogos.

João Cabral, responsável pelo Gabinete de Arqueologia da câmara (que tem resolvido alguns assuntos ligados ao património), destaca a importância do GASP em casos de intervenções nas zonas históricas» «As autarquias têm o poder de determinar zonas de protecção. Nessa medida, e embora o processo de mudança seja lento, o Gabinete é o coordenador de uma situação nova.»

De Alcabideche ou S. Domingos de Rana aos elegantes Estoris, muitas «situações novas» terão de vingar para que as crianças do concelho continuem a fazer visitas plenas de referências históricas. E para que continue a ser fácil responder a uma das perguntas do «jogo» dessas visitas: «Que personagem gostarias de ver numa das minhas varandas?» Imagine-se o drama da criança se, em vez da Casa-Museu Castro Guimarães, lhe apontasse, por exemplo, o edifício do Hotel Baía...

Foto ANTÓNIO NUNES

O edifício Beira-Rio, na Alameda dos Combatentes: um exemplo importante de tudo o que está por classificar

Foto GUILHERME CARDOSO

A Padaria Flor Aveirense, na Rua dos Navegantes, cuja fachada será restaurada com o apoio da Câmara

Morte de um poeta

Aquele que um dia escreveu, em prosa e poesia, que cada gesto é problemático e cada passo heroico, acaba de morrer. Acaba de se dissolver, como deixou escrito, na «imensa pétala violeta azul» que é o firmamento. Referimo-nos a Francis Ponge, considerado um dos maiores poetas franceses em prosa deste século. A morte ocorreu no passado sábado, aos 89 anos, na casa de Bar-sur-Loup, na Côte d'Azur francesa.

Considerado um dos precursores do novo romance, Ponge nasceu em Montpellier, em 1899, e a partir de 1921 começou a publicar textos na *Nouvelle Revue Française*.

Depois de um breve período surrealista, Ponge saíu do anonimato em 1942, com a obra *Le Parti-Pris des Choses*, e tornou-se célebre com uma exegese sobre Sartre. *Le Grand Recueil*, obra editada em 1962, reune três volumes anteriores sobre lírica, métodos literários e obras de teatro.

A sua obra é constituída, principalmente, por poemas em prosa e ensaios, tais como *Poèmes* (1948), *La Seine* (1950) e *Tome Premier* (1965).

A totalidade da sua obra foi consagrada com o Prémio Nacional de Poesia, em 1981, e o Prémio da Academia Francesa, em 1984.

Considerado nos primeiros tempos como um poeta difícil, enigmático quase, abriu-se à compreensão dos outros quaundo um dia escreveu *As andorinhas*. Pode dizer-se então que a atenção dos outros levantou voo, manteve-se no espaço, planou sobre a cidade e as coisas...

Sorria-se, nas tertúlias, da palavra *inspiração*. Para Ponge a poesia era um excesso de trabalho, uma retórica aturada, uma busca de palavras contrárias que, aparentemente, não conferiam sentido ao discurso.

A crítica, os estudiosos e os leitores de poesia foram-se apercebendo lentamente que nesse aparente caos de palavras se encontrava a verdadeira estrutura do acto poético: turbilhões que a razão não apreende de imediato, abismos que só a meditação aprofunda e configura, remoínhos de música, imagens - e algo mais que só os poetas sabem dizer. Como, por exemplo, Fernando Pessoa em determinado poema: (...) "E a tarde cai como ter mãe e irmãs..." As tais palavras, pois, que, aparentemente, parecem nada ter umas com as outras - mas que, na verdade, são a base suprema da poesia.

Pedro Alvim

DL CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

HOMEM DE ACÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

LARANJA MECÂNICA
(Int. men. 18 anos)
13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 h

Alfa 3

ADEUS ÁFRICA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 5

ESTRANHOS NA MESMA CIDADE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00, 21.15 e 00.30 h

Amoreiras 1

ADEUS ÁFRICA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

HOMEM DE ACÇÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3

O MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 4

ATIRAR A MATAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 5

ESTRANHOS NA MESMA CIDADE
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 6

A GENTE DE DUBLIN
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

APOCALIPSE NOW
(n/acons. men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

ATIRAR A MATAR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776098

O MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Num local onde nunca ninguém foi, dois homens procuram um assassino que nunca ninguém viu!
Cinemas: Ávila - Amoreiras - Tivoli - Babilónia

Capitólio

— T. 372358

SEXO EM ALTA ESCOLA
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil

T. 530194

OS QUATRO CACHORRINHOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

SONHOS ERÓTICOS DE UMA VIRGEM
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

ATOR – O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

MASTERS DO UNIVERSO
(Para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 9434773

Encerrado
para beneficiações

Sala 2

ACADEMIA DE POLÍCIA V
(maiores 12 anos)
15.30, e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

LARANJA MECÂNICA
(int. men. 18 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

A CASA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.15, 18.15 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

OS GLADIADORES DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

O GLADIADOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

YOUNGBLOOD
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

CLUBE PARA CAVALHEIROS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

Ciclo de Cinema «S.I.F.»
SODOMA E GOMORRA
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

DANÇA COMIGO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 1

A CASA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império

— T. 555134

OS GLADIADORES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A CASA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

GENTE DE DUBLIN
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Sala 2

MAURICE
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Sala 3

ESTRANHOS NA MESMA CIDADE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

O BRAÇO EXTERMINADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

O SABOR DO DINHEIRO
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

SELVA JADE
(maiores 18 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

O AMOR NÃO PERDOA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

A JANELA INDISCRETA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
HAMMETT, DETECTIVE PRIVADO
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 2

LARANJA MECÂNICA
(Int. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
TRUE STORIES
(maiores 12 anos)
24.00 h

Sala 3

AS PROFISSIONAIS DO SONHO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
LIANNA, UM AMOR DIFERENTE
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

CAMINHOS CRUZADOS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O VERÃO ASSASSINO
(maiores 12 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

PORKY'S II
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

O MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 1

ESTRANHOS NA MESMA CIDADE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.45 h

Sala 3

ACADEMIA DE POLÍCIA V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.05 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.00, 15.30, 17.15, 19.15, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE DE DUBLIN
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA V – ACÇÃO EM MIAMI
(maiores 12 anos)
13.15, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

ATIRAR A MATAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

(ENCERRADO PARA OBRAS)

Xenon

T. 368480

A RAPTADA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Babilónia — «Atirar a Matar», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Polícia de Choque», às 21.30 h (maiores 12 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — ENCERRADO PARA DESCANSO DO PESSOAL.

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Pela Borda Fora», às 21.30 h (maiores 6 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — (Encerrado para obras).

ALGÉS — Cinema 2000 — «Inferno em Saigão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «A Águia de Ferro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Casa Suspeita», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «A Morte Chéga de Madrugada», às 15.30 e 21.45 h (maiores 18 anos).

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «A Raiva de Vencer», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos).
Sala 2 — «Homem em Acção» , às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Insustentável Leveza do Ser», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Adeus África», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Academia de Polícia V Missão em Miami», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Academia de Polícia», às 15.30 e 21.30 h, (maiores 6 anos).
ALMADA — Cine-Estúdio de Almada — «Ruas Selvagens», às 15.30, 18.15 e 21.30 h, (maiores 18 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «A Manhã Seguinte», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «A Loja dos Biquinis», às 21.30 h (maiores 12 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Polícia de Choque», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Inferno em Saigão, às 15.00 e 21.15 h (maiores 16 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Esperança e Glória», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

CERÂMICAS EM VILAMOURA

Até ao próximo dia 5 de Setembro, encontram-se expostas no «Vilamoura Marinotel», cerâmicas da autoria de Antão.

Antão (António Osório de Castro) nasceu em Lisboa em 1941, onde frequentou a Faculdade de Direito. Em 1962 e 63 estudou pintura, desenho e escultura na ESBAL, onde foi aluno dos mestres Roberto de Araújo e Jorge Vieira. Expôs no Salão de Novíssimos em 1964 e participou na Mostra de alunos de Roberto Araújo, no Convento dos Marianos.

Realizou, em Angola, uma recolha etnográfica com investigação em diversos museus e bibliotecas (1965-67), tendo cedido esta colecção ao Museu de Etnologia. Colaborou com os Serviços de Restauro da Gulbenkian, de 67 a 69.

Trabalhou com decoração e mobiliário em Santana (Sesimbra) de 1970 a 1980. Em colaboração com Augusto Cabrita idealizou uma publicação sobre «Design», intitulada «A Cadeira Moderna».

Em 82 iniciou uma investigação sobre as tábuas quatrocentistas conhecidas como «Painéis de S. Vicente», para o que fez várias viagens de estudo a Espanha, França, Bélgica e Itália.

Dedica-se presentemente à pintura cerâmica, tendo realizado exposições em várias galerias de arte.

EXPOSIÇÕES

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA (Galeria de Pintura do Rei D. Luís): até 9 de Outubro, as exposições «A Linguagem dos Nossos Ourives» e «A Linguagem dos Novos Materiais».

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 26 de Agosto, a exposição «Ao Abrigo do Sonho», instalação têxtil de Edith Ambühl. Também as exposições «Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa», «O Traje na Dança», «Traje de Ópera-Guarda-Roupa de Tomás Alcaide» e «Colchas de Ermelinda Cargaleiro.

MUSEU SOARES DOS REIS (Porto): a exposição «O Tempo e o Lugar», dedicada ao pintor da Corte de Luís XIII Philipe de Champaigne.

MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR (Castelo Branco): uma colectiva de pintura com trabalhos de 19 artistas da «Imargem»-Associação de Artistas Plásticos do Concelho de Almada e ainda do artista convidado, João Sena.

MUSEU DE ETNOLOGIA: as exposições «Timor de Ruy Cinatti», «Índios da Amazónia» e «Têxteis: Tecnologia e Simbolismo».

PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA: a exposição «Tapetes Orientais» da Colecção Calouste Gulbenkian.

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA: até finais de Outubro, todos os dias excepto quartas e feriados, a exposição «Estudos e Recuperação dos Jardins Históricos».

PALÁCIO DE TURISMO DE SINTRA (galeria de exposições temporárias): até 18 de Agosto, uma exposição de pintura e escultura de cinco artistas radicados na freguesia de Colares: Carlos Viseu, Edmundo Cruz, H. michael Weiben, Manuel da Silva e Nadine Hoskins. Patente nos dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 18, sábados e domingos das 14 às 18.

MUSEU DE PENICHE: até 15 de Agosto, pintura e desenho de Margarida Ghira.

PALÁCIO FOZ: exposição de fotografias «Porto Típico - Sítios Desconhecidos», da autoria do fotógrafo português residente em França José Lopes.

CASA DAS ARTES DE TAVIRA: até 19 de Agosto, Gravura de Bartolomeu Cid.

NOVA ATLÂNTICA (Atelier-Galeria em Santa Marta, Alcoutim): até 28 de Agosto, Pintura e Desenho de Almeida e Sousa.

AMADORA (Parque Central): até 30 de Setembro, a I Mostra de Escultura oa Ar Livre organizada pela Câmara Municipal com o apoio do Grupo ARTEVER - Associação de Artistas Plásticos da Amadora.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: até 21 de Agosto, diariamente das 15 às 24, a colectiva «Arte Jovem/Salão Primavera».

FORUM PICOAS (Galeria de Arte dos CTT): até 26 de Agosto, nos dias úteis das 11 às 13,30 e das 12,30 às 19, Pintura de Lino António.

VILA NOVA DE CERVEIRA: até 4 de Setembro, a VI Bienal de Cerveira com o tema base «Design Gráfico Português».

VILAMOURA MARINOTEL: até 5 de Setembro,, Cerâmicas de Antão.

GALERIA OGIVA (Óbidos): até 28 de Agosto, exposição dos pintores cerâmicos.

MUSEU DE GRÃO VASCO (Viseu): até 21 de Agosto, a exposição de Fotografia intitulada «Itinerários da Arrábida» e ainda uma exposição didáctica (com oficina) de Celso Pereira.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 3 de Setembro, a colectiva de Pintura «Lisboa e o Tejo» com obras de Silva Palmeira, Francisco Gaia, Aleksandr Mihaltchuk, Gomes Candeias, Oliveira Tavares, Corceiro e Alfredo Luz.

GALERIA CAPITEL (Leiria): até 12 de Setembro, uma grande exposição composta por óleos, aguarelas, guaches, desenhos, pastel, cerâmica, vidros, colagens, serigrafias e esculturas, da autoria de 66 artistas.

COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): até 31 de Agosto, a VIII Exposição Colectiva dos sócios da Árvore.

LOULÉ (Galeria do Convento Espírito Santo): até 30 de Setembro, uma exposição antológica de Pintura e Desenho de Manuel Baptista.

GALERIA JF DE CASCAIS: até 16 de Agosto, pintura e escultura de Michael Barrett.

RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão): até 18 de Agosto, diariamente das 12 às 24, uma exposição de Pintura de José Reis.

GALERIA ANTÓNIO CLARA (Av. da República, 38): até 12 de Outubro, todos os dias das 15 às 23, desenho e esculturas de Luís Dourdil, Dorita Castel-Branco, Manuela Pinheiro, Rogério Ribiro e Martins Correia.

GULBENKIAN (zona dos congressos): uma exposição com 200 cartazes do Teatro Polaco do século XX-

GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12-A): até 19 de Agosto, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, uma exposição colectiva de Fotografia a cores de Carlos Dias da Silva, Fernanda Gonçalves e João Luís Dória.

MUSEU DE ALCOBAÇA (ala sul): «Lenços & Colchas de Chita de Alcobaça».

BIBLIOTECÀ MUNICIPAL DE ALMADA: até 15 de Setembro, das 10 às 18, Cerâmica de Raquel Zagallo e Bernardette de Freitas.

MÓDULO (Av. da Boavista, 854-Porto): até 30 de Setembro, uma colectiva de pintura e escultura com obras de 14 artistas da galeria, com o título «1.14. VR88» Encerrada para férias entre 14 de Agosto a 18 de Setembro.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 28 de Agosto, Gravura de Ilda Reis.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO (sala de exposições): até 30 de Outubro, At. Re./1988 - Experiências Plásticas.

CASINO DA PÓVOA DE VARZIM ((Galeria de Arte da Póvoa de Varzim): a Galeria Nasoni do Porto apresenta Pintura de Noronha da Costa e Pedro Tudela.

LIVRARIA DU BOCAGE (Setúbal): Trilogias Fotográficas de Pedro Pereira.

GALERIA D´ARTE DE VILAMOURA: escultura de Olivier Brice.

SESIMBRA (espaço cultural de Santiago): até 14 de Agosto, pintura e esmaltes de Luís Ralha.

GALERIA INTERNACIONAL DE ARTE (Quinta do Lago-Almancil): até 25 de Agosto, para inauguração da galeria, aguarelas e óleos de John O´Connor.

O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. dr. Alfredo Costa-Sintra): até 10 de Agosto, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 20, «Linhas Lunares»-Desenho de João Dionísio.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril) a Junta de Turismo apresenta uma colectiva de Escultura & Tapeçaria. Dias úteis das 9 às 20, domingos e feriados das 10 às 18.

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição de Sam, «Uterus Communis».

GALERIA DE ARTE ARCADA (Estoril): exposição de Cerâmica com obras de Jorge Mealha e Janet Brown, de quarta a segunda-feira das 11 às 13 e das 14 às 20.

GALERIA ZEN (R. D. Manuel II, 246-Porto): até 19 de Agosto, pintura de Manuel Baptista, de segunda a sexta das 15 às 20.

GALERIA ALGARVE (Páteo da Aldeia, Areias de S. João-Albufeira): para inauguração deste novo espaço cultural, uma exposição de aguarelas de Júlio Resende.

CENTRO CULTURAL SÃO LOURENÇO (Almancil): até 9 de Setembro, pintura de António Pimentel.

GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Caparica): até 19 de Agosto, pintura de Pedro Olayo (filho). Todos os dias das 15 às 23. Patente também a exposição permanente da galeria.

GALERIA SPATIUM (Tavira). até 16 de Agosto, pintura de Joaquim Bravo..

MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): até 20 de Agosto, uma grande exposição de Eurico Gonçalves, um dos mais importantes nomes do movimento surrealista na pintura portuguesa.

Até 28 de Agosto, uma exposição sobre «Laureano Rocha - 50 anos ao serviço do Turismo e da Cultura setubalenses.

GALERIA ARTEX(R. Nova do Almada, 87): até 10 de Setembro, uma colectiva de Pintura com a participação de Alfredo Luz, Ilídia Soares Lopes, Lívio Morais, Mário Silva, Paulo Afonso, Paulo Ossião e Silva Palmeira.

MUSEU DE JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): até 21 de Agosto, a exposição «A Arte da Miniatura em Barro - Escultores e Barristas» integrada na Feira Nacional da Cerâmica/88. Paralelamente, a exposição «Gravuras da Colecção Calouste Gulbenkian».

CONVENTO DOS CAPUCHOS (Costa de Caparica): desenhos e esculturas de José de Guimarães, «O Gesto em Cor».

LIBERSIL (Centro Comercial-Av. da Liberdade). O Centro Português de Serigrafia inaugura neste espaço as suas instalações com: o lançamento da serigrafia do pintor João Bemto d´Almeida e o lançamento do 1º número do Boletim Oficial do CPS.

GALERIA MUNICIPAL (Vila Franca de Xira): até 21 de Agosto, para inauguração desta galeria, uma exposição de arte contemporânea portuguesa.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARTE FOTOGRÁFICA (R. das Chagas, 17): até 13 de Agosto, fotografias de António Melão. Às terças e sextas das 18,30 às 22,30.

GALERIA DE SANT´IAGO (Almada, Centro M. Bica-loja 63): a exposição de desenhos, guaches e gravuras de Arpad Szenes e Vieira da Silva.

GALERIA NASONI (Porto): ceâmica de Maria João Oliveira, na Sala Atlântica, fotografia de Graça Sarsfield.

TEATRO DO BAIRO ALTO (R. Ten. Raul Cascais, 1 A): uma exposição documental sobre a vida e obra de escritor Luiz Pacheco, patente de terça a sábado das 18,30 às 20,30.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): uma exposição de pintura e relevos de temática africana da autoria de Filomena Coquenão Samina Ferreira.

HOTEL ALVOR PRAIA: até 13 de Setembro, pintura de Stella de Brito.

GALERIA DE CONSTÂNCIA: até 30 de Setembro, a «Exposição Verão-88». Patente ao público de quarta a domingo das 14 às 20.

GALERIA GP (R. Castilho, 50): tapeçarias de Pedro Frederico-Brasil.

GALERIA GRAVURA (Tv. do Sequeiro, 4): gravuras de Miguel Alarcão, nos dias úteis das 10,30 às 13,30 e das 15 às 19.

AIARTE (L. do Contador Mor, 3): Cerâmica de Jesus Colaço e José Manuel Silva.

CORUCHEUS (R. Alberto e Oliveira-Alvalade): a exposição de Alberto Calderon Dinis «Tipos de Lisboa do Meu Tempo».

GALERIA S. MAMEDE (R. Escola Politécnica, 167): exposição de óleos de Sérgio Telles.

MÉDICO DE URGÊNCIA

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALVALADE: Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Délio**, R. dos Açores, 32-34 (T. 572388); **AVENIDAS NOVAS - JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592); **ZONA J DE CHELAS: Serejo**, A. João Paulo II, 531, loja B (T. 852611); **BENFICA - BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAIS DO SODRÉ: Africana**, R. Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **LAPA: Paiva da Costa**, R. da Lapa, 105-107 (T. 664414); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Botto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREEIRO: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 4-A-B (T. 887300); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CAMPO DE OURIQUE: Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CAMPOLIDE - BAIRRO DA LIBERDADE: Salutar**, R. B, 75-A-B, Bairro da Liberdade (T. 683694); **GRAÇA: Morão**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **JARDIM ZOOLÓGICO: Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Lealdade**, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita**, P. da Alegria, 33-34; **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **QUINTA DA LUZ - CARNIDE: Findor**, R. Adelaide Cabete, 10-E (T. 7145271); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **XABREGAS: Salter**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 36-B (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Diogo Roque**. Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Bento Lino**. Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Ana Branco**, Quinta da Murtinheira (T. 2215590). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Sália**. Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Permanente; **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: O'Neill Pedrosa**, R. Casal do Olival, lote 3, Massamá (T. 4377205). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente.

DL TEATROS

Ritz Club

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«O BAILE». Pelo grupo de teatro «A Barraca». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula de Sousa, Maria Teresa Faria, Leonor Alcácer, Marta Tereno, Margarida Barão, António Cardoso, Luís Tomar, Vítor Torres, Paulo Oom e Miguel Rodrigues.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«A NAVE ADORMECIDA», de Fernando Dacosta. Pelo **Novo Gurpo**. Encenação: Castro Guedes. Cenários: Fernando Filipe. Figurinos: Moura Pinheiro. Música: Eduardo Pais Mamede. Intérpretes: Irene Cruz, Mário Jacques, Francisco Pestana, Melim Teixeira, Jorge Gonçalves, João Baião, Teresa Sobral, Paula Fonseca, Joaquim Monchique, etc.

Teatro Municipal de Almada

R. Conde Ferreira — Tel. 275 21 75

De terça a domingo, às 21.30; sábados e domingos. também às 16.00

«D. ROSINHA A SOLTEIRA», de Federico Garcia Lorca. Encenação: Joaqim Benite. Cenários: Vasco Eloy. Interpretação: Ana Nave, António Assunção, Bibi Gomes, Cecília Guimarães, Fernando Jorge, João Azevedo, Josefina Correia, Luiza Paramés, Manuela Cassola, Manuela Costa, Margarida Leal, Mário Timóteo e Teresa Gafeira.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«OS VELHOS NÃO DEVEM NAMORAR», de Alfonso Castelao. Encenação: Xosé Blanco Xil. Intérpretes: António Filipe, Francisco Soromenho, Jorge Sousa Costa, Fernanda Montemor, Fernanda Figueiredo, Leonor Poeira, Maria José Baião, Alexandra Sedas, Artur Mendonça, Paulo d'Araújo e António Liza.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, Telef. 601866. De 4.ª a sáb., às 21.30; dom., às 16.

LISBOA MONUMENTAL, de Fialho de Almeida, pelo Teatro Maizum. Enc. de Silvina Pereira, dram. de Manuel João Gomes, cen. de Henrique Nunes, fig. de Ana Andrade, mús. de Rui Luís Pereira e int. de Alfredo Brito, Fernando Candeias, Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, José Lopes e Silvina Pereira.

TIL

Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)
Tel. 639974
(Sábados e domingos, às 16.00)

«A NÚVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER», de Fernando Bento Gomes.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00; domingos, às 21.30

«OLHA A BOLSA Ó ZÉ». Com Carlos Miguel, Natalina José, Joel Branco, Glória Cristal, Amélia Videira, Paulo César, João Rodrigo e Rui de Sá, entre outros.

Espaço CESL

R. Almirante Barroso, 3

De 4.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 17.00

«O QUEBRA-MAR», de Steven Berkoff. Encenação de Durval Lucena. Cenários de Fernando Pinto. Interpretação de Durval Lucena e Júlia Correia.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17

De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.00 e 23.00; domingo, matinée, às 16.00 e noite, às 21.30

«ENFIM SÓS», de Mário Zambujal, Carlos Cruz e José Duarte. Música: Zé da Ponte e Guilherme Inês, José Niza, Rui Veloso, Carlos Tê, João Gil, Luís Represas e Senhor Lopes dos Afonsinhos do Condado. Direcção de orquestra: Jorge Costa Pinto. Cenografia: Moniz Ribeiro. Figurinos: Helena Reis. Coreografia: Michel/Sally O'Neill.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Avenida Fausto de Figueiredo, telef. 2670320. De 4.ª a sáb. às 21.30; domingo às 17

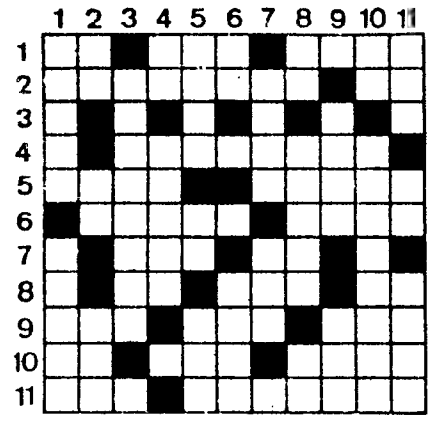
«OPERETA», de Gombrowicz, pelo TEC-Teatro Experimental de Cascais. Enc. Carlos Avilez, cen. e fig. Paulo Seabra, mús. orig. Luís Pedro Fonseca, coreog. Sara Oliveira, apoio corp. George Stobaerts, apoio vocal Cristina Castro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17412

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Pronome relativo. Desejam.
2 Misturais. Reis.
4 Dás estalidos (o lume).
5 Transpirai. Espécie de bolsa de pano ou couro.
6 Povos que habitavam a região do Peru. Fome (prov. trasm).
7 Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Miriare.
8 Nosso Senhor. Lista. Pertences.
9 Brinquedo de criança (prov). Nome com que se designa uma terra impregnada de alcatrão. Mulher de baixa estatura
10 Deus dos pastores. Cidade da Tunísia, no caminho de Tunes a Argel Culto.
11 Desgraça. Que têm poros.



VERTICAIS:

1 Nome do deus-peixe a quem os caldeus atribuíam o mérito de ter civilizado o seu país. Desfrutam.
2 Sua majestade. Interjeição de dor. Capa sem mangas.
3 Vila e concelho do distrito de Santarém.
4 Quanto satis. Opulentos.
5 Cidade da Cítia. Prefixo de privação. Cidade do Tonquim, na via férrea de Hanói a Langson.
6 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Roubo (ant).
7 Rio da Turquia. Maior.
8 Carta de jogar. O mesmo que tagalo. O lado do vento.
9 Estirpe. Suspiros.
10 Brisa. Padecendo.
11 Abreviatura de milisteno. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Sadios.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **17411**

HORIZONTAIS:

1 O. MELÃO. E. A.
2 Imanaras. SM.
3 Ralar. Au.
4 Ou. Ogano. Cr
5 Sr. Abé. Eoo.
6 Cravo. NS.
7 Urrô. Sancho.
8 Liara. Rumes.
9 Harda.
10 Aa Ladres.
11 Risota. Eira.

VERTICAIS:

1 Oiro. MULHER.
2 MAUS. Ria.
3 Mal. Raras.
4 Enão. Cordão.
5 Largar. Aa.
6 Ar. Abas. Lá.
7 Ao. Nevaria.
8 SÃO. ONU. DE.
9 Cm. Rt.
10 CONHECER.
11 Amorosos. Sá.

PROVÉRBIO: O melão e a mulher, maus são de conhecer.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 233

HORIZONTAIS:

1 Massacre.
2 Investigaras.
3 Ilha do arquipélago de Sonda, a Este de Flores que pertencia em parte à Indonésia e em parte a Portugal. Caruma.
4 Albergara por esmola Chefe etíope.
5 Solitário. Campeões.
6 Césio (s.q). Lago de Itália.
7 Ferro temperado. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. Abreviatura que se usa um música.
8 Apelido. Pronome pessoal.
9 Linha perpendicular a outra ou a uma superfície (pl). Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
10 Empregue. Nome de homem.
11 Solitários. Causas amuo a.

VERTICAIS:

1 Seda crua, ainda não fiada. Resíduo de tabaco, em pó (Bras).
2 Conselho. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso.
3 Receei. Golpes.
4 Indivíduos sem valor. Duas vogais desiguais.
5 Recitarás. Político e militar português que participou na Guerra Peninsular e tomou parte na guerra civil de 1846-1848.
6 Rei de Basã morto por ordem de Moisés. Profissional que escreve para jornal.
7 Cidade da China. Carta de jogar. Fronte.
8 Freguesia do concelho de Penafiel. Cabelos brancos. Artigo indefinido.
9 Lenço usado pelos romanos para limpar a boca. Fava de um centímetro de diâmetro, usada em quantidade diminuta como condimento.
10 Governanta. Palavra ou marca que os artistas põem nas suas obras para constar que foram por eles realizadas
11 Membros de aves. Alvitras.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **16 232**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Ac. Cantes.	1 Acmon. Cacho.
2 Caiana. Au.	2 Cairina. Aer.
3 Mi. Vacina.	3 Lista.
4 Ornaremos.	4 Camarim. ER.
5 Ni. Res. Mira.	5 An. Reparara.
6 Pi. Rasam.	6 Naves. Eram.
7 Calma. El. Só.	7 Am. Re.
8 Re. Hios.	8 Escomalha.
9 Cãs. Arrã.	9 Ísis. Ao.
10 Hetera. Are	10 Na. Rasoira.
11 Oraram. Soar	11 Suavamos. Er.

Rádio

Antena Um

17.00: Sete mares; **19.30**: Musical; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.25**: Musical; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Desdobramento em Onda Média-Emissores do Litoral Continental

17.00: Banco de jardim. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Música; **17.25**: Compositores portugueses; **18.40**: Solos de órgão; **19.00**: Integrais; **19.24**: Pequeno concerto de câmara; **20.40**: Michael Tippett, por Michael Tippett; **21.00**: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; **21.25**: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; **23.30**: Intercâmbio musical; **00.40**: Ao fim do serão, com Mozart; **02.00**: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; **17.00**: Média alta; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: As noites da Comercial; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Espaço Lubritex; **20.00**: Espaço Inforgal; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Hora Akai; **01.00**: Som da frente; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

14.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Sequência; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

10.00: Cem mais; **19.00**: Atlântida; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.20**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Triângulo; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço.

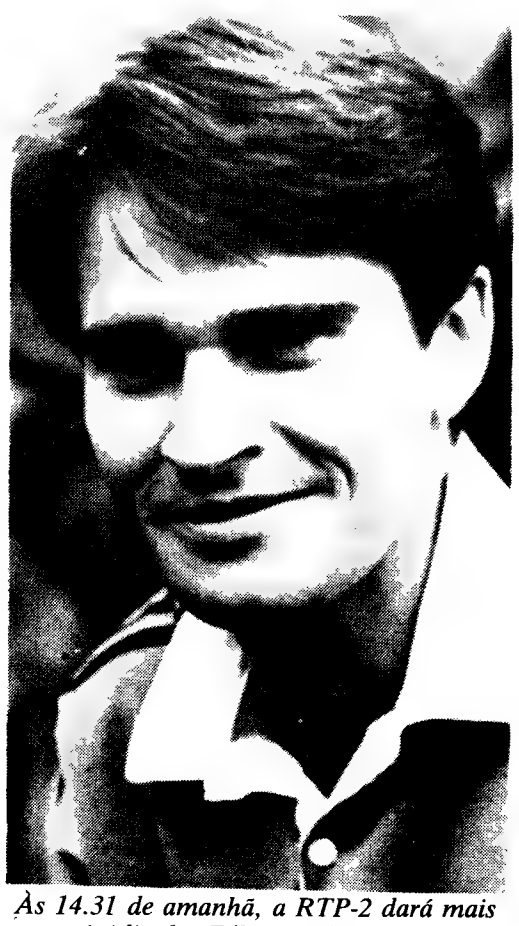
TELEVISÃO

RTP

16.00 — Brinca-Brincando
«Defensores da Terra». «Contos Ilustrados».
17.00 — Ponto por Ponto
13.00 — Estúdio 4
19.30 — Telejornal
20.00 — Bolsa Dia a Dia
20.05 — O Tempo
20.08 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
20.10 — Vamos Jogar no Totobola
20.25 — Anos Dourados
21.20 — Programa da Direcção da Informação
22.20 — Simenon
23.25 — 24 Horas
23.55 — Remate
(Inclui Volta a Portugal em Bicicleta)

RTP 2

16.30 — Trinta Minutos com... O prof. Rocha Gonçalves
17.00 — Helena
17.35 — Histórias Fantásticas de Ray Bradbury



Às 14.31 de amanhã, a RTP-2 dará mais um episódio de «Filhos e Filhas»

O Canal Um apresentará, amanhã, pelas 21.15, «O Réptil»

18.00 — Music Box Especial
George Harrison
19.00 — Totally Live
19.55 — Clássicos da TV
«O Fugitivo»
Detido pelo xerife de uma pequena cidade, Kimble depressa descobre que o polícia, embora mantenha uma aparência simpática, é extremamente violento para com os seus presos.
20.45 — Cem Grandes Quadros
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Montra de Livros
21.35 — Adrian Mole na crise da adolescência
O avô de Adrian, por causa da guerra das Malvinas, quer evitar que se comam bifes argentinos em casa, mas Pandora, a namorada, organiza na escola manifestações e abaixo-assinados a exigir o fim da guerra. Adrian pede a Pandora que lhe mostre o peito o que ela recusa dizendo que ele está obsecado com o sexo. Manda-o tratar-se no psiquiatra. Adrian decide, então, matar-se e escreve uma longa carta a Pandora. Mas quando, no dia seguinte, vai entregar-lha, descobre que Pandora está a organizar um baile de máscaras, sobre o qual nada lhe dissera. E pior: George diz-lhe que ela está grávida de três meses.
22.00 — Cinedois
«Vinte dias sem guerra»
1942. Longe de Estalinegrado e da linha de frente, um grupo de soldados tem alguns dias de licença. Mais de metade do tempo de licença é gasto numa longa viagem num comboio a vapor. Em Moscovo, Lopatine encontra Nina: é um amor breve, mas intenso, quase desesperado. Mas, perante a violência da guerra, qual o futuro do amor?

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

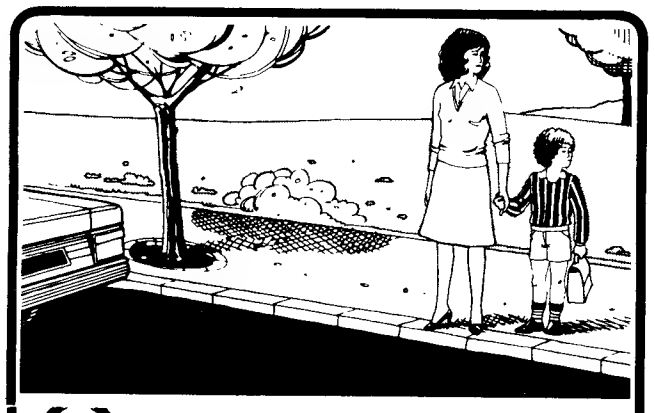
AMANHÃ

RTP — 1

09.00 — Abertura
09.01 — Bom Dia
10.00 — Às Dez
12.20 — Selva de Pedra
13.00 — Jornal da tarde
13.30 — Fama
14.15 — Volta a Portugal em Bicicleta
14.40 — Missões de Paz. «Cartografia Militar»
15.05 — Booker T. Jones
16.00 — Brinca Brincando
17.00 — Ponto por Ponto
18.00 — Estúdio 4
19.00 — Telejornal
20.00 — Bolsa Dia a Dia
20.06 — O Tempo
20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
20.15 — Anos Dourados
21.15 — Lotação Esgotada. «O Reptil»
23.30 — 24 Horas
24.00 — Remate

RTP — 2

14.30 — Abertura
14.31 — Filhos e Filhas
14.55 — Agora, escolha!
16.25 — Trinta Minutos com...
16.55 — Helena
17.30 — É tudo comédia
17.40 — Viagem do Mimi
18.10 — Hans, na Maior
19.00 — Totally Live
19.55 — Clássicos da TV
20.45 — Cem Grandes Quadros
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Montra de Livros
21.35 — Joana
22.40 — Clube de Imprensa
23.25 — Fantasia e realidade

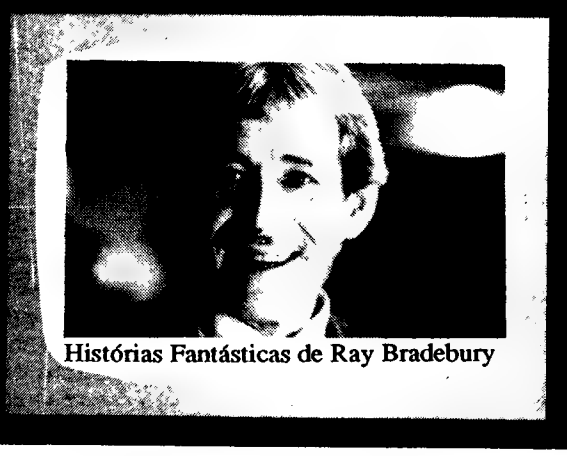


GRUNDIG a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1 Simenon

RTP 2 Cinemadois

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 64/5 — 32 02 71/2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

A Primeira Ministra britânica, Margaret Thatcher, fez hoje uma visita de surpresa ao Dubai, seguindo para um navio da Marinha real no Golfo, o «Manchester», um dos seis ali estacionados para proteger a navegação de ataques do Irão e do Iraque. A governante britânica regressava de uma viagem à Tailândia e a sua visita ao navio não foi previamente anunciada por motivos de segurança.

Exploração das águas do Luso: acordo de exploração à vista

A Câmara Municipal da Mealhada e a Sociedade da Água do Luso estão a caminho de ultrapassar divergências sobre a manutenção do direito de exploração à actual concessionária segundo o presidente da autarquia.

Esta declaração de Emídio dos Santos segue-se a um longo período de debates entre aquelas duas entidades em torno da base legal em que assenta a exploração da nascente termal e da fixação da renda do local.

Firmada num parecer jurídico do professor Afonso Queiró, a Câmara da Mealhada defende que a concessão emerge de um alvará de 1894 já caducado.

A Sociedade da Água do Luso sustenta, por seu turno, que o pleno direito à concessão lhe advém duma transacção efectuada entre si e a Câmara em 1916.

A empresa manifesta-se, entretanto, disponível para pagar à Câmara substancialmente mais do que os 600 escudos que tem vindo a pagar anualmente.

José Navarro, presidente do conselho de administração da sociedade, cujo capital é maioritariamente detido pela Centralcer, vai propor uma renda de alguns milhares de contos, na condição de parte dela ser gasta pela Câmara na própria estância termal de Luso, soube a Lusa junto de fontes ligadas às duas partes em conflito de interesses.

«É apenas de um conflito de interesses que se trata» — disse Emídio dos Santos. «Sobretudo nada de guerra aberta entre nós, como já ouvi propalar.»

Lei do Imposto Único não vai ao TC

Mário Soares não suscitou ao Tribunal Constitucional a fiscalização preventiva da constitucionalidade do diploma da Reforma Fiscal. O prazo para o fazer terminava ontem também pelo que se presume que o PR deverá nas próximas duas semanas promulgar o diploma, vulgarmente conhecido por «lei do imposto único».

Outro diploma já promulgado por Soares foi o decreto-lei que aumenta substancialmente o estatuto remuneratório para os titulares dos cargos públicos. O PR promulgou igualmente quatro autorizações legislativas que permitem ao Executivo, respectivamente, emitir um empréstimo para a assumpção de passivos de empresas públicas, alterar normas no estatuto do objector de consciência, rever o regime e estrutura da carreira diplomática e legislar sobre o arrendamento florestal.

CDS venceu eleições de domingo para a freguesia de Arões

O CDS ganhou no domingo, por maioria absoluta, as eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Arões, no concelho de Vale de Cambra.

Em comunicado divulgado em Lisboa, o CDS informa que ganhou aquelas eleições intercalares com 520 votos, contra 258 votos de uma lista de cidadãos eleitores «conotada com o PS e o PSD» e 82 votos da CDU.

No documento, sublinha-se que «nas eleições autárquicas de 1985, o PSD ganhou em Arões, por maioria absoluta».

LOTARIA POPULAR

1º—017372.....	1 500 000$00
2º—188219.....	500 000$00
3º—088684.....	250 000$00
4º—072013.....	150 000$00
Terminações em 372.....	60 000$00
Terminações em 219.....	10 000$00
Terminações em 684.....	2 500$00
Terminações em 013.....	1 000$00
Terminações em 06,30,55,65,86...	500$00

DE CARAS

MOTA AMARAL receberá o congressista norte-americano Barney Frank durante a sua passagem pelos Açores, nos dias 14 e 15, a caminho do Algarve, onde se desloca para gozar férias. Se outras razões não existirem para um forte cordialidade da parte do chefe do executivo açoriano, interessa reter que Barney tem visitado por várias vezes o arquipélago que tem, de resto, defendido em Washington. O que se explica: ele foi eleito por um Estado em que a comunidade açoriana tem grande peso.

HENRI FRENAY, um chefe da Resistência francesa, morreu no sábado, em Porto-Vecchio, com 83 anos. Militar de carreira, ele recusou a derrota de 1940, o armistício e os abandonos sucessivos que o marechal Pétain encarnou. Procurado pela Gestapo ainda antes de fundar, em 1941, o grupo «Combate», Frenay notabilizou-se com um grande organizador de «redes». Foi ministro de De Gaulle de quem acabaria por se separar acusando-o de nacionalista — ele defendia uma Europa federal...

STEVEN SPIELBERG filmou ontem, em Veneza, cenas do terceiro filme sobre «Indiana Jones», agora envolvido na «Última cruzada», com estreia já prevista para o próximo ano. O filme tem cenas passadas en Veneza nos anos 30, mas segundo o realizador não se trata de um testemunho da época. Pelo contrário, trata-se de um entretenimento exótico com o objectivo de excitar o espectador e provocar-lhe uma sensação de medo e de suspense.

MTISLAV ROSTROPOVICH afirmou em Milão o seu desejo de que as reformas de Gorbachev contribuam para reduzir a saída de artistas da União Soviética, onde ele próprio gostaria de se deslocar. «Se o novo rumo dos acontecimentos se mantiver, acho que não haverá necessidade de mais autorizações de saída. Penso que mais nenhum artista soviético quererá deixar o seu país», comentou o compositor que saiu da União Soviética em 1974. Sobre o seu regresso possível, eis a posição adoptada por Rostropovich: «Foram as autoridades que me expulsaram e é a elas que cabe pedirem-me que eu volte».

JULIO IGLESIAS já chegou aos países de Leste: o seu primeiro concerto realizou-se na Hungria, onde o público o acolheu de forma entusiástica. Além disso, foi rodado um filme do concerto, com a duração de uma hora, e a ser estreado nos cinemas húngaros antes do fim do ano. Mais tarde será «exportado». «Abertura» musical, esta com Iglesias, que se alarga à realização, em Budapeste, de um grande festival de música «heavy metal», a partir do dia 31.

MARCO CHAGAS foi o ciclista escolhido pelo seleccionador nacional Emídio Pinto para integar a equipa portuguesa que participará no «mundial» de estrada e que já contava com Acácio Silva, Fernando Carvalho e Manuel Cunha. Após 15 anos de carreira e com muitos títulos conquistados, sendo relevante o facto de ser o único ciclista que venceu por quatro vezes a volta a Portugal, Chagas concretiza agora uma das suas grandes ambições.

Câmara de Vila Franca quer saber porque descarrilou "Sud Express"

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira exige uma explicação à CP acerca do descarrilamento do «Sud-Express» em Alverca, em 16 de Julho último.

Não houve vítimas a lamentar como o «DL» na ocasião noticiou, embora os prejuízos tenham sido avultados. Os atrasos decorrentes do acidente foram também significativos, como acontece na Linha do Norte sempre que há percalços deste tipo.

A edilidade vila-franquense apreciou a questão do descarrilamento de 16 de Julho na reunião pública da Câmara, realizada na Póvoa de Santa Iria, solicitando ao conselho de gerência da CP «os esclarecimentos devidos e as medidas de circulação que de há muito se justificam» — diz uma nota do município.

O concelho de Vila Franca tem ainda bem viva na memória fatídica recordação do terrível acidende de 5 de Maio de 1986, na estação da Póvoa de Santa Iria, que tantas vidas jovens ceifou.

"Obsessão" hoje em antestreia no Casino da Figueira da Foz

O filme "Em Obsessão", de Rui Goulart, tem antestreia marcada para esta noite, pelas 21 e 45,no Casino Peninsular da Figueira da Foz, no âmbito do festival internacional que ali decorrerá em Setembro.

"Em Obsessão" tem interpretação de Bruno Lavos, no principal papel; Rui Goulart,Marta Marciano, João Saboga, Paula Cristina, Isabel de Oliveira, Maria de Lourdes e participação especial de António Vitorino d' Almeida, autor tamém da partitura original.

As filmagens de "Em Obsessão" decorreram em Veneza, Paris e numa série de localidades portuguesas, entre as quais Lisboa e Figueira da Foz

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 365

POETAS E POESIA

Pessoa e outros casos

Luís de Miranda Rocha

Em tratando-se de homenagens, póstumas ou ainda não (mas estas muito raras, como se sabe), é habitual dizer-se e ouvir-se dizer que a melhor (ou mesmo a única) homenagem digna de um poeta, e que se lhe pode e deve fazer, é ler-lhe a poesia, os livros, a obra.

Difícil discordar, seja-se ou não contra homenagens. Nós, por nós, não seríamos contra. Nem a favor. Em princípio. Dependeria sempre das homenagens. Porque, se é certo que as há, as quais se pode dizer que são, no mínimo, absurdas, sempre haverá situações em que elas (outras) se justificam e explicam, e são compreensíveis e aceitáveis, ou, pelo menos, não ofendem a dignidade de ninguém, nem de homenageantes, nem de homenageados.

O que recentemente se fez em Portugal com Fernando Pessoa, por exemplo, é um desses casos — de difícil discussão. O carácter oficial da iniciativa suscitou reacções pouco apalusiveis, mas que nem sempre se exprimiram com elevação e rigor: do que de mal e um tanto à margem se disse ficou a ideia de que a administração política do poder estaria em causa igualmente se acaso não tivesse tido a iniciativa de homenagear. De qualquer forma, a trasladação dos Prazeres para os Jerónimos foi um episódio um pouco triste. Tratando-se de uma trasladação, porém, outra coisa também não poderia ter sido.

A sentença de que a melhor homenagem que se pode (deve) prestar a um poeta será ler-lhe a poesia, a obra, os livros, nem faz forte sentido de urgência, no caso de Pessoa. De parte a ideia de que muito Pessoa ainda está inédito, e a expectativa de que muito desse inédito ainda será surpreendente — que tudo parece possível depois de **"O Livro do Desassossego"**, ainda somente aqui há meia dúzia de anos, — o certo é que Fernando Pessoa é, principalmente nos últimos tempos, um poeta que praticamente toda a gente lê, ou de quem dificilmente haverá um português leitor de livros que não tenha em casa pelo menos um. A ocasião do centenário — ou apenas a passagem dos direitos de autor ao domínio público — proporcionou uma vaga de edições, até de bolso e a preços perfeitamente acessíveis.

A mesma sorte, porém, não têm tido outros: Cesário e Pessanha, por exemplo, dois casos da mais alta cotação da poesia portuguesa de sempre. É certo que a obra deles se vai editando, reeditando. Mas nada que se compare com o fenómeno Pessoa. Terá uma explicação: são casos menos interessantes, talvez de uma muito menor complexidade, não se insinuam tão facilmente à sensibilidade e às potencialidades da recepção. Desde logo não têm merecido da crítica, da análise, da interpretação, dos estudos literários, dos estudiosos da literatura (de preferência, da poesia), atenção e interesse comparáveis aos suscitados por Pessoa. Num confronto com a deste — centenas de livros, milhares de artigos de revista, de jornal, em Portugal e no estrangeiro (principalmente no Brasil) — as bibliografias passivas deles dir-se-ia que são quase nada: os dedos das mãos sobram para contar os livros, somados, que sobre um e outro até hoje se fizeram. E no estrangeiro são praticamente desconhecidas.

Pessoa não serve, pois, de exemplo ilustrativo para o que aqui se pretende dizer, embora ilustre exemplarmente aquilo que também é costume dizer-se a propósito de poetas e outra gente que se distingue pelas suas dotações e capacidades nos domínios da criatividade e da criação — que é preciso morrer, primeiro, para haver um mínimo reconhecimento, depois.

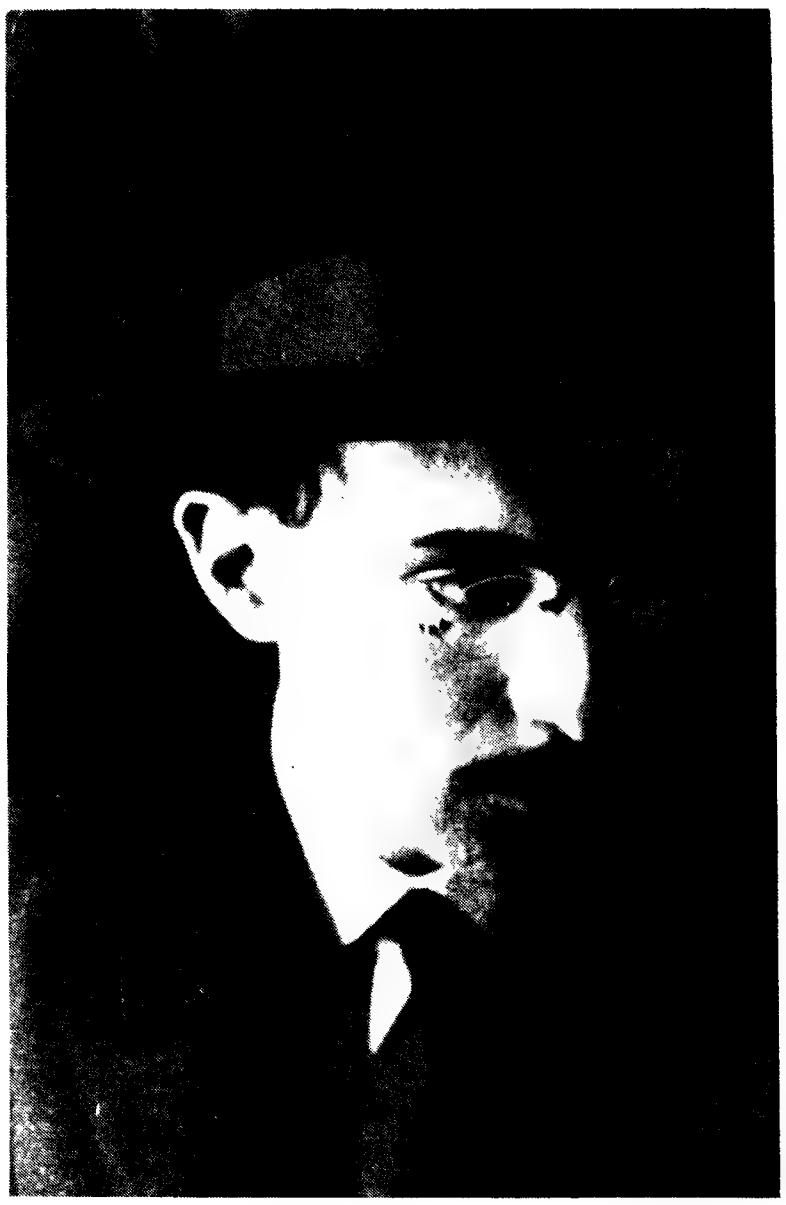
Cesário e Pessanha também não são exemplos excelentes — porque o reconhecimento da importância das obras que deixaram como legado está mais ou menos feito e pertence já aos domínios do institutído.

Bem melhores exemplos são casos mais ou menos recentes. Citemos quatro nomes: Vítor Matos e Sá, Raul de Carvalho, Aureliano Lima, Luís Veiga Leitão. Desapareceram não há muito do número dos vivos.

Quatro casos

Suponhamos que alguém, retidos estes nomes como importantes referências da poesia portuguesa contemporânea, e querendo ler o que eles escreveram e deles há para ler, vai às livrarias à procura dos seus livros. Os dedos das mãos (talvez de uma só mão) podem sobrar para contar os livros deles mais ou menos encontráveis. E, no entanto, em vida, publicaram muito mais. Nos depósitos legais haverá — espera-se quesim — pelo menos umas três dezenas de títulos. Fizeram-se primeiras edições, esgotaram-se depressa, tiragens muito reduzidas, os livros nem chegaram a circular, por dificuldades com a distribuição — que, como se sabe, não se interessa por livros assim, não raro editados pelos próprios autores, e de que se diz que não se vendem, ou vendem-se, mas pouco, às vezes tão-pouco que nem compensa do trabalho que dá fazer a distribuição.

Concretamente, **Vítor Matos e Sá** morreu em 1975. Em vida publicou três livros de poesia: **«Horizonte dos Dias»** (1952), **«O Silêncio e o Tempo»** (1956), **«O Amor Vigilante»** (1962). Apesar de um deles, o primeiro, ter sido reeditado (aqui há vinte anos), nenhum deles está hoje encontrável nas livrarias. E parece que outro tanto se passa com um livro póstumo, **«Companhia Violenta»** (Coimbra, Centelha, 1980). Haverá ainda poesias dispersas, inéditas. Mesmo sem isso, é uma obra importante, releve-se o lugar-comum. Custa aceitar que alguém interessado tenha de pedir emprestado a quem tiver ou requisitar nas bibliotecas (as poucas onde essa obra estará). Pensa-se que é uma obra viva. O que se passa porém, põe tal ideia em causa. De preferência: tal ideia é que põe em causa o que se passa.



Raul de Carvalho morreu em 1984. Tinha então no activo quase três dezenas de títulos. Postumamente saiu outro, **«Poesia Instante»**, mas que o poeta organizara ainda em vida. E ainda em vida o autor anunciava quase uma dezena deles para publicar. Nunca mais se falou do assunto. Hoje, há uns dois ou três livros encontráveis em algumas livrarias de menos frequência. Deste caso se diga o mesmo que de Vítor Matos e Sá.

Aureliano Lima morreu também em 1984. Tinha seis ou sete livros publicados. Depois fez-se-lhe uma antologia e publicou-se-lhe um inédito. Hoje, há, dele, uns cinco ou seis nas livrarias. Mas este caso tem mais que se lhe diga. É que alguns desses livroso foram edições de autor (tal como sucedia nos casos de Raul de Carvalho e Vítor Matos e Sá, digase) que não chegaram a circular na altura própria. O que explica, talvez, que o autor ainda seja tão pouco conhecido como poeta (será mais conhecido como escultor, talvez). Recentemente, alguns desses livros foram lançados no mercado. Mas muito restritamente. E, de qualquer forma, o que de Aureliano haverá de encontrável nas livrarias estará longe de ser tudo quanto ele escreveu, sequer publicou. A antologia — que já se fez, e há por aí, é importante. Mas a obra toda tem mais importância do que a antologia. E não se pode dizer que seja pouco relevante a presença de Aureliano na poesia portuguesa contemporânea.

Luís Veiga Leitão morreu aqui há um ano. Em vida publicou cinco livros ou seis. Os primeiros, dos anos 50, há muito desapareceram das livrarias. Em 1985 saiu-lhe um volume de poesias

cont. na pág. 2

Pessoa e outros casos

cont. da pág. 1

escolhidas. Estará lá quase tudo. Mas não está tudo, e muita coisa ainda anda dispersa por colectivos, revistas, jornais. Impõe-se que tudo seja publicado. Justifica-o a óbvia importância que a sua obra tem.

Ocorrerá a ideia desmobilizador, a de que não deve haver pressa em casos assim, tão próximos de nós. Mas, pelo contrário, talvez estes casos devam ser considerados prioritários, para que a tendência comece a sofrer uma desviadora alteração.

Diga-se que a melhor homenagem que se pode prestar a um poeta é lê-lo. Mas não é propriamente uma homenagem e tem de ser uma sentida necessidade. E ler um poeta é ler os seus livros, nem muito mais, nem muito menos. Importa, pois, que os poetas sejam publicados. Já agora, em vida, seria melhor: proporcionar-lhes-ia um conhecimento mínimo da recepção, sem o qual, conhecimento, muitas vezes eles, poetas, caem naquele pelo menos aparente ensimesmamento de que tantos os acusam por duvidosas razões que muitas vezes andam somente à volta de predisposições (ou falta delas) como inadvertência, ignorância, má-fé.

Só ultrapassadas estas situações (de pequena-grande contrafracção) é que falar de homenagens — ou o que se preferir dizer em vez disso — começa a ter algum sentido.

A paixão de Roberte

Véronique Cauhapé

«TEREI em breve cinquenta anos e, no mundo em que vivi, é muito mais do que a velhice, é quase a morte. Nunca amei ninguém. E depois, surgiu alguém que eu nunca teria pensado amar.» François, o narrador, começa assim a sua narrativa inscrevendo-se nessa «quase morte», num tempo em que as coisas já chegaram ao seu ao seu ponto de não-regresso. E porque as situações não são relatadas em si mesmas, mas como são vistas por ele, o **Romance de Roberte** estende-se — ou antes, reduz-se — nessa marca de desespero, de «tarde de mais» e de lamentos de amores não partilhados.

Assim, François lembra-se do dia em que encontrou Roberte. Ela é francesa, acaba de se instalar em Nova Iorque e deseja ficar lá para sempre. Para a ajudar a regularizar a sua situação, François propõe-lhe um casamento branco. Tornam-se pois um casal sem serem amantes. Roberte encerra-se na paixão por um homem a quem amou e que a deixou. Faz disso a essência da sua existência e a sua única razão de ser, até á morte. Desagrega-se, mumifica-se. **É, sem dúvida, terrível perder o homem que julgávamos amar-nos. Mas a própria paixão que é nossa, que está em nós e que é, finalmente, nós próprios...Ela é o nosso único bem, sem ela ficamos nus, desamparados. (...) Ela é a consolação de uma dor que só nos pertence a nós, e quando se perde arrasta-nos consigo para o nada. (...) Perder a paixão é perder o que era, o próprio preço da vida. É desaparecermos, ausentarmo-nos, perdermo-nos nós mesmos, enfim.** Essa paixão perde Roberte, mas, num mesmo movimento, salva-a porque é a sua única verdade, a única verdade de todo o romance.

Todas as personagens do **Roman de Roberte,** longe de serem secundárias, alimentam a coerência do livro: a de um mundo das aparências, das mentiras e dos fingimentos que encontra a sua expressão mais brutal no **flov** das identidades. Com efeito, quer se trate da homossexualidade de Caleb e de François, da transexualidade de Marilyn e de Pat, no nome ambíguo de Roberte, única mulher autêntica do livro, o **Roman de Roberte** caia um universo fantasmático em que os seres não se conseguem definir nem tornar-se vivos, a não ser nos excessos. Sem isso viveriam no bem estar de uma vida que nada justifica.

O autor leva ao seu paroxismo sentimentos que vivem na ausência do outro, denunciando uma solidão irremediável. O seu romance é o romance de uma antibusca. As suas personagens são antecipadamente imóveis. Os acontecimentos que decorrem em volta delas, deixam-nas na alternativa de se resignar ou de provar que são capazes de viver sós. Françoise Bovillot solta o último grito humano — ou desumano — da angústia de viver e de amar no meio de um naufrágio mais universal do que individual, com o que isso implica de dureza, de desespero e de sofrimento. E quando muito resigna-se a dominar com uma escrita intransigente, seca e áspera, a vertigem do «non-sens» e o exagero de desgraça. A autora assina o seu primeiro romance. E esperamos com impaciência o seu próximo livro.

François Bouillot vista por Berenice Cleeve

* *Roman de Roberte*, de Françoise Bovillot.
Ed. *Maren Sell & Cie.*

Isaac Bashevis Singer
O grande feiticeiro

Edgar Reichmann

SINGER tem ideias simples sobre a literatura. Ele afirma-as com a determinação tranquila de uma notoriedade dificilmente conseguida, no prefácio do seu último livro de contos: o narrador deve ter em conta tesouros da sua língua materna, inspirar-se no passado em vez de **planificar o futuro,** saber que a arte de escrever histórias que têm um princípio, um meio e um fim não morreu, mesmo que alguns críticos afirmem o contrário. As vinte e duas histórias assim apresentadas ilustram perfeitamente o percurso do Prémio Nobel de Literatura.

A narrativa intitulada **Um Dia de Felicidade** dá-nos a conhecer Fela, uma jovem judia desgraciosa com quem ninguém quer casar, que vive um delírio erótico num bairro miserável da Varsóvia sumptuosa de outrora. Ela ama em segredo um belo polaco, a mesmo tempo poeta célebre e militar. Durante um encontro provocado por Fela, ele viola-a. O jogo subtil do desejo, magnificado pela frustração, está prestes a acabar mal porque a virgem tenta matar-se. Quando acorda nos braços dos pais, julga ver o anjo da morte. Mas é simplesmente um bom soldado com uma braçada de rosas, mensageiro do homem que tão brutalmente a tratara. A economia desse conto, interiormente iluminado por uma imensa comiseração, torna ainda mais insustentável a sua discreta ferocidade.

Em **Milagres,** um pobre homem que exerceu inúmeras profissões constata um belo dia que todos os seus pedidos foram satisfeitos. Esse vagabundo — que lê Spinoza e Chestov, judeus heréticos que crêem na existência de um deus amoral — provoca um milagre sempre que a sua vida é ameaçada. Mas isso não lhe basta. Ele solicita e obtém, entre as duas guerras, a realização dos seus desejos essenciais: o amor, o conforto, a segurança. No entanto, a partir de 1939, este fenómeno extraordinário deixou de se produzir tão regularmente. tendo sobrevivido aos campos de extermínio, o miraculado compreende finalmente que **a vida, os milagres, é tudo parecido.** Atingirá assim a serenidade do mais profundo desespero. Por que caminho curioso é que Singer, que, sem dúvida, não conhece os escritos de Cioran, segue o pensamento rigoroso e lúdico do nosso grande moralista?

Depois de uma carreira brilhante e alguns espectaculares sucessos femininos, um cirurgião destista, que fugiu da Europa das câmaras de gás e se instalou nos Estados Unidos, encontra uma mulher casada. Julga ter encontrado o grande amor da sua vida. Infelizmente o seu temperamento volúvel faz com que o romance seja um fracasso e essa mulher parte com o marido para outra parte do país. Pouco depois o destista julga saber que ela morreu. Os anos passam. Numa tarde de Kippour, o dia do grande perdão entre os judeus, um telefonema acorda-o. Do outro lado do fio chega-lhe a voz daquela que pensara amar tanto...

Simples aparência. **Um telefonema no dia de Kippour** tem, como os outros contos, uma atmosfera sobrenatural. Qual é pois o segredo de Singer, esse grande feiticeiro? Enquanto os senhores da literatura fantástica, Poe, Mircea Eliade ou Borges fazem entrar o inexplicável na vida normal, de um modo brusco e inesperado — destabilizando-o —, Singer consegue criar uma aura de magia quotidiana que acompanha e ilumina existências há muito indecisas.

* *Le Fantôme,* contos de Isaac Bashevis Singer. Ed. Stock

Documentos inéditos existentes na Biblioteca Nacional

Ernesto Madeira Pinto

Maria José Marinho

Ernesto Madeira Pinto, nascido em 1846, descendia de uma família da Beira, de arreigadas tradições liberais. Por isso, desde a Vilafrancada, em 1823, primeira tentativa sediciosa contra o poder instituído pela Revolução de 1820, que os absolutistas da zona do Fundão, onde viviam seus avós, futuro pai e tias, alimentavam contra eles surdos rancores que encontraram livre expressão depois do desembarque de D. Miguel de regresso do exílio.

D. João VI morrera, subitamente, em 1826, deixando o reino em situação de crise social e política, agravada por pavorosa crise económica. O natural herdeiro do trono, D. Pedro, era imperador do Brasil, situação que os absolutistas aproveitavam para negar ao «traidor» o direito à coroa portuguesa. O seu outro filho, D. Miguel, desterrado em Viena de Áustria, não passava de outro «traidor» para os constitucionais por haver encabeçado duas revoltas antiliberais.

Foi então que os negociadores chegaram a uma situação de compromisso que a Europa, pretendendo uma península ordeira e obediente aos interesses das grandes potências, expressamente apoiou. D. Pedro do Brasil abdicaria do trono português na filha, D. Maria, e esta casar-se-ia com o tio, Miguel. Uniam-se , assim, os dois partidos, o liberal e o absolutista, e a duas facções rivais deveriam cair nos braços uma da outra.

Mas este fim de conto de fadas nada teve a ver com a realidade histórica. D. Maria continuava lá longe, no Brasil. E em Dezembro de 1827, D. Miguel, depois se haver consorciado por procuração com a sobrinha, saiu de Viena com destino a Portugal, passando por Paris e Londres. A chegada ao cais de Belém, em Fevereiro de 28, transformou-se numa verdadeira apoteose. Vitoriado pelos absolutistas, aclamado por boa parte do povo de Lisboa que via nele, depois da instabilidade em que se vivia desde as invasões francesas, o homem forte capaz de mudar os destinos de Portugal, o filho querido de Carlota Joaquina alcandorou-se, em poucas horas, pela vontade da maioria e pela sua adesão implícita à situação criada, o verdadeiro rei de Portugal. Ainda se não haviam extinto os ecos dos festejos de boas-vindas ao «salvador da pátria», e já uma terrível onda de repressão se abatia sobre os liberais de norte a sul do País. Bandos de caceteiros percorriam as ruas das grandes cidades, espacando e matando os «malhados». No interior, os governadores militares que logo em fins de Fevereiro D. Miguel fizera substituir por homens da sua confiança, fechavam os olhos às perseguições ou até as acirravam. E num destes raides «purificadores» a família de Joaquim Maximiano, futuro pai de Ernesto Oliveira Pinto, viu-se toda encarcerada, homens, mulheres e crianças. De prisão em prisão, de calabouço em calabouço, Joaquim Maximiano conseguiu fugir num barco para o Porto onde se alistou no exército liberal, tendo feito toda a campanha até à Convenção de Évora Monte. Mas as suas vicissitudes não ficaram por aqui. Como correu com outros jovens do seu tempo, as constantes ameaças à liberdade obrigaram-no a participar, sucessivamente, primeiro, na Revolução de Setembro e, depois, na guerra civil da Patuleia. A Convenção de Gramido, que em Junho de 1847 pôs termo à guerra civil, não acabou com as dissenções intestinas. Muitos liberais fugiram e, entre eles, Joaquim Maximiano que se pôs a salvo saindo para o Brasil com a mulher e o filho, Ernesto, então com dois anos de idade. O regresso ao reino só se efectuaria em 1851, depois de decretada a amnistia política pelo regime regenerador. Contudo, arruinado física e economicamente, tendo perdido todos os bens na voragem da guerra, ficou a dever aos seus camaradas de luta, e pricipalmente a José Estêvão, de quem era muito amigo, uma sinecura nos correios que o ajudou a sobreviver.

Ernesto Madeira Pinto cresceu, pois, num lar modesto em que os princípios da ética liberal eram respeitados e seguidos. Começou a trabalhar cedo, aos 16 anos. Aos 18 entrava, por concurso público, como praticante da estação central do correio de Lisboa, onde, por mérito próprio, foi subindo na carreira do funcionalismo público. Quando escreve esta carta a Jaime Batalha Reis ainda era só 3.º oficial, mas fora encarregado por Barros e Cunha, ministro das Obras Públicas desde Março desse ano de 1876, no ministério de Ávila e Bolama, de estudar a organização e estabelecimento das repartições postais ambulantes. Daí a minúcia das informações que pede ao amigo em anexo à carta: planta das estações do correio e respectiva mobília, caixas para receber correspondência, repartições ambulantes nas linhas férreas, carimbos para selos, sacos para transporte de cartas, fardas dos carteiros, e até estatísticas disponíveis do movimento da correspondência, recomendando-lhe muito que colhesse «quaisquer esclarecimentos com respeito a qualquer ramo de serviço [...] que aí possam ser obtidos». É também de sua lavra a organização das postas rurais, a primeira das quais foi instalada em Aveiro.

Em 1880 vamos encontrá-lo secretário da comissão encarregada de elaborar o projecto de reforma do serviço postal e telégrafo que haveria de nascer com a lei de 7 de Julho desse mesmo ano. Foi então que Saraiva de Carvalho, agora à frente da pasta das Obras Públicas, reconhecendo a valiosa contribuição por ele dada, o nomeou inspector dos correios. Mas Madeira Pinto continuou a afirmar-se como trabalhador incansável, notável pela inteligência e empenho que punha sempre na resolução dos problemas. A nomeação para secretário-geral do Ministério das Obras Públicas veio, finalmente, coroar a carreira deste homem modesto que, como aqui afirma a Jaime Batalha Reis, nunca fez da ociosidade a sua profissão.

Lisboa, 16 de Junho de 1876

Amigo Batalha Reis

Admirar-te-ás talvez ao receber carta de um homem em quem decerto não pensavas; é que há esta raça de massadores para quem toda a largura do oceano não é barreira suficiente para as estopadas que pregam ao próximo. Eu sou desses, e é precisamente para te massar que te escrevo.

Deves supor que nesta grande aldeia a que se chama Portugal ignora-se quase tudo o que vai lá por fora. Tem aqui constado por várias folhas que a Exposição de Filadélfia é coisa muito notável, que é o que de maior se tem feito neste género. As folhas estrangeiras têm descrito as festas, os jantares, as recepções, as reuniões do júri, os bailes que aí tem havido; mas o que ainda não achei foi notícia dos produtos expostos, não vi a resenha dos melhoramentos que aí revelou cada um dos ramos da actividade humana, não encontrei nem ao menos uma apreciação geral do que pode dar a festa do Centenário para o adiantamento das artes.

Ora nós, aqueles a quem a magra bolsa não permite ir ver as maravilhas amontoadas em Fairmont Park, sentimos uma curiosidade enorme em saber o que por lá vai e sobretudo em averiguar se não haverá aí alguma coisa que pudesse ser implantada nesta terra com proveito geral. E como eu não faço da ociosidade a minha profissão, desejaria conhecer aquilo que aí apareceu de notável com respeito à carreira a que me dediquei (Correios) para, ao menos, de longe, ir acompanhando os progressos dessa instituição. Sabes que os Correios regem-se em Portugal por princípios antidiluvianos; tive sempre como bom serviço o dar a conhecer tudo o que possa mostrar neste país quanto difere o ronceiro serviço das nossas repartições, da rapidez, brevidade e presteza da marcha dos correios estrangeiros. Talvez que falando muito nisso os nossos rotineiros se resolvessem a introduzir algum melhoramento.

Nenhuma ocasião é tão boa como essa que agora se depara. Segundo li num jornal, os americanos arranjaram na exposição uma sessão de Correios, em que apresentam o meterial usado neste serviço. Poder-me-ias obter alguns esclarecimentos sobre isso? Aqui é impossível pedir qualquer publicação, solicitar qualquer documento sobre o assunto. Nem eu saberia o que devia pedir, porque não sei que informações me possam ser dadas, nem há aqui meios de obter esclarecimentos da América. Por isso recorro a ti, que pela tua posição oficial talvez possas melhor que outro qualquer alcançar o que desejo. Pela nota inclusa verás os pontos sobre que desejaria alguma notícia; não te peço *relatório* sobre o caso, solicito apenas da tua amizade o favor de me coligires quantas informações puderes obter, oficiais ou oficiosas, arranjando-me alfarrábios que aí estivessem publicados com relação ao assunto. Não haverá aí publicação em que sejam reproduzidos os desenhos do material em serviço postal?

Amigo, desculpa esta estopada e recebe um abraço do

Teu velho amigo

E. Madeira Pinto

N.B. Escusado dizer-te que qualquer [despesa] que aí faças com a aquisição de publicações relativas ao assunto será de minha conta, dando-me aviso disso para eu te satisfazer. (*)

(*) Espólio Jaime Batalha Reis, Esp. 4 29/19

Embarque da família real para o Brasil

Man Ray o mundo passado

Ernesto Sampaio

Obstrução

Toda a vida habitado por Dadá, o traço específico de Man Ray foi a incapacidade de se repetir. Em vão procuraríamos na sua produção períodos azuis ou cor-de-rosa.

Este «mareante» do nunca visto, náufrago do previsto, como o caracterizou André Breton, tacteou todos os processos que permitem a um pintor «passar-se» da pintura, do «ofício», da «cozinha», desde as «aerografias» por meio de sacos de tinta e de pistolas de ar comprimido («o resultado — explicaria ele mais tarde — era muito excitante: pintava um quadro sem nunca tocar na tela, realizando, de algum modo, um acto puramente cerebral») até aos «raiogramas» ou fotografias sem câmara, pela colocação directa do objecto entre a película e a fonte de luz.

Coisas, em suma, cuja repetição, hoje, nos parece bastante académica e pueril, mas que, no tempo em que Man Ray as criou (1918) «curto-circuitaram» seriamente a Arte (com A grande) na sua mítica rotina.

Os «objectos», fabricados e fotografados por Man Ray neste último meio século, teriam por escopo, segundo o seu manipulador, «divertir, perturbar, desorientar ou fazer reflectir». Contudo, mais do que prazer, a sua visão provoca inquietude. Modernos, mas ao mesmo tempo anacrónicos como relíquias arqueológicas, a hibridez equívoca que lhes assiste contagiam de mau humor e apreensão a fantasia. É voz corrente que os inúmeros objectos de que se rodeavam os dadaístas e os sequazes do surrealismo possuíam uma substância farsesca, uma alegria de «suite de prodiges». Deles ressuma mais, no entanto, a hipertensão rapace d' quem caiu numa cilada. Isso e o desejo dos artistas modernos de tirarem os objectos do alvéolo do seu significado habitual, pondo-lhes a nu a desasada ambiguidade com enxertos e transplantações dissonantes que lhes atiçam a ferocidade e acendem a insuspeita rebelião. Man Ray é pródigo em exemplos desta acção de sabotagem a começar pelo seu famoso «Cadeau», ferro-de-engomar de cuja placa lisa desponta uma fila de pregos prontos a dilacerar o tecido do mundo, e a acabar nos seus ainda mais maléficos «souvenirs», como «Obstrução», floresta de cabides nus, ou «Trompe l'Oeuf», com aquele ovo branquíssimo que sai de um negro assento de retrete como da boca de um prestidigitador, fazendo deflagrar violentamente o ridículo através da aproximação heteróclita e da grandiosidade do equívoco, passando pelo ar espectral conferido aos objectos, envoltos frequentemente em sedas, grilhetas e cordames, numa clara alegoria sádica. Na máquina chamad. Man Ray, um emaranhado de tubos e fios envencilha uma fantomática mão de dedos longos e diáfonos semelhantes a velas.

«Cadeau»

O enigma de Isidore Ducasse

o a ferro

relí-
idez
nta-
ão a
inú-
vam
sur-
ncia
e de
. no
e o
e ti-
do
ndo-
lade
dis-
oci-
ebe-
em-
m a
«Ca-
cuja
pre-
o do
inda
omo
ides
com
ai de
omo
, fa-
o ri-
he-
do
pec-
vol-
gri-
ale-
nade
tu-
má-
áfo-

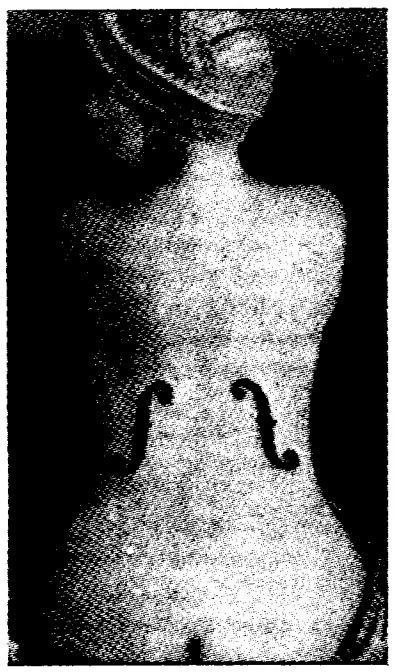
Enquanto os objectos aspiram a tornar-se feitiços, evocações totémicas, as diversas partes do corpo assumem a condição de objectos. Demonstração: «puericultura», viscosa mão alcatroada desembocando de um recipiente e o lúgubre «Auto-Retrato», no qual Man Ray, dissimulando um poderoso mau-olhado, se representa cadáver de óculos escuros dentro de um caixão revestido de papel de jornal. Mas também pode acontecer que de um «Objecto indestrutível» ou de uma «Bola de neve» nos fixe um grande e melancólico olho de mulher.

Man Ray partilha com os surrealistas a predilecção por formas oculares, símbolos eróticos, ovais, revólveres, bolas de cristal, e, quase emblema da musicalidade que esses adereços subentendem, nas suas composições entram frequentemente violinos e outros instrumentos de corda.

Auto-retrato, 1932

Juntamente com Duchamp, ele é certamente o mais imaginativo inventor de maquinismos da arte moderna, mas a prestidigitação jocosa destes «objectos» tem sempre uma faceta dramática. Veja-se «Disuasion» (1968), no qual o equilíbrio ameaçador de duas pistolas apontadas à queima-roupa uma contra a outra exprime a insegurança dos tempos em que vivemos.

Uma declaração de Breton datada de 1941, em mais uma época negra da história humana, enuncia o que chegou ao fim: «é a ilusão da independência e da transcendência da obra de arte». A esta luz, ganha um sentido novo a actividade «artrística» de Man Ray («a artre está para a arte como a merdra está para a merda», sentenciou Duchamp), empenhada em tapar os caminhos que facilitam as escapadelas para o além, e o sublime, toda virada para a representação do jogo e do desejo — e por isso mesmo significando um protesto implícito contra as condições sociais em que o homem do nosso tempo vive a sua vida.



O violino d'Ingres

Três poemas franceses de Mário Menezes

Traduzidos por Luis Pignatelli Desenho de Marie Padey

Por françaș e araganças, cidadão do mundo, ele aí está: ooram o elfo. Poeta velocíssimo — peregrino das coisas rutilantes —, pode ser visto, se o boletim meteorológico for favorável à limpidez do ar, em todos os jardins da cor da rosa-dos-ventos, entrançando as venenosas raízes da noite para as redes caçadoras dos pássaros predadores da Poesia. Como o diabo à solta, anda no meio do remoinho. É fresco como um leque no Verão. Às vezes queima como a luz da obsidiana.

LP

Episódios

Paris
Londres
Constantinopla
Tudo isto
Sou eu
Então porquê
As viagens?
Se tudo isto sou eu
Bastam as imagens

Cão
Gato
Tudo isto é belo
Não tem idade
Na história d'amar
Melhor ainda
A liberdade

Mão direita
Perna esquerda
Cabeça cabelo estrela
O Cristo anunciado
Salta da janela

A água dourada
A maré-baixa
Jogam comigo às escondidas
Nada a fazer
Ó meus amigos
Senão correr
Pra não morrer
Almas perdidas

Evidências

Sob os pés
a areia
entre as mãos
o vento
nos olhos o mar
na boca o relâmpago
os seios deitados
numa cama de água
as pernas fendendo
o ar que as rodeia
por que não os braços
que o Sol encadeia
de finos sargaços?

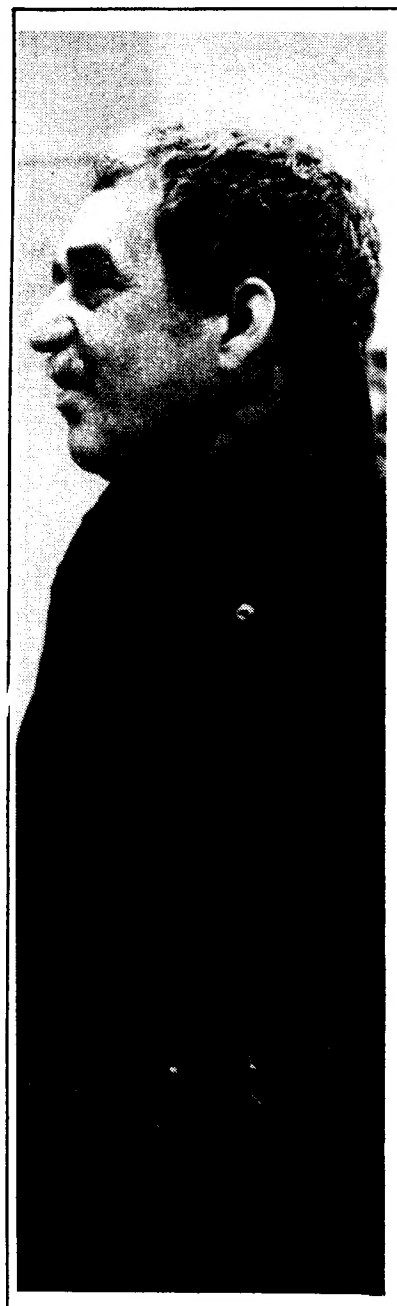
Croque monsieur

Tosta voradora
tua mão canina
rilha os olhos
de teu melhor amigo
de qualquer menina

Tosta voradora
tua mão grã-fina
hoje está contigo
não te esqueças nunca
de teu melhor amigo.

Teu alheamento
é superlativo
como um dedo mágico
vai e vem no vento
como o teu amigo

Tosta voradora
estrelada boca
mosca cavaleira
teu melhor amigo
já aqui não está
foi-se embora agora
p'la vez primeira
anda ao deus-dará



Garcia Marquez jornalista

Na personalidade literária do Nobel colombiano, o jornalismo é uma faceta pouco conhecida.

Para colmatar esse desconhecimento, a Mondadori espanhola acaba de publicar **El otro Garcia Marquez. Los anõs dificiles,** de Pedro Sorela, cujo fulcro é exactamente a actividade jornalística de Garcia Marquez, submetido a todas as grandezas e limitações do género.

Sorela, professor universitário, em Bogotá, e também jornalista, consagra o mais importante do seu livro ao tratamento, não explícito das controversas relações entre jornalismo e literatura, tentando averiguar se o exemplo de Garcia Marquez, em que o jornalista e o escritor coexistem harmonicamente, constitui um caminho viável, isto é, o caso do grande escritor colombiano pode considerar-se paradigmático, no sentido de acabar com as angústias dos jornalistas refugiados na literatura e dos escritotores exilados no jornalismo.

«Quem vem lá» Ouve-se na «sala dos mapas»

Fátima Murta

«Quando em pensamento volto àqueles dias tão aparentemente vazios, em vão procuro um vestígio, uma visível picada de aguilhão que me mantinha tão singularmente desperto.

Não se passava nada. Era uma tensão ligeira e febril, a injunção de uma insensível e contudo perpétua **advertência,** como quando nos sentimos agarrados no campo de um óculo de aproximação — a imperceptível comichão entre os ombros que às vezes sentimos quando trabalhamos, sentados à mesa, de costas para uma porta aberta para os corredores de uma casa vazia. Eu recorria àqueles domingos vazios como a uma dimensão e a uma profundidade suplementar do ouvido, como quem procura ler o futuro nas bolas do mais transparente cristal. Eles revelavam-me um silêncio de velada de armas e de posto de escuta, um duro ouvido de pedra colado como uma ventosa ao rumor incerto e enganoso do mar.» Entrevistas clandestinas à **sala dos mapas** em que o herói anti-herói de «A Costa das Sirtes» de Julien Gracq, traduzido por Pedro Támen e editado pela Editora Vega, se verá como que alheio ao seu destino (apesar de »... Um barco que apodrece na praia, aquele que o devolve às vagas... pode chamar-se-lhe descuidoso da sua perda, mas não, pelo menos, do seu **destino**» porque ultrapassado pelos acontecimentos deste romance ou poema romanceado de que cada capítulo fosse uma estrofe (Uma tomada de posse, A sala dos mapas, Uma conversa, As ruínas de Sagra, Uma visita, Um ataque de febre, A ilha de Vezzano, Natal, Um cruzeiro, O enviado, Última inspecção e As instâncias secretas da cidade), nos trazem até a um desfecho de que Aldo é o catalisador e nós os espectadores surpreendidos e apanhados em falso numa outra espécie de «sala dos mapas». Romance de uma ciclicidade ou eterno retorno como preferimos em que o fim só não coincide inteiramente com o início porquanto entre um e outro há o salto qualitativo da ciclicidade em espiral, à boa maneira hegeliana. Depois de ler «A Costa das Sirtes» que valeu, em 1951 ao autor o Prémio Goncourt embora este prémio fosse pelo mesmo recusado na linha de coerência do autor de «Préférences», surpreendi-me a vasculhar na memória e em seguida na imaginação (já que a memória de nada me ajudou) a minha sala dos mapas, ou seja, as minhas referências geográficas ou afectivas de um mundo real. Ausente «A Costa das Sirtes». Ausente o Farguestão. Ausente Orsenna. Ausente Maremma. Tal como no próprio livro. E ali estava o livro na minha frente numa espécie de irrealidade que eu procurava decifrar página a página. Tudo ausente e presente ao mesmo tempo. Dir-se-ia que Julien Gracq nos transporta através de uma viagem ao cume da ilha de Sagra, de uma relatividade contraditória do real para uma outra realidade, simultaneamente mais agressiva porque telúrica (embora sempre velada pela neblina das águas calmas semelhantes às do rio Léthes) e mais filtrada pela misteriosa serenidade porque poética. Poeticidade dada por uma linguagem que nos eleva até «A luz da Lua caindo a pique sobre os terraços e as partes altas deixava mergulhados os fossos e as partes baixas dos muros numa sombra transparente, deslocava o edifício do solo, parecia torná-lo mais leve, aspirá-lo docemente para as alturas; e, assim ancorada à beira da laguna orlada de saliências de luz, a fortaleza parecia de súbito **posta a flutuar,** levada sobre um elemento fluido que a fazia viver contra o fundo inerte da paisagem com o leve e profundo estremecimento de satisfação de um barco no ancoradouro. Assim surpreendia na sua imobilidade de sonho, dir-se-ia, contudo, que ela se sacudia num contentamento sem limites, como aqueles jogos silenciosos que à noite se surpreendem nas clareiras. Tal como a primeira neve que toca com dedos mais solenes o mais alto píncaro, a sua brancura irreal consagrava-a misteriosamente, envolvia-a num leve vapor tremido que fumegava para a noite lunar, que a marcava com a incandescência de um carvão ardente» (pág. 132). Transformada Orsenna numa Veneza «marcada pela incandescência lunar de um carvão também ardente» num romance de densidade invulgar, Julien Gracq faz seu «um tempo para ziguezaguear entre os escolhos e um tempo para apertar nos dedos o fio do coração das trevas» (pág. 316). Esse fio que o autor segurou, levou-o até Danielo (personagem que só aparece no final do romance, mas a partir do qual, nos é dada a constatação do irremediável, do irreparável das situações-limite da vida) para quem «Quando se governa, é preciso sempre ir ao mais urgente, e o **mais urgente** — era de nem acreditar — era sempre aquela coisa inexistente que soltava o seu grito mudo — mais enérgico do que todos os ruídos, porque era como uma **voz** pura — que antecipadamente marcava o seu lugar, que torcia tudo, aquela coisa adormecida de que a Cidade estava grávida, e que gerava no ventre um terrível vazio de futuro. Todos a trazíamos em nós...» (pág. 317). Julen Gracq, herdeiro dos princípios estéticos do Segundo Manifesto Surrealista do autor de Nadja, André Breton, para alguns críticos acompanhado como romancista por Boris Vian, André Pyere de Mandiargues e Pierre Klossowski (apesar das diferenças existentes na expressão narrativa de cada um deles), tendo como primeiro romance «Au château d'Argol» (1938), discípulo de Chrétien de Troyes e autor próximo de Barbey d'Aurevilly, vai buscar os seus temas ao romantismo alemão como no caso de «A Costa das Sirtes». Para alguns críticos, esta obra como as outras, poder-se-á denominar de «mítica» ou «emblemática» tal como em «Préférences» o próprio Julien Gracq se refere ao escritor alemão Ernest Jünger. Em «Préférences» Julien Gracq expõe assim as reflexões que o fazem escrever numa unidade de poesia e prosa inimitáveis: «J'avoue que pour moi ce qui compte, tout ce qui vraiment en vaut la peine, se présente toujours en imagination au bout d'un voyage; — il n'y a que là qu'il peut être vraimente question, il me semble, que **le rideau se lève**.»

Mas o que é «A Costa das Sirtes»? Qual o enredo se é que o enredo é o elemento mais justificativo para a singularidade deste romance? Fugindo ao romance tradicional, na linha do chamado «nouveau romain», Julien Gracq dá-nos através das 325 páginas da edição portuguesa o percurso da mudança que se opera em Orsenna, em Maremma e, particularmente, no Almirantado para onde vai destacado o protagonista do romance (uma espécie de investigador das almas individuais e colectivas), Aldo de seu nome, Sr. Observador para o chefe da Polícia de Maremma (personagem-estereótipo da impotência do Poder face à febre indomável e subterrânea das multidões), para o espião ao serviço do Farguestão e, por vezes, para o Supremo da Senhoria, Danielo. Aldo, o protagonista, é o herói porque é o catalisador semiconsciente mas dotado de uma lucidez instintiva face aos acontecimentos. Dois países em guerra, numa trégua de três séculos, conhecida a agitação do país «inimigo» pela metafórica activação do vulcão Tangri e o tédio do nada acontecer permanentemente iludido pela febril vontade de mudança, tudo isto consubstanciado na enigmática figura da princesa Vanessa ou no não menos enigmático quadro do antepassado Aldobrandi exposto nas paredes nuas do quarto de Vanessa, quase antevisão da própria «Costa das Sirtes». Aldo e Marino, este último a suprema autoridade do Almirantado, o primeiro representando a exaltação e a alavanca que dará origem ao desenrolar de todos os acontecimentos até certo ponto incontroláveis, o segundo não mais que a resistência da resignação, o medo que acompanha a sabedoria ou a prudência, com um muro de resistências à inevitável mudança que se respira no ar abafado do Almirantado. Marino revendo-se, apesar de tudo, em Aldo, consciente de que não podem ambos ocupar o mesmo espaço (o novo mais tarde ou mais cedo dá sempre lugar ao velho para, mais tarde, vir a ser ocupado por um outro «novo») e, contudo, cúmplice daquele que infringe o acordo táctico do tédio que consiste em não ultrapassar a segurança das linhas fronteiriças das águas territoriais. Subversão de Aldo ao ocupar a proa do «temível» ancorado com artilharia, quase peça de museu tal como a fortaleza que Fabrizio (contagiado pela febre de Aldo) irá transformar no branco que rasga a penumbra do passado, sinal dos ventos em mudança. Mudança para quê? Mudança para onde? Pouco importa. A mudança está no próprio interior da irrealidade narrativa, da poeticidade do oculto pelo sentido da sensualidade das palavras que nos surpreendem. E disso é testemunho o suicídio de Marino que nos é dado através de uma poeticidade inolvidável: «Seguiram-se alguns segundos de silêncio. De súbito, senti uma impressão de rigidez na nuca, que crescia para os ombros, como se para lá tivessem apontado o cano de uma arma, ao mesmo tempo que uma sensação brutal e iminente do *perigo* me bloqueva o peito. Num instante atirei-me para o chão, agarrando-me ao murete baixo mesmo à beira do abismo. No mesmo momento qualquer coisa tropeçou na minha perna com um sopro pesado e depois baloiçou por cima de mim raspando a balaustrada. Agachado contra a pedra, com a cabeça enfiada nos ombros, o coração suspendeu-se-me por um instante de silêncio sobrenatural e depois, com um ruído flácido, um corpo esbofeteou pesadamente as águas calmas» (pág. 278). «Não sabes a libertação que é um estádio para além do qual nada há», dissera-lhe Marino pouco antes, aquando do seu regresso ao Almirantado e depois do acontecimento decisivo e inesperado deste romance: Aldo chegara perto da costa do Farguestão cortando assim o silêncio de três séculos de uma guerra antiga e não olvidada. Os três tiros de canhão com que fora recebido e a visita do enviado do Farguestão, são disso testemunho.

Voltemos à «Sala dos Mapas». Sejamos Aldo. «Sentei-me de novo diante da mesa e, cuidadosamente, meticulosamente, pus-me a medir algumas distâncias nas cartas marítimas. Por muito rotineiras, por muito automático que me esforçasse por tornar aquele trabalho, estava contudo desconcertado por achar as distâncias tão medíocres, como se as costas daquele mar fechado tivessem ocorrido em semicírculo para diante da nossa proa, de súbito quase ao alcance da mão, e pareceu-me compreender de repente, ao rememorar os meus devaneios da sala dos mapas, como o sono de Orsenna e a pressão frouxa da sua mão tinham acabado por afogar as suas fronteiras mais próximas em brumas longínquas: existe uma escala dos actos que contrai brutalmente diante do olhar resoluto os espaços distendidos pela ilusão. O Farguestão erguera diante de mim escolhos sonhados, o*além* fabuloso de um mar interdito; era agora uma orla alcantilada de costa rochosa, a dois dias de mar de Orsenna. A última tentação, a tentação sem remédio, tomava corpo naquele fantasma que se podia agarrar, naquela presa adormecida debaixo dos dedos já abertos.» (Pág. 202).

Talvez Aldo esteja agora no lugar de Marino, perguntando para o vazio tal como Danielo: «Quem vem lá». Talvez que um outro Aldo lhe surja no caminho quebrando-lhe o tédio agora da mudança. Ou talvez que nada disso aconteça. Talvez que na História e nos romances tudo seja irrepetível. Mas um grande romance onde a irrealidade toma o rigor poético de um real outro, tudo permite. Permite até a cada um, e à maneira da sua imaginação, escrever a pág. 326 e seguintes que, no livro, já não existem. Mas existe «A Costa das Sirtes»? Editora Vega.

La Simphonie Pastorale

Reler, reescutar hoje *La Symphnie Pastorale* de André Gide é salutar a mais do que um título. Sob o ponto de vista literário e estético. Sob o ponto de vista filosófico e teológico...

Nestes anos que correm, céleres, rumo a um ponto de encontro, de confluência, que se desejaria também, ou sobretudo, de reflexão profunda sobre o significado e o alcance possível dos diversos contributos civilizacionais, revisitar Gide, na sua *Symphonie*, é aceder, senão à serenidade, pelo menos a um domínio, caro aos homens, onde o cosmos tende a prevalecer sobre o caos. Acontece, com efeito, que, na citada obra, ainda que subtilmente, os desígnios de Deus se insinuam nos caminhos trilhados pela frágil criatura humana. Um insinuar-se que leva a ver a uma outra luz -sempre mais elevada, mais pura, mais próxima de Deus que dos homens... - as afinidades, os liames afectivos, as relações que a trama do quotidiano estabelece, ou tende a estabelecer, entre as personagens.

Dir-se-ia que o amor inspirado por Gertrude vai sendo submetido, pelo influxo do divino humano, a uma incessante sublimação, a qual - e ocorreria evocar aqui a dicotomia de Platão - afastará, de cada vez mais, o amador do sensível, permitindo-lhe, progressivamente, alcançar o inteligível.

Essa sublimação, que o dedicado pastor e Jacques experimentam contritos, conduzirá, inclusivamente, a que quem por ela é tocado passe a encarar a outros olhos o seu relacionamento com o outro, os outros. Assim acontece com o pastor no tocante a Amélie, sua mulher, ou a Jacques, seu filho, o mesmo se dando entre este e o seu progenitor...

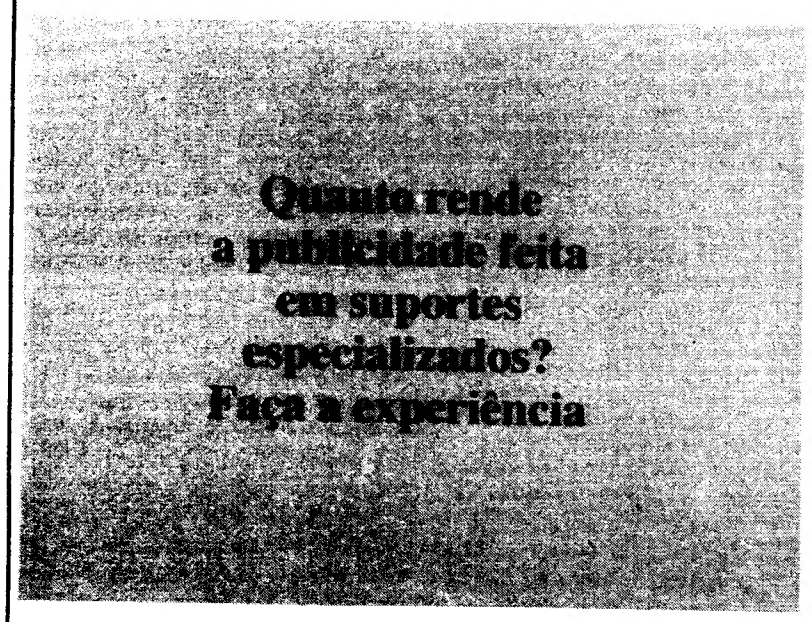
Gertrude, a pobre cega que o desvelado cura de almas fora a arrancar a uma extrema miséria e a um aparente obscurantismo, é, a despeito da limitação que a assinala, o sol em torno do qual giram, vergados por irresistível atracção, as personagens do *récit*: o pastor, Amélie, Jacques, a pequena Charlotte. A cegueira física não obsta a que, no seu íntimo, haja luz, e desse íntimo, veiculada exclusivamente pela sua beleza, irradie luz também. Luz que ilumina quantos a ela, de algum tocados pela graça, são sensíveis. Luz que nem mesmo se apaga quando, nos olhos de Gertrude, se extingue, com a morte, a faculdade da visão que a ciência havia logrado recuperar.

Descrita sob a forma de diário - reportado, este, aos últimos anos do século XIX -, a amarga e sublime experiência do pastor de La Prévine, hesitante entre o amor também físico e o amor puramente espiritual (1), entre o escutar a palavra autêntica do Cristo ou a palavra que, como cristã, divulga S. Paulo (2), permanece, a mais de que um título, repita-se, como um momento alto nas realizações do espírito a merecer empenhada atenção. -Ed. Gallimard.

Manuel Alexandre Alvim

(1) "Le mal n'est jamais dans l'amour" (pág. 95) - reflecte o pastor. - "S'il est une limitation dans l'amour, elle n'est pas de Vous, mon Dieu, mais des hommes" (pág. 131)

(2) Hesitações ou erros que frutificarão em lição: -"Mon père -diz Jacques -, il ne sied pas que je vous accuse; mais c'est l'exemple de votre erreur qui m'a guidé." (pág. 149)



Um homem de grande segredo

Raphael Sorin

A O entrar nos costumes, o surrealismo acabou por se lhes assemelhar. Os palermas apropriaram-se das suas convulsões; os professores não param de as dissecar. Sabe-se que a maior parte das vanguardas não tiveram destino menos funesto. Elas ofereciam de resto, desde que nasceram, o flanco à recuperação.

Surrealistas como Benjamim Péret, Paul Nougé ou Pierre Mabille souberam, no entanto, conservar-se de parte para que o «valor de uso social» dos seus escritos não fora trocado por miúdos ou pacotilha. A moral dominante, à sombra dos seus partidos e das suas igrejas, não está ainda em condições de os achar toleráveis. Atearam ódios com uma mecha suficientemente lenta para ser durante muito tempo negligenciada.

Mabille (1904-1952), apesar da reedição em 1976 dos seus três livros maiores, escritos antes de 1940, **Egrégores, Thérèse de Lisieux de Le Miroir du merveilleux,** não deve apenas a um fim prematuro o seu desterro póstumo. Reconhecendo nele um «homem de grande parecer», André Breton pôs o dedo, com clarividência, no essencial do seu caminhar. «Homem de grande segredo», intervinha em domínios separados desde Novalis, o poético, o estudo do homem e da natureza, o maravilhoso. Procurava no centro e na periferia de todos os caminhos possíveis **«uma verdadeira compreensão sistemática do mundo».**

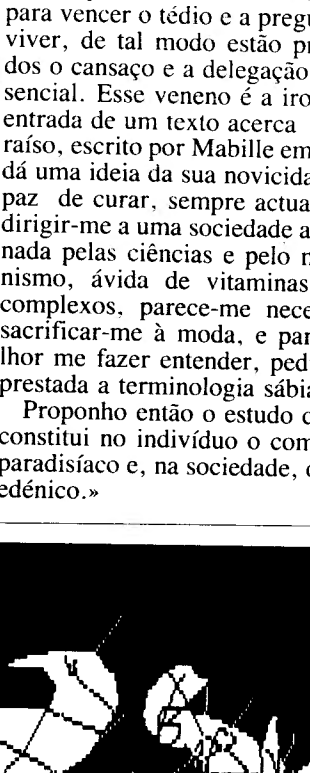
Aplicada à «ferocidade burguesa» e à história de uma das suas vítimas, a infeliz Teresa de Lisieux, a rebelião teórica de Mabille mostrou toda a sua pertinência. Ela nada tinha a ver com as graciosidades artísticas que, com os novos charlatães, nimbaram de modo passageiro a infiltração catastrófica do amor divino no pensamento. Do mesmo modo, a fronteira entre o visível e o compreensível, o perceptível e o imaginável, tornou-se, após essa rebelião, o que nunca deixara de ser, um freio à liberdade de ir mais além.

Os dois volumes de textos de Mabille que recentemente foram reunidos, **Messages de létranger e Traversées de nuit,** aumentarão de maneira útil a presença de uma obra que nos espera, ao alcance da mão. Conferências ou artigos publicados em **Fontaine, Le Minotaure, Tropiques,** etc., elaborados, segundo uma magnetização oculta, formam, para retomar a definição de Péret, «uma estrela cujas pontas seriam orientadas em todas as direcções». Para além das circunstâncias, dos lugares e do tempo de que falam, anunciam uma antropologia diferente, uma ciência das religiões diversa, uma nova abordagem do fenómeno poético, uma epistomologia aventurosa.

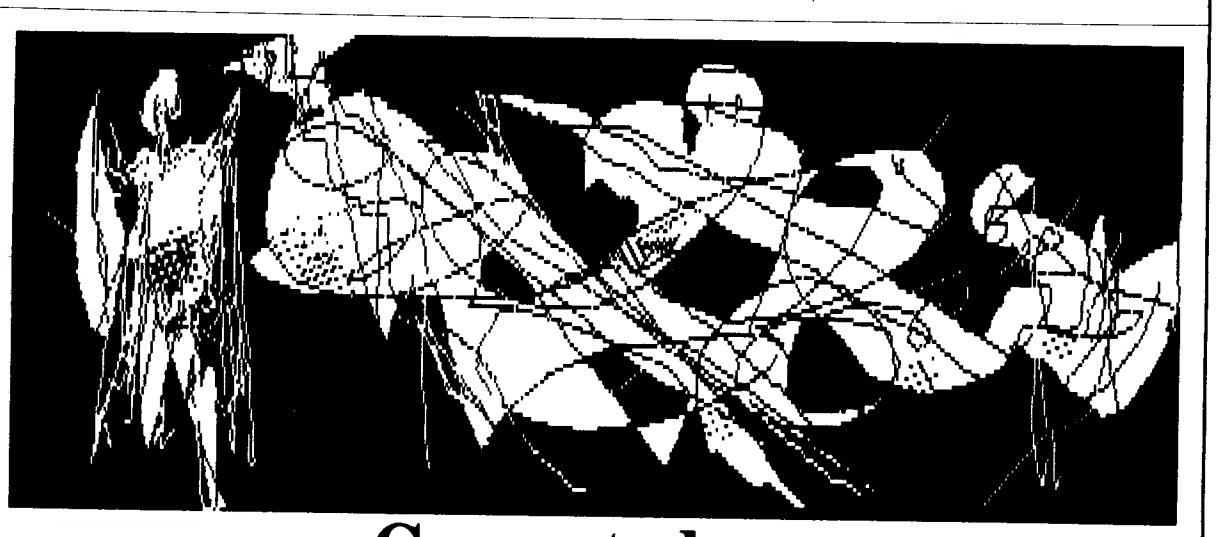
Etnólogo quando descreve os ritos do «vaudou» (culto ou deus africano) haitiano, historiador para seguir a moda dos espelhos através dos séculos, especialista dedicado ao estudo das profecias, Mabille manifesta nas suas numerosas actividades intelectuais, sem charlatanice, na conjunção dos seus domínios, uma exigência fértil que estabelece a unidade dessas actividades. Encontramo-la também nos seus estudos sobre Bachelard, Lautréamont, Leonora Carrington e Willian Blake. É uma grade universal, nunca terminada, que ele aplica calmamente sobre as manifestações excessivas do espírito e do corpo humano.

Como Leiris, outro surrealista isolado, a elevação do estilo de Mabille e o resultado de uma tensão entre a expectativa dos poderes mágicos do amor e a esperança da revolução das relações de produção. É acompanhada, o que a torna mais inquietante, de um veneno de que se perdeu o hábito de destilar para vencer o tédio e a preguiça de viver, de tal modo estão propalados o cansaço e a delegação do essencial. Esse veneno é a ironia. A entrada de um texto acerca do paraíso, escrito por Mabille em 1944, dá uma ideia da sua novicidade capaz de curar, sempre actual: «Ao dirigir-me a uma sociedade apaixonada pelas ciências e pelo modernismo, ávida de vitaminas e de complexos, parece-me necessário sacrificar-me à moda, e para melhor me fazer entender, pedir emprestada a terminologia sábia.

Proponho então o estudo do que constitui no indivíduo o complexo paradisíaco e, na sociedade, o mito edénico.»



Pierre Mabille



Computadores

Os computadores nada criam: limitam-se a fazer, com diligência, rapidez e exactidão, o que lhes mandam fazer. Mas têm que ser bem mandados, exigindo de quem os usa competência e criatividade.

Isto significa que um mau músico, trabalhando com computadores, fará apenas má música, assim como um mau desenhador, tão-só maus desenhos.

Os bons, naturalmente, criarão boas obras, acrescentando à qualidade os méritos da novidade. Para o leitor fazer uma ideia de como se pode desenhar ao computador, como se desenha a tinta-da-china, a lápis ou a carvão, aí vai um desenho da maquetista deste suplemento, Ermelinda Coelho da Silva.

Acabados de Chegar

Que o fogo consuma esta casa, William Styron, Publicações Dom Quixote

Um assassínio, uma violação e um suicídio assinalam os três momentos cruciais deste romance de William Styron, cuja leitura, de tão obsessiva, se não pode abandonar antes do final do volume.

William Styron, conhecido do público português pelo seu romance «A escolha de Sofia», é considerado um dos mais importantes ficcionistas norte-americanos do século XX.

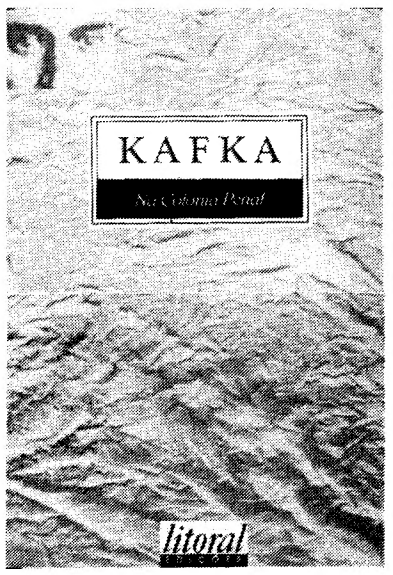
Prémio Pulitzer, em 1967, o autor consegue nesta sua obra um ritmo de narrativa esmagador e uma subtilíssima descrição das inúmeras variantes do bem e do mal. O livro é traduzido por Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira.

As origens da moral sexual, Wilhelm Reich, Publicações Dom Quixote

O presente estudo sobre as origens da moral sexual compulsória, foi redigido em 1931, no meio da tempestade que agitou a República de Weimar, antes da subida de Hitler ao poder.

Com base nas investigações de Morgan, Engels e, muito principalmente, de Bronislaw Malinowski, Wilhelm Reich procurou explicar neste seu livro o problema dos distúrbios sexuais e das neuroses, abordando o lado etnológico da economia sexual, que presidem à organização das sociedades humanas.

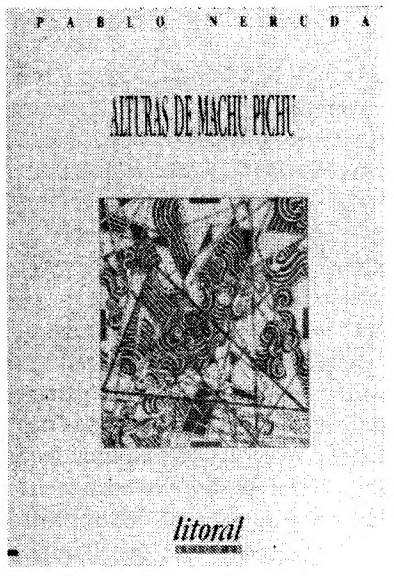
Tradução de José António Fragoso Fernandes.



Na colónia penal, Kafka, Litoral Edições

«Se o oficial de *Na Colónia Penal,* a quem durante anos esteve confiado o pelouro da justiça, no momento de se submeter ele próprio ao suplício, escolhe para o seu corpo a brevíssima inscrição 'Sê justo!', é certamente por julgar saber que existe a possibilidade dum conhecimento diferente, imaterial, a esperança dum sentido liberto para um preceito que sempre conheceu. Kafka dizia que 'a esperança é infinita, só que não é nossa'. E assim, o sentido que o oficial procurava, esgota-se no desmembramento da máquina e num martírio desselegante, ou seja, numa passagem ao lado do sentido cuja possibilidade foi entrevista», escreve José M. Justo na introdução á sua tradução da célebre narrativa de Kafka.

o livro, um dos raros que Kafka publicou em vida (1919) mereceu logo uma recensão entusiástica de Kurt Tuchjolsky: «Um livrinho que é uma obra-prima. Desde o *Michel Kholhaas* não se escreveu em alemão uma 'nouvelle' que choque a nossa simpatia interior com tamanha força, consciência e evidência. (...) E tudo contado com desmedida frieza e distância. (...) è total a ausência de escrúpulo. Total, como em Kleist.»



Alturas de Machu Pichu, Pablo Neruda, Litoral Edições

«Ao fazer há cinco ou seis anos e para prazer próprio a tradução de *Alturas de Machu Pichu* tive uma compensação extra, dessas que só a poesia dos grandes poetas pode oferecer: senti que Neruda continuava mágico e concretamente a viver não apenas nos lineamentos, nos mistérios florais e geológicos do poema, mas ainda nas coisas simples com que o tinham semeado: os grãos de milho, a lã da vicunha, os furacões e as águas, o barro fresco das sepulturas da América imemorial e quantas coisas mais! Agora, ao rever o trabalho para publicação, é ainda maior a sensação de vida que emana do poema. Na verdade, este chileno é insepultável» — palavras de Luís Nogueira, autor da tradução do poema, feita num verbo amoroso e justo.

Alturas de Machu Pichu é uma parte do vasto poema Canto General. Pode, como diz Luís Nogueira, ser lido fora do contexto do livro a que pertence e, aliás, teve inicialmente vida autónoma, integrando-se em *Canto Heneral* apenas a partir da segunda versão.

Paisagens depois da batalha, Juan Goytisolo, Relógio d'Água

De um final presumido para um falso princípio, este livro convida a uma leitura árabe, feita da direita para a esquerda.

Concebido como um «puzzle», este livro de Goytisolo aborda de forma desconcertante, o tema dos fantasmas racistas e dos síndromas terroristas.

A excentricidade do prtagonista surge como uma defesa contra a normalização da nossa época. «Duplamente exilado do seu país e do seu tempo, só consegue reconhecer-se na dispersão das ideias, sentimentos e impulsos», como se diz na contracapa do livro.

Francisco José Viegas, e Carlos Vaz Marques são os autores da versão portuguesa desta história da Juan Goytisolo, onde também se fala de catastróficas previsões ecológicas e de fantasias sexuais próximas ao mundo infantil do criador de «Alice no País das Maravilhas».

Contribuições para a história do pensamento económico em Portugal, organização e prefácio de José Luís Cardoso, Publicações Dom Quixote.

O Centro de Investigação Sobre Economia Portuguesa (CISEP), do Instituto Superior de Economia de Lisboa, organizou durante o último trimestre de 1987 um Seminário Sobre História do Pensamento Económico em Portugal, com o objectivo de dar um contributo para o desenvolvimento da pesquisa neste domínio científico, e procurou assegurar a participação de pessoas com formação em áreas tão distintas como sejam as da Filosofia, da História, da Economia e da Sociologia.

O presente volume reúne pois as diversas comunicações apresentadas durante aquele seminário, as quais constituem um precioso e quase pioneiro contributo para a história do pensamento económico no nosso país. No seu conjunto pela riqueza e pela variedade das investigações de que nele se dá notícia, o volume **Contribuições para a História do Pensamento Económico em Portugal** representará decerto uma obra de referência obrigatória para quem quer que se interesse pelo estudo das interpretações da realidade económica portuguesa.

Textos de: Alcino Pedrosa, António Almodôvar, Armando de Castro, Carlos Bastien, Diogo Ramada Curto, Fernando Rosas, J. Esteves Pereira, Jorge Pedreira, José Luís Cardoso, José Maria Brandão de Brito, José Vicente Serrão e Mendo Castro Henriques.

O sitema de emprego em Portugal, Maria João Rodrigues, Publicações Dom Quixote

Reproduzindo no essencial uma tese de doutoramento defendida o ano passado em Paris e que depois foi contemplada com o Prémio Gulbenkian de Ciência e Tecnologia, «O Sistema de Emprego em Portugal — Crises e Mutações» tem por objectivo aprofundar o conhecimento da evolução recente do mercado de trabalho no nosso país e propor uma abordagem teórica alternativa para esta linha de investigação, com base no conceito de «sistema de emprego».

A autora exerce funções docentes no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e de Empresa. O seu livro visa apresentar um novo quadro teórico susceptível de permitir uma intervenção mais eficaz na problemática do trabalho e do emprego.